LAP

VERBVM

LIBRARY OF PRINCETON
JAN 25 1988
THEOLOGICAL SEMINARY

SVMÁRIO

P. Francisco Leme Lopes, S. J. — A mensagem espiritual do P. José de Oliveira Dias, S. J. 131

† P. José de Oliveira Dias, S. J. — De surpresa em surpresa. Crítica e impressões de uma leitura 147

Mansueto Kohnen, O. F. M. — O prêmio Nobel é ainda atual? 191

P. Hélio Abranches Viotti, S. J. — Félix Guisard 191

Fausto Bradesco — A atualidade dos grupos de pressão (II) 205

RESENHA DE REVISTAS

Pierre Teilhard de Chardin e seu pensamento no plano filosófico e religioso 231

RESENHA DE LIVROS 241

ÍNDICE DO TOMO XIX (1962) 245

UNIVERSIDADE CATÓLICA
Rio de Janeiro

Tomo XIX Dezembro de 1962 Fasc. 4

VERBVM

REVISTA TRIMESTRAL

FUNDADOR: P. LEONEL FRANCA S.J.
DIREÇÃO: P. LAÉRCIO DIAS DE MOURA S.J.
REDAÇÃO: P. FRANCISCO LEME LOPES S.J.

ASSINATURA ANUAL (4 FASCÍCULOS) ..... Cr$ 600,00
FASCÍCULO AVULSO ..... Cr$ 180,00
EXTERIOR — ASSINATURA ..... $ 6.00 DÓL.

ADMINISTRAÇÃO: Rua São Clemente, 226 — Rio

COLABORAM NO PRESENTE FASCÍCULO

P. FRANCISCO LEME LOPES, S. J., Professor de Filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Redator de VERBUM, Ex-Professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia S. J. de Nova Friburgo. Autor de *Introdução à Filosofia* e *A pena de morte.*

MANSUETO KOHNEN, O. F. M., Catedrático de Língua e Literatura Alemã na Universidade do Brasil, Catedrático de Língua Alemã e Professor de História das Artes na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Dr. phil., Dr. litt. h. c. (Siena College, N. Y.), Secretário da "Commissio Marialis Franciscana" (Roma), Sócio da Pro Arte (São Paulo), do Instituto Hans Staden (São Paulo), da "Internationale Vereinigung für germanische Sprach und Litteraturwissenschaft" (Kopenhagen), do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Rio de Janeiro). Autor de *História da Literatura Germânica* (2 vols.), *Síntese histórico-literária das Letras Germânicas, Gertrud von le Fort e a idéia do Reich, Rainer Maria Rilke, O Realismo Germânico, O Romantismo nas Letras Germânicas.*

P. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S. J., Professor de História do Colégio São Luís de São Paulo, Ex-Diretor do mesmo, do Colégio Antônio Vieira da Bahia, da Faculdade de Ciências Econômicas São Luís, do Instituto Superior de Cultura Religiosa Mater Boni Concilii, Ex-Professor de Doutrina Católica na Faculdade Sedes Sapientiae, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e de Minas Gerais.

FAUSTO BRADESCO, Doutor em Direito e diplomado pela Ecole des Hautes Etudes Internationales de Paris.

José de Oliveira Dias S.J.

A MENSAGEM ESPIRITUAL DO P. JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, S. J.

P. FRANCISCO LEME LOPES, S.J.

A quem compulsar, ainda que sumàriamente, o último decênio de VERBUM, para logo aparecerá como dos mais assíduos e autorizados colaboradores de nossa revista o R. P. José de Oliveira Dias, S. J. Cabe-nos agora, nestas páginas que êle tanto ilustrou, dizer-lhe uma comovida palavra de adeus. Procuraremos seja simples e objetiva, mesmo porque temos presente o que êle aqui escreveu certa feita: "Nunca simpatizamos com a prosa farfalhuda de certos elogios fúnebres, que por vêzes ocupam as colunas dos jornais, e em que a hipérbole dos encômios envolve o perigo de se confundir com a ironia." [Cfr. VERBUM, XII (1955), 207].

In domum Domini ibimus

Ocorreu sua morte a 1.º de outubro último, à idade de 72 anos, que completara a 14 de setembro. Faleceu na Casa de Saúde São José, onde pouco antes fôra submetido a uma nova intervenção cirúrgica. Nem poderíamos deixar de aludir à dedicação e à competência de seu médico clínico, Dr. Jayme Vignolli, e do cirurgião Dr. Leônidas Côrtes. Mas o coração não resistiu. De seus últimos instantes vai falar-nos como testemunha ocular um de seus irmãos de Ordem, o Padre Antônio Carlos de Almeida Angelim, S. J.

"Encontrei-o na cama respirando ofegantemente e ouvindo os salmos que o P. Mendes de Almeida recitava. Reconheceu-me logo, ainda que três anos eram decorridos desde que me vira pela última vez. Com seu fino humor, qualidade que con-

servaria até o último momento de vida, foi logo dizendo: "Êste também é português."

"Perguntei como estava e a resposta veio pronta: "Cá estamos, confiando e esperando."

"Seu corpo estava frio e ao perguntar ao médico se era conseqüência de algum remédio ou proximidade da morte, êle me respondeu que esta poderia acontecer a qualquer momento, e que seria bom que o doente não falasse muito devido à fraqueza do coração.

"A caridade do P. Oliveira Dias não permitia que êle ficasse quieto, queria não ser cansativo aos presentes e contìnuamente nos dizia: "Até loguinho, não se preocupem; pois bem, vamos a ver, cá estamos confiando e esperando." Nos primeiros minutos notava-se que perdia a consciência por pequeno espaço de tempo e então começava a dizer: "Vamos dar um salto. Vamos lá, levantem-me, quero saltar, quero subir."

"Os médicos avisaram novamente que não seria bom que êle falasse tanto. Resolvemos então rezar o têrço em comum, recitando jaculatórias apropriadas depois de cada Ave Maria. Dissemos-lhe que as acompanhasse mentalmente, mas êle as recitava baixinho. Demos-lhe a absolvição final que êle acompanhou com muita piedade. Fêz o Sinal da Cruz e beijou o Crucifixo com verdadeiro amor. Chegou mesmo a levantar-se para beijar Jesus Crucificado que lhe era apresentado. O Padre Mendes de Almeida lembrou-lhe que estávamos no mês do Rosário, na festa da Medianeira e que Nossa Senhora a quem tanto tinha honrado, certamente estaria ali a seu lado. Respondeu: "Não há dúvida de que Ela está aqui presente." Muito se alegrou quando lhe cantamos o "Ave" de Fátima. Via-se que era para êle uma consolação ter o têrço entre os dedos: não o largou. Quando em dado momento lhe dissemos que íamos interromper a oração para que não se cansasse, retrucou: "a oração não cansa."

"A um determinado momento rezávamos a Ladainha dos Santos e quando começamos a invocar os Santos da Companhia de Jesus, êle mesmo continuou sòzinho: "S. Luiz de Gonzaga, S. João Berchmans", acrescentando "e tôda a família, cá estamos nela." Não perdeu a paciência. Quando se queixava das dores, era sempre em forma de perguntas. Tinha enfiada na

perna esquerda a agulha do sôro que lhe causava dores agudas. Instintivamente movia a perna a ponto de sermos obrigados a usar de fôrça para que a perna não se contraísse. Sua única observação era: "Mas que é isto? E por quê doi tanto?" A uma palavra do enfermeiro, porém, para que não movesse a perna, êle procurava parar imediatamente.

"Sua pressão baixava e seu corpo começava a ficar mais frio. Pedimos-lhe que rezasse por nós e oferecesse suas dores e sofrimentos para que nos conseguisse a graça das graças: a de uma santa morte na Companhia de Jesus, e de chegarmos à santidade a que êle chegou. Responde com seu inesgotável humor: "Isto é muito pouco. Deve-se aspirar a mais, muito mais." O P. Mendes de Almeida dá-lhe o Crucifixo para beijar. Consciente até o fim, continuou acompanhando com muita piedade as jaculatórias entremeadas com Ave Marias. Êle que sofrera tanto nos últimos dias, parecia agora esquecido das dores, tal era a serenidade que transparecia de seu semblante. Repetira ainda suavemente: "Jesus, Maria, José, expire em paz entre vós a minha alma."

"Seus olhos se fixaram e um pequeno esgar no lado esquerdo (e isto foi tudo) nos indicava que a Companhia Gloriosa recebia no Céu mais um dos seus dedicados servidores."

A formação jesuítica

Para a Companhia militante entrara José de Oliveira Dias a 1.º de novembro de 1908. Ao comemorarmos num ágape fraterno o cinqüentenário da grata efeméride, na alocução de agradecimento contou o homenageado que, ao ser recebido à tarde de Todos os Santos pelo R. P. Luiz Gonzaga Cabral, já estava tudo disposto para a celebração do ofício de defuntos. "Minha entrada seria um dia de luto para a Companhia", disse gracejando. Muito pelo contrário. Filho dedicado, que sem hesitação fêz sempre suas estas palavras de Vieira, de Vieira que êle conheceu e assimilou como poucos,[1] "êste paraíso só se

[1] Em nosso número comemorativo do 350.º aniversário do nascimento de Vieira, coube-lhe estudar o Pe. Antônio Vieira *"in signum cui contradicetur"* (Cfr. VERBUM XV (1958), 360-401). Assim se expressa pouco depois do início: "Gigante do saber, cintilação máxima do verbo humano, feito à imagem e semelhança do Verbo Divino, êle ensinou um S. Leonardo de Pôrto Maurício a pregar, ensinou a gerações de prega-

podia deixar por aquêle paraíso, e esta Mãe só por aquela Mãe [Celestial]." [2]

Quando se alistou na milícia de Inácio, Oliveira Dias estudava preparatórios no Seminário Patriarcal de São Vicente (Lisboa). Estava para terminar seu biênio de noviciado quando a República Portuguêsa, proclamada a 5 de outubro de 1910, obrigou os Jesuítas, em nome da liberdade, a deixarem o território pátrio. Quando houve de enfrentar as iras do populacho, o noviço de 19 anos, ouviu de uma mulher do povo entre outras amáveis exclamações: "Olhem para aquêle! Tão pequeno e já fêz tanto mal", tradução livre do *tantillus puer et tantus peccator* de S. Agostinho. [3]

No exílio, pois, é que iria fazer os seus primeiros votos e continuar sua formação religiosa. Vemo-lo assim cursando a filosofia em Gemert (Holanda), a Teologia em Sarriá (Barcelona). A 23 de setembro de 1923 era ordenado sacerdote. Terminada a Terceira Provação em Tronchiennes (Bélgica), passou a Roma, onde fêz a profissão solene a 2 de fevereiro de 1927. Especializa-se em Filosofia durante dois anos na Pontifícia Universidade Gregoriana. [4] Segundo a legislação eclesiástica em vigor, recebe o título de "Magister Aggregatus".

A propósito da "ciência média"

Sua tese doutoral versa sôbre a prioridade de Pedro da Fonseca, S. J. na concepção da teoria da ciência média, geral-

---

dores a arte de persuadir, a um Rui Barbosa o segredo de bem falar, ensinou Portugal e ensinou o Brasil a falar português" (pg. 360). Quanto a S. Leonardo de Pôrto Maurício, curiosíssimo o artigo que nos deixou Oliveira Dias: *Um alto-falante de Vieira nos púlpitos de Roma e da Toscana.* Cfr. VERBUM XII (1955), 435-449.

[2] *Sermões do P. Antônio Vieira, Sermão do Beato Estanislau,* § 5, n. 303. Na edição princeps, XI parte, 1686, pg. 275.

[3] O episódio vem referido, sem citação do nome do noviço, no livro de L. Gonzaga de Azevedo, S. J., *Proscritos,* 1911, I parte, pg. 137. — Gostou muito o P. Oliveira Dias de ver o episódio lembrado na festa íntima do seu jubileu religioso. No livro citado, pode-se acompanhar a odisséia dos Jesuítas Portugueses em 1910. Oliveira Dias é mencionado à pg. 324 entre os que a 28 partiram no "Sindoro" com rumo a Gibraltar. — Entre os companheiros de noviciado figurava o médico Dr. Antonio Mendes Lages, de 72 anos de idade, de quem se escreveu a biografia.

[4] Vários dados bio-bibliográficos aqui recolhidos foram tomados da *Grande Enciclopédia Portuguêsa e Brasileira,* Editorial Enciclopédia, Lisboa — Rio de Janeiro, vol. XIX, pgs. 396-397, vol. XL (Apêndice), pg. 235, *sub verbo* Oliveira Dias (Padre José de).

mente atribuída, como é sabido, a Luís de Molina, S. J. Do valor de sua contribuição para o esclarecimento do tema, ficou-nos um esplêdido testemunho nos três artigos que pouco depois publica na *Brotéria*, por ocasião do 4.º centenário do nascimento de Fonseca. [5] No confronto dos textos explícitos de um e outro sôbre a prioridade em propor a doutrina da ciência média, textos aparentemente contraditórios, mostra como Fonseca foi o primeiro a propô-la em aula e em escritos dados só aos alunos, Molina em livro. E o testemunho dêste é exarado "numa época (1592, 1595), em que via desencadeada contra si e contra a sua obra de 1588 uma tempestade furiosíssima, quando não havia adversário que não lhe chamasse herege, quando mesmo circulavam certos prenúncios de iminente condenação pontifícia. Não se deve portanto estranhar que o ilustre teólogo espanhol em seus escritos passe sob silêncio o nome de Fonseca. Citá-lo nessas circunstâncias como partidário ou como fundador da sua teoria, seria o mesmo que denunciá-lo como conivente na mesma *heresia* ou associá-lo aos anátemas com que os adversários não se cansavam de o ameaçar. Natural era pois que a sua caridade de irmão lhe inspirasse melhores sentimentos." [6] O testemunho do P. Antonio Franco, autorizado cronista, famoso autor da *Imagem da Virtude* e do *Annus Gloriosus*, é bem explícito e reproduz por certo as tradições de Coimbra, aludindo inclusive a cartas de Molina a respeito. [7] Pedro da Fonseca foi, pois, molinista antes de Molina. [8] O primeiro predominantemente filósofo, o segundo vol-

---

[5] Cfr. *Brotéria*, vol. VII — 1928, *Um centenário, Pe. Pedro da Fonseca, ou Pero de Affonseca, da Companhia de Jesus* (1528-1928), pgs. 137-147, 265-272, 343-355. — Referindo-se em 1954 ao trabalho publicado na *Brotéria*, escreverá Oliveira Dias: "Essa prioridade [cronológica de Fonseca em ensinar a ciência média] fôra nesse mesmo ano [de 1928] objeto de tese que pùblicamente me foi dado defender na Universidade Gregoriana de Roma". Cfr. VERBUM XI (1954), 37.

[6] Cfr. *Brotéria*, vol. VII, 1928, pg. 271.

[7] *Ibidem*, pgs. 269-270.

[8] Num sentido mais amplo, já "se pôde dizer com razão que tôda a Companhia era molinista antes de Molina". Cfr. Joseph Brucker, S. J., *La Compagnie de Jésus*, Paris, Beauchesne, 1919, pg. 461. O mesmo autor assinala como era fácil prever que os Jesuítas por sua educação espiritual se inclinariam para a sentença que procura salvaguardar mais plenamente a parte da liberdade humana no ato salutar. "Tudo nos Exercícios [Espirituais] de seu Pai, como em suas Regras, tende a inculcar-lhes a estima da ação humana livre, ao mesmo tempo que o respeito soberano do domínio de Deus. E, em suas Normas de Ortodoxia, Santo Inácio

tado também para tôdas as repercussões teológicas do problema. Estudando a contribuição do "Aristóteles Lusitano", o jovem "Magister Aggregatus" da Gregoriana cita com particular agrado a palavra de Théodore de Régnon em *Bañezianisme et Molinisme* (pg. 29), que saúda em *Fonseca "le plus grand métaphysicien qu'ait enfanté la Compagnie de Jésus."*

A propósito da doutrina da ciência média, recorda a palavra de Joseph de Maistre em seu estudo *De l'Eglise Gallicane* (Lyon, 1829, l. 1, C. 9, pgs. 91-92): *"à la fois philosophique et consolant sur le dogme redoutable qui a tant fatigué l'esprit humain, système qui présente après tout le plus heureux effort qui ait été fait par la philosophie chrétienne pour accorder ensemble suivant les forces de notre faible intelligence res olim dissociabiles, libertatem et principatum."*

Em *duas palavras de apreciação*, no final de seu trabalho, Oliveira Dias mostra como realmente o molinismo concilia o Poder Divino e a liberdade humana. Com sua habitual clareza e vigor de argumentação, assim o exemplifica: "se os auxílios que Deus lhe confere são de tal modo gratuitos que da criatura *não depende* ser colocada na ordem da providência em que de fato há de merecer; uma vez porém que ao livre arbítrio se deixa intacto o exercício de sua atividade, *dêle dependerá* sempre merecer na ordem da providência em que é colocado."[9] E logo a seguir: "Do mesmo modo, porque Deus é senhor livre e absoluto de seus dons, do homem *não depende* receber aquêles auxílios sobrenaturais que de fato hão de ser eficazes. Mas, como êsses auxílios são de si mesmos suficientes, no sentido verdadeiro da palavra, e como sempre permanece livre em cooperar ou não com êles, *de si mesmo depende* que

---

recomenda moderação quando se celebrarem os louvores da graça para não se dar ocasião ao êrro protestante, que nega o livre arbítrio, de se insinuar no espírito dos ouvintes. Os discípulos seguiram fielmente essa direção [....] De fato, Belarmino, Toledo, Suárez, Léssio, os Jesuítas de Roma e dos países nórdicos, como os da Espanha e de Portugal, falaram da eficácia da graça como Molina, vários anos antes da aparição de sua *Concórdia*" (*Ibidem*, pgs. 460-461). — A formulação explícita da teoria da ciência média ou do conhecimento divino dos futuríveis ou futuros livres condicionais lògicamente anterior ao decreto absoluto da existência, eis a criação de Fonseca, defendida em livro primeiramente por Molina, donde o nome de *molinismo* para o sistema, que dêste modo recebe a melhor base de sua justificação racional.

[9] Cfr. *Brotéria*, loc. cit., pgs. 352-353.

os auxílios recebidos sejam eficazes." [10] Mostra a seguir o que se refere à consecução da glória. [11]

Já antes escrevera:

"...todo o sistema está baseado na consentânea distinção e ordem dos signos (ou instantes de razão), nos atos de Deus previdente e providente, graças aos quais se chega a entender como o ato livre não existe porque é conhecido, mas é conhecido porque existe; e nem o predestinado há de praticar a virtude porque é predestinado, nem o réprobo há de pecar porque é réprobo; mas é predestinado aquêle porque pratica a virtude, é réprobo êste porque livremente peca e livremente persevera no pecado." [12]

Com a mesma clareza assinalara um ponto de suma importância em tôda a questão:

"Esta divisão e disposição dos signos de razão que se distinguem nos atos da inteligência e da vontade divina justifica-as maravilhosamente Fonseca na mesma secção 8.ª e depois na secção 1 da q. 8.ª (pg. 181). De fato, isto não é outra coisa mais que estabelecer uma ordem lógica ou uma lógica ordenada nos atos divinos. Processo legítimo sem dúvida. É certo que em Deus tudo é *um*, ato *único* perfeitìssimamente identificado com a divina Essência. Mas não é menos certo que nesse Santuário de Unidade reina a ordem e a harmonia, e que nessa inefável unidade está o fundamento e razão de ser de tôda a multiplicidade." [13]

---

[10] *Ibidem*, pg. 353.

[11] Excelente resumo das várias posições doutrinais a respeito desta matéria pode ser visto no livro de Ismael Quiles, S. I., *La persona humana*, 2.ª ed., Espasa-Calpe, Argentina, Buenos Aires-México, 1952, nota 324, pgs. 360-362.

[12] *Ibidem*, pg. 345.

[13] *Ibidem*, pgs. 345-346. — Moderno expositor da teologia, assim resume os signos da razão: "O conhecimento divino de um ato futuro livre equivale a esta série de atos: Num primeiro signo de razão Deus Se conhece sòmente a Si mesmo, isto é, o seu Ser enquanto Ser Divino sem nenhuma relação *ad extra*; num segundo signo de razão conhece o homem possível e todos os seus atos como meramente possíveis; num terceiro signo vê que êste homem, se, criado, fôr colocado em certas condições, realizará êste determinado ato, omitidos outros *hic et nunc* igualmente possíveis; num quarto signo, Deus decreta de modo absoluto colocar de fato êste homem em tais circunstâncias; num quinto signo finalmente vê aquêle determinado ato absolutamente futuro". Cfr. Josephus Mors, *Institutiones Theologiae Dogmaticae, Tractatus de Deo Uno et Trino*, 1941, Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, n. 183, pg. 136. — Num exemplo concreto, o conhecimento do arrependimento futuro de um pecador: num

Vinte e três anos depois de sua defesa de tese sôbre o criador da teoria do conhecimento dos futuríveis, voltaria ao tema o Pe. Oliveira Dias, já agora nas páginas do VERBUM, examinando a argumentação de Rabeneck, pouco antes publicada no *Archivum Historicum Societatis Iesu.* O defensor de Pedro da Fonseca mantém brilhantemente seu ponto de vista.[14] Passam-se três anos e na *Revista Portuguêsa de Filosofia* um antigo discípulo de Oliveira Dias entra no debate sôbre a controvertida paternidade da ciência média. O mestre responde com energia.[15] Revida o articulista da *Revista Portuguêsa de Filosofia.* Sua morte imprevista não impede a tréplica de Oliveira Dias.[16] Escreve êste: "Divergências de opinião nunca devem resfriar a amizade, e por isso queremos testemunhar-lhe aqui todo o nosso aprêço e prestar-lhe a homenagem da nossa saudade sincera [...] Que se dê todo o realce aos seus dotes, é justo; mas sem nunca se perderem de vista os horizontes da verdade."[17] Depois de evocar os méritos do antigo discípulo, pergunta: "Afinal quem é que deixa de refutar os erros dum filósofo ou dum historiador só pelo fato de êle não pertencer ao número dos vivos? Ai do mundo, ai da verdade se ela não pudesse ser defendida por uma simples questão de sentimento! O mundo tornar-se-ia um matagal de erros, a Igreja seria já um viveiro de heresias."[18] E abaixo: "Na breve tréplica que, com grande pesar, empreendemos agora,

---

2.º signo, Deus conhece que Fulano poderá *livremente* arrepender-se ou poderá *livremente* não se arrepender; num 3.º signo, Deus conhece que, se Fulano fôr colocado em tais circunstâncias, *livremente* se arrependerá; num 4.º, Deus decreta que haja tais circunstâncias; num 5.º, Deus conhece o *livre* arrependimento futuro de Fulano. Note-se o progresso lógico entre o 2.º e o 3.º signo: uma coisa é saber que alguém *se pode livremente arrepender* e outra saber que *livremente se arrependerá* se estiver em tais circunstâncias. O decreto absoluto de Deus atinge a condição (*Haja tais circunstâncias*) e não o condicionado e assim não destrói a liberdade do ato humano, que passou do estado de mera *futuribilidade* para o de *realidade.* O domínio de Deus está plenamente salvo, porque o decreto depende exclusivamente da Vontade Divina e sem êle não se dará o ato livre do homem.

[14] Cfr. VERBUM, VIII (1951), 367-382: *Ainda a controvertida paternidade da chamada ciência média.*

[15] Cfr. VERBUM, XI (1954), 37-63: *Em tôrno do duelo Fonseca-Molina. Uma argumentação suicida.*

[16] Cfr. VERBUM, XII (1955), 207-228: *Liquidação final de uma controvérsia.*

[17] *Ibidem,* pg. 207.

[18] *Ibidem,* pg. 208.

visamos apenas o êrro, não o homem, cuja boa fé teimamos em não discutir. Não perturbemos ao justo o sono da paz em que Deus o embalou; mas não deixemos em paz o êrro, que à paz não tem direito." [19]

Até o fim de seus dias conservou o P. Oliveira Dias uma grande admiração pela genial concepção da ciência média para conciliar Poder Divino e liberdade humana. Não raro no convívio fraterno trocamos idéias a respeito dessa doutrina que a Companhia de Jesus fêz sua e com tanto garbo defendeu na questão *De auxiliis*. Ao recordarmos a mensagem espiritual do P. Oliveira Dias, não poderíamos omitir uma referência a ponto doutrinal que lhe foi tão caro.

Na cátedra, na imprensa e no púlpito

Retomando o itinerário de sua vida de Jesuíta, uma vez terminada a especialização em filosofia, foi aplicado ao ensino da mesma a seus irmãos em religião. De 1928 a 1939 vemo-lo ocupado nesse mister relativamente aos estudantes Jesuítas portuguêses instalados sucessivamente em Oya (na Galiza), Guimarães e Braga. De 1935 a 1947 ensina eloqüência sagrada no Seminário Conciliar de Braga. Dêste último ensino surgiu seu livro *Elemento de Arte Concionatoria* (Pôrto, 1936), ampliado mais tarde (1955) em seu *Novo Curso de Oratória Sagrada.* [20] Aliás, o professor sempre aliara ao ensino as lides da pena e da pregação. Vemo-lo assim como colaborador da *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana* (Espasa, Barcelona), da revista *Brotéria*, de *Acção Médica* e particularmente do *Mensageiro do Coração de Jesus*, a cuja redação pertenceu de 1936 a 1947. Preparou a 3.ª edição portuguêsa da *Vida de Santa Gema Galgani*, escrita pelo P. Germano de S. Estanislau e traduzida pelo P. Manuel Matos Soares, à qual antepôs extenso e valioso prólogo (Pôrto, 1940). Já o atraía o estudo dos fenômenos místicos.

---

[19] *Ibidem*, pg. 208.

[20] A pedido nosso, o saudoso Dom Francisco de Aquino Corrêa, uma das grandes vozes da eloqüência sagrada entre nós, apresentou aos leitores de VERBUM o volume do P. Oliveira Dias, reproduzindo as palavras que proferiu na Academia Brasileira de Letras ao oferecer o volume à instituição de que era um dos grandes ornamentos. Cfr. VERBUM, XII (1955), 502-504.

A serviço da divulgação de boas obras, trasladou para vernáculo o livro do P. Raul Plus, S. J., *Cristo no lar* (1.ª ed., Pôrto, 1944; 2.ª ed., Pôrto, 1948). De Hilário Belloc traduziu o volume sôbre *Richelieu* (Braga, Livraria Cruz, 1950).

O professor e tradista de eloqüência sacra viu editado pela Câmara de Braga seu *Sermão do Te Deum de Abertura das Comemorações Centenárias*, proferido na Sé Catedral de Braga em 1940.

Em janeiro de 1951 é o P. Oliveira Dias transferido para o Brasil. Já estivera na Terra de Santa Cruz ensinando no Colégio da Bahia por ocasião do magistério que costumam fazer os Jesuítas entre os estudos de filosofia e teologia. Ao chegar agora ao Rio de Janeiro, fica deslumbrado ante a beleza do Cristo do Corcovado, como o refere em artigo do nosso *Mensageiro do Coração de Jesus.* [21] A princípio ensina em nossa Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Rio de Janeiro e no Instituto Social; a seguir, nas casas de formação dos Jesuítas em Nova Friburgo e em Itaici. Aplica-se simultâneamente aos trabalhos de pregação, particularmente de retiros ao clero, a religiosas, a leigos. Muito e muito apreciado. Faz pouco tempo, uma veneranda figura de nosso Episcopado nos dizia que o retiro do P. Oliveira Dias ao clero fôra o melhor daqueles a que ùltimamente assistira, comparando-os com os clássicos dos Padres Levignani, Taddei, Natuzzi e outros da velha guarda. [22] Incontáveis as práticas a comunidades reli-

---

[21] Cfr. *Mensageiro do Coração de Jesus*, Rio de Janeiro, maio de 1951, pgs. 33-35: *Na Baía de Guanabara. Uma Aparição Impressionante.* O artigo não vem assinado. Vemos por êle que o P. Oliveira Dias chegou ao Rio de Janeiro a 27 de janeiro de 1951, a bordo do 'Serpa Pinto", "simpático e possante moço de recados que vai e vem, que traz e leva, que anda numa roda viva entre o Brasil da Europa e o Portugal da América" (pg. 33).

[22] Em fins de agôsto último, deu o retiro ao clero de Nova Iguaçu, reunido no Rio, na Casa de Nossa Senhora da Paz. Num relatório familiar, destinado às "Notícias da Província do Brasil Central" da Companhia de Jesus, escrevia: "Consegui obter ali um esconderijo para celebrar, sem provocar a extranheza de olhares que se pudessem escandalizar com as minhas genuflexões anti-litúrgicas, obrigado como estava a fazê-las no rito semi-dúplex, se é que passavam de simples simulacro de genuflexão. O que valeu foi o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo D. Honorato compreender a situação dum recém-operado em vésperas de voltar a sê-lo. Êle mesmo com extrema gentileza que me deixou confundido, trazendo-

giosas, não raro muito originais, sempre de uma segurança de doutrina e de uma notável pureza de linguagem. Uma fina ironia prestava particular graça ao que dizia e escrevia. E seu estilo tinha com freqüência algo de contencioso.

Aqui também suas publicações foram numerosas. Seus artigos publicados no Brasil dariam um belo e alentado volume. Se tivemos o privilégio de receber nas páginas de VERBUM a maior parte de sua produção, também outras revistas, particularmente a *Carta aos Padres* e a *Revista da Conferência de Religiosos*, foram ilustradas por seus trabalhos. [23]

Entre os que nos ofereceu, além dos que já ficam assinalados do decurso destas linhas, citaremos um alentado estudo sôbre "a profecia", [24] outro sôbre "êxtase e psicologia", [25] o intitulado "em tôrno dum livro", [26] um "em tôrno da condenação de Galileu", [27] um referente a "águas passadas que ainda movem moinhos", [28] um estudo sôbre "a imprensa: suas exigências e responsabilidades", [29] outro sôbre "fulgurações do futuro no passado e no presente". [30] No trabalho "um ano após a apoteose da Almada" [31] indaga o que caracteriza a consagração de uma Nação ao Coração de Jesus. Em nosso último número, presentou como constelação a refulgir nos céus do Brasil os quarenta mártires, cuja canonização em 1970, diz o articulista, daria ao Brasil, "nossa pátria", — expressão sua — o campeonato... da santidade. [32]

Não raro a resenha que lhe pedíamos a respeito de determinado livro passava a ser um artigo, tal o cuidado com que examinava o que devia analisar. Assim foi relativamente à

---

me ao Santo Inácio me ajudou a subir e a descer do carro, me trouxe a mala até à portaria, ajudando-me a subir os degraus que lhe dão acesso".

[23] Entre os prólogos que escreveu, assinalemos o da biografia da Bem-aventurada Vicenta Maria López e Vicuña, publicada em São Paulo pela Editôra "Ave Maria" sob o título *Traços de uma Vida* (1956), pgs. 5-11.

[24] Cfr. VERBUM, IX (1952), 329-364.

[25] Cfr. VERBUM, XII (1955), 43-53.

[26] Cfr. VERBUM, XIV (1957). O livro que critica é de Carlos Staehlin, S. J., *Apariciones*.

[27] Cfr. VERBUM, XIV (1957), 177-190.

[28] VERBUM, XIV (1957), 389-462.

[29] Cfr. VERBUM, XV (1958), 157-181.

[30] Cfr. VERBUM, XV (1958), 465-501.

[31] Cfr. VERBUM, XVII (1960), 189-229.

[32] Cfr. VERBUM, XIX (1962), 81-94.

obra *Em três cárceres comunistas.*[33] Assim igualmente com respeito à publicação do texto latino do poema anchietano por quatro séculos inédito e acompanhado com a tradução portuguêsa do R. P. Armando Cardoso, S. J., *De gestis Mendi de Saa*, de cuja edição foi fautor o grande mestre de nossa história Dr. Eugenio Vilhena de Moraes.[34] O humanista que era o P. Oliveira Dias ficou profundamente impressionado pela beleza dêsse livro e ofereceu à nossa revista a oportunidade de sublinhar o valor dessa "Eneida cristã", "monumento que faltava à primitiva história de Terra de Santa Cruz" na frase de Eugenio Vilhena de Moraes.

O alto-falante da mensagem da Fátima

Na bibliografia que acabamos de traçar, omitimos de propósito tudo o que se refere ao tema que lhe era mais caro: Nossa Senhora e a mensagem da Fátima. É que estava a exigir uma referência à parte.

Bem pudéramos dizer que desde seu berço José de Oliveira Dias estava vinculado à Cova da Iria. Nascera com efeito em Fontainhas (Vila Nova de Ourém),[35] bem perto do recanto bendito em que a Mãe de Deus se dirigiu aos pastorinhos. Propôs-nos certa vez como texto muito apropriado para um sermão sôbre a Fátima o versículo do Salmista: *In terra deserta et invia et inaquosa, sic in sancto apparui tibi* (Salmo 62, v. 3.) E insistia: "não se poderia dar melhor idéa do que era a Fátima antes das Aparições: *in terra deserta et invia et inaquosa*". Fazia questão de que se antepusesse o artigo ao nome Fátima. Aqui mesmo nas páginas de VERBUM[36] estudou o problema *"Divergências de linguagem: 'Fátima' ou 'A Fátima'?* (Aliás, a correção de linguagem era uma de suas preocupações: autêntico purista, a que causava horror um galicismo, por exemplo, ou qualquer solecismo, o que no convívio fraterno nos oferecia ocasião para bons momentos de alegria).

---

[33] Cfr. VERBUM, XV (1958), 97-115.

[34] Cfr. VERBUM, XVI (1959), 153-171. O artigo traz o expressivo título *Exumação ou ressurreição?*

[35] Não poucos de seus parentes foram testemunhas pessoais do grande milagre do Sol a 13 de outubro de 1917. Família, aliás, com várias vocações sacerdotais e religiosas.

[36] Cfr. VERBUM, XII (1955), 85-88. — Veja-se no presente número a nota 1 de seu artigo "De supresa em surpresa".

Em 1942 aparecia no Pôrto a primeira edição de seu *Florilégio ilustrado da Fátima, Novo Mês de Maria*; em 1947 ainda no Pôrto a segunda. Ao darmos notícia da terceira, feita sob a égide da Sociedade Brasileira de Educação, dizíamos nas páginas desta revista: "Aparece agora com o número de meditações ou instruções aumentado: não são apenas as 31 para cada um dos dias do mês de maio, mas 51. Tôdas as invocações das ladainhas lauretanas são assim contempladas. Há 52 gravuras artísticas, fora do texto, em papel *couché*. São mais de 120 os exemplos recolhidos. Presidiu à seleção dos mesmos o critério das exigências da crítica histórica. São outros tantos episódios autênticos da história da Fátima. O desenvolvimento dos temas é feito de tal modo que é fácil resumí-los em uns poucos pontos, o que é de grande utilidade para o pregador que recorre a êste livro a fim de renovar seu material de teologia mariana. Doutrina segura, linguagem apurada, piedade esclarecida, são os dotes fundamentais dêste volume com tanto acerto oferecido à saudosa memória do Cardeal D. Sebastião Leme da Silveira Cintra." [37]

Muitas vêzes a mensagem da Fátima foi o tema da colaboração que nos prestou. Assim, em 1952, os artigos *A propósito da Fátima. Algumas reflexões de crítica histórica* [38] e *Ainda a propósito da Fátima. Crítica e críticos do sobrenatural.* [39] Em 1958 presta comovida homenagem ao "Bispo Providencial" das Aparições, Dom José Alves Correia da Silva. [40] Dois anos atrás escreve *Nos horizontes crepusculares de 1960. Um segrêdo e um testamento.* [41] Artigo particularmente esclarecedor sôbre o famoso documento de Lúcia, que *poderia* ser aberto em 1960. Especialmente curioso o trecho em que examina a palavra de Nossa Senhora: *"E voltarei aqui ainda uma sétima vez"*, aparição que, ao que tudo faz crer, ainda não se deu. [42]

---

[37] Cfr. VERBUM, XI (1954), 281.
[38] Cfr. VERBUM, IX (1952), 3-20.
[39] Cfr. VERBUM, IX (1952), 131-160.
[40] Cfr. VERBUM, XV (1958), 3-14.
[41] Cfr. VERBUM, XVII (1960), 451-469.
[42] *Ibidem*, pgs. 465-461. — Assinalemos também a notícia que dá a respeito do livro de Gilberto F. Santos, *Os grandes fenômenos da Cova da Iria e a história da primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima.* Cfr. VERBUM, XIV (1957), 474-478.

Mesmo quando trata de outro tema de mariologia, a referência à mensagem da Fátima volta com a insistência de um *leit-motiv*. Assim, no belíssimo artigo que consagra ao centenário de Lourdes, *E o céu ficou aberto sôbre Lourdes*,[43] estabelece impressionante comparação entre as duas grandes mensagens marianas, a do século XIX e a do século XX.

Tal a sua competência sôbre o tema, que, não faz muito, a autoridade episcopal de Leiria o convidou insistentemente para ir a Portugal a fim de examinar tôda a documentação sôbre a Fátima e com o material recolhido escrever uma história rigorosamente crítica das Aparições e do movimento religioso por elas provocado. Já para compor seu *Florilégio Ilustrado da Fátima* tivera autorização para tratar com Lúcia no Carmelo de Coimbra. Aliás, um de seus últimos trabalhos foi o opúsculo *Grandezas e glórias ocultas do Carmelo*, editado em agôsto último pelo Carmelo de Nossa Senhora da Esperança, de São João da Boa Vista, São Paulo, em comemoração do 4.º Centenário da Reforma Carmelitana. Parece-nos ainda vê-lo sorrir ao recordar a expressão com que as crianças se referiram, depois da última aparição, de 13 de outubro de 1917, à visão de Nossa Senhora do Carmo, chamando-lhe "a Senhora dos dois naipes". E em defesa da sobrevivente das Aparições, encerrada em seu Carmelo de Coimbra, foi que escreveu uma de suas últimas cartas, respondendo ao autor de críticas injustas publicadas pouco antes em uma revista de grande conceito entre o clero brasileiro. Mereceria vir a lume o documento.

De sua grande competência em assuntos marianos é prova igualmente significativa o convite que recebeu para colaborar na grande obra *Maria. Etudes sur la Sainte Vierge*, publicada sob a direção do P. Hubert du Manoir, S. J. Dos vários volumes ofereceu aos leitores de VERBUM interessante notícia.[44] Sua própria contribuição figura no volume IV e tem por título *Nossa Senhora na piedade popular portuguêsa*.[45] Ao estudar *Maria na atualidade portuguêsa*, mais uma vez comenta as repercussões da mensagem da Fátima.

---

[43] Cfr. VERBUM, XV (1957), 611-644.

[44] Cfr. VERBUM, XVI (1959), 103-121: *Uma nova síntese mariológica*. Antes: XIV (1957), 113-118.

[45] Cfr. *Maria. Études sur la Sainte Vierge* sous la direction d'Hubert du Manoir, S. J. Tome IV. Paris, Beauchesne, 1956. *Notre Dame dans la piété populaire portugaise*, pgs. 611-642.

Como seu testamento espiritual vamos oferecer a seguir a nossos leitores as páginas que nos deixou sôbre o IV volume de *Nossa Senhora de Fátima Peregrina do Mundo.*

"*Consubstanciado com a Fátima*" [46] escreveu êle a respeito de Dom José Alves Correia da Silva. A expressão aplica-se perfeitamente àquele que nasceu próximo da Cova da Iria, tão de perto acompanhou a ressonâncias, por todo o mundo, da celeste Mensagem e mereceu que os fiéis que o acompanharam à derradeira morada, dêle se despedissem cantando o "Ave" da Fátima.

Do P. Oliveira Dias vale o que êle disse do Bispo das Aparições: "Que sob o olhar complacente da Aparição luminosa descanse em paz" o arauto da Fátima, "cujas cinzas estão dizendo ainda: *São dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria.*" [47] Correspondeu filialmente a alguma coisa que Nossa Senhora "nos deixou que fazer," "a honra de sermos os alto-falantes de Sua mensagem de 1917." [48]

---

[46] Cfr. VERBUM, XV (1958), 9.
[47] *Ibidem*, pg. 14.
[48] Palavras do P. Oliveira Dias no penúltimo parágrafo do seu artigo que publicamos a seguir, "De supresa em surpresa".

DE SURPRESA EM SURPRESA

CRÍTICA E IMPRESSÕES DE UMA LEITURA

† P. JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, S.J.

Não é uma novela, por mais que o pareça, de sensacionais aventuras, que temos à vista. É uma autêntica obra histórica, contemporânea, escrita em forma de crônica. Intitula-se NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, PEREGRINA DO MUNDO, *quarta jornada.*

Narra a peregrinação da veneranda imagem ao Oriente, desde o Estado Português da Índia até às ilhas do Pacífico, atravessando terras indús, budistas, maometanas e outras regiões pagãs, e também as terras protestantes da Austrália. É escrita por Maria Teresa Pereira da Cunha, com a colaboração unânime das outras pessoas que constituiam a comitiva da Peregrina do Mundo.

São 160 páginas, formato 18 x 13, ilustradas por 69 fotografias em papel *couché,* fora da paginação, que são tôdas elas a mais expressiva confirmação concomitante dum texto que conduz o leitor de surpresa em surpresa.

Do livro que se pretende encarecer é vulgar dizer-se que uma vez começado, não pode já deixar-se em meio. Dêste que ora apresentamos aos nossos leitores, sem nos atrelarmos a êste convencionalismo de linguagem, só diremos: Faça o leitor a experiência; veja se, lidas as primeiras páginas, é capaz de renunciar à leitura das últimas, ou de a protelar, fora do caso de necessidade.

Efetivamente a QUARTA JORNADA é uma leitura empolgante não só pelo caráter histórico do assunto e pelo inte-

ressante desenrolar das narrações, como pela novidade e variedade de tôdas as cenas e episódios da sua contextura. Nada de vulgaridades, nem de fantasias ou de invèncionices.

As narrativas trazem consigo mesmo a garantia da mais exigente crítica, apesar da invulgaridade dos fatos relatados. Estes constituem um filme desenrolado à luz do dia, aos olhos de testemunhas criteriosas, por vêzes de multidões compactas. E a profusão de *clichés* que acompanham a série de relatos, são testemunhas que falam por si mesmas. Exageros ou inexatidões não se poderiam impunemente cometer numa obra destinada à publicidade.

Temeridade seria, a que só um louco podia aventurar-se, escrever o que testemunhas presenciais pudessem depois desmentir, com descrédito que arruinaria para sempre a autoridade do escritor.

Nem se compreende como êste princípio é esquecido por certos críticos que tão fàcilmente negam o que pessoas autorizadas presenciaram, só porque à sua pobre experiência pessoal não foi dado presenciá-lo também. Que acanhados horizontes êsses!

Nem os comentários que acaso entram em jogo ultrapassam jamais as raias do verossímil ou do espontâneo. Nada de afirmações infundadas ou antinaturais, nem de suposições arbitrárias ou exorbitantes, mesmo quando o fio da narração introduz a cronista no terreno do maravilhoso. Ainda então são as exigências da realidade observada por muitos olhos que a obrigam a dar a Deus o que é de Deus, sem negar à ordem natural das coisas o que lhe pertence.

A forma literária da obra está à altura do seu fundo. Estilo fluente, impecável, atraente, embora despretensioso (ou por isso mesmo que o é), sem que lhes falte entretanto oportuna elevação artística, poética mesmo quando a ocasião o exige. As ilustrações dão um precioso relêvo e expressão a tôda a narrativa. O perigo da monotonia é de ordinário afastado, mesmo quando a homogeneidade dos fatos a poderia desculpar.

Como é sabido, as peregrinações da imagem sagrada de Nossa Senhora da Fátima tiveram início logo depois da segunda guerra mundial. Obedeciam à idéia generosa de levar

a todo o mundo, que sangrava por tantas feridas, o bálsamo consolador e a mensagem salvadora da Fátima,[1] como que personificada na extasiante imagem da Virgem Aparecida na Cova da Iria.

Essa imagem, depois de receber em tôdas as línguas as preces, as lágrimas e suspiros, as aspirações e desabafos dum mundo triturado e desorientado, seria entregue ao Pontífice Romano, que, como Vigário na terra de Seu Filho, arquivaria em sua alma e apropriaria todos êsses anseios confidenciados ao Coração Imaculado de Maria durante a Sua peregrinação pelo mundo.

A primeira jornada estendeu-se a Portugal e a alguns outros países europeus. A segunda teve por objetivo Portu-

---

[1] A Autora não emprega o artigo antes da palavra *Fátima*, um simples toponímico, como todos sabem. Diferente é o nosso modo de falar e de escrever. A não ser que se trate, *a título de citação*, de repetir o que foi dito ou escrito por outrem, dizemos sempre: fui *à* Fátima, estive *na* Fátima, passei *pela* Fátima, vou para *a* Fátima, venho *da* Fátima; do mesmo modo que dizemos: fui *ao* Rio, *ao* Paraná; passei *pelo* Rio, *pelo* Ceará, *pela* Bahia; e não fui a Rio; estive em Rio, passei por Bahia, etc.

Pelo que à Fátima se refere, seja-nos lícita aqui esta observação, não para impugnar a linguagem da Autora, mas só para justificarmos a nossa. É questão que já foi duas vêzes discutida nas páginas desta revista. Nem há motivo para repetirmos uma vez mais a nossa argumentação. — Cf. *Verbum*, Tomo XII, Fasc. 1, março de 1955, págs. 85-88; Tomo XIV, Fasc. 1, março de 1957, págs. 109-112.

Ninguém pode negar que antes de 1917 ninguém se lembrou de desprender o toponímico *Fátima* do artigo que lhe andava atrelado e lhe era quase substancial, como o é, por exemplo, para Pôrto. Tôda a gente ali dizia *sou da Fátima, nasci na Fátima*, e até na sua pronúncia inculta *vou pá Fátima*. Até então nunca se ouviu falar de outro modo. E a linguagem dos naturais da região não mudou até hoje. Lá estão os próprios arquivos e registos oficiais, tanto civis, como eclesiásticos, a atestar que desde tempos imemoriais se disse sempre "nascido nesta freguesia da Fátima", etc. O mesmo modo de falar usa a burocracia diocesana, a começar pelos seus Bispos. E até Pio XII nas suas alocuções radiofundidas não prescindiu nunca do artigo anteposto ao nome *Fátima*. E a modesta imprensa local fala do mesmo modo. A publicação de maior tiragem em todo o país e que em tôdas as direções irrompe das suas fronteiras continua a intitular-se teimosamente VOZ DA FÁTIMA.

Como surgiu então essa divergência de linguagem? Muito simplesmente. A Fátima era um lugarejo perdido na serrania regional, desconhecido e do qual quase ninguém falava para além da área municipal.

O acontecimento, porém das Aparições de 1917 ecoou por tôda a parte e atraiu àquele lugar multidões de forasteiros, que, ignorando a necessidade de antepor o artigo ao nome duma terra de que nunca ouviram falar, acharam mais cômodo deixá-lo à margem.

Formulemos agora a pergunta: Se os naturais da terra sempre falaram uniformemente, sem uma voz discordante mesmo fora dela, e numa questão em que só o uso local tem voz ativa, que direito adquiriram depois de 1917 os forasteiros para lhes modificar a linguagem?

gal insular e as províncias ultramarinas do continente africano.

A terceira alcançou Marrocos e todos os outros países africanos desde o Cabo ao Cairo.

A quarta, objeto do presente volume, teve como itinerário ROMA, donde tôda a comitiva da peregrinação, abençoada por Pio XII, se dirigiu ao Oriente, começando pelas terras batizadas de língua portuguesa, onde desceu a 29 de novembro de 1949. Daí percorreu a imensidade dos países hindús, passando depois a terras budistas, e logo a regiões maometanas, à Austrália protestante, e finalmente às terras pagãs da Indonésia. A sua duração foi de dois anos.

A cronista da quarta jornada faz-nos assistir ao desfile de cenas admiráveis, que vêem formar todo um rosário de bênçãos, sem que a êsse rosário falte o caráter específico dos mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos.

E não só isso. A peregrinação ao Oriente deixa-nos a impressão de uma atualizada reedição de muitas cenas evangélicas.

Procuremos justificar estas duas afirmações; e em 3.º lugar chamaremos a atenção do leitor para outras particularidades desta *quarta jornada.*

I

A. Aqui temos alguns episódios *gozosos* dêsse rosário de bênçãos que a peregrinação da Virgem vai difundindo pelo Oriente: Em Chinchin são os hindús que rivalizam com os católicos na confecção de dísticos de saudação à abençoada Peregrina. É ainda um hindú lutando com a polícia que tenta afastá-lo, e que, lutando sempre, se vai aconchegar mais perto dEla para A contemplar num enlevo suplicante a Lhe gritar: "Senhora, só sairei daqui pela fôrça. Quero ficar tôda a noite junto de ti". E a polícia teve que desistir.

São mães hindús que trazem confiantes seus filhos nos braços para que a celeste Visitante os abençôe. E como êstes quantos outros casos de gracioso magnetismo que Ela exerce sôbre êsses pobres pagãos!

E que sublimes ondas de gôzo não transfunde nas almas a fraternal solidariedade que Ela estabelece entre as confis-

sões religiosas mais antagônicas irmanando-as tôdas na mesma porfia de homenagear com inexcedível carinho a Mensgeira que o céu lhes envia! União de esforços, de almas e de corações em tão diversas raças, solidariedade e cooperação que os associa na recepção e nas homenagens prestadas à cândica Viageira do mundo, no trabalho das ornamentações de ruas e praças públicas, nas preces e invocações que Lhe dirigem, em tudo. Sob o Seu olhar todos são irmãos.

Assim se explicam casos como êstes, que a cada passo se nos deparam ao folhear o livro: Em Artinkal trinta dias de procissões em que se associam católicos e protetantes. Um sacerdote hindú aproxima-se humildemente e com tôda a veneração coloca ao pescoço da imagem um colar de flores. Mais adiante lê-se êste dístico encimando vistoso arco erguido pelos pagãos: *os hindús saudam os cristãos.*

Na fronteira de Pondichery um agente da polícia hindú pede que a augusta Mensageira se detenha um pouco para poder beijar-Lhe os pés. Em Agra é outro hindú que vem agradecer a vinda à sua terra da Estrêla rutilante da Fátima, e dizer que se quer unir às orações dos católicos. O governador de Patna, também hindú, vem solenemente com a família e a escolta policial assistir às cerimônias religiosas, para que a sua preseinça oficial lhes dê mais brilho. E no meio da sua comoção confessa nunca na sua vida ter assistido a cena tão bela.

Assim se explica a unanimidade de súplicas em todos os lábios:

Nossa Senhora de Fátima dai-nos a fé! — Católicos, rezai por nós! era a comovente súplica dos hindús em Vasco da Gama durante a procissão.

Do mesmo modo se explica a atitude das autoridades pagãs, dando tôdas as facilidades de atuação à comitiva da Virgem Peregrina. Assim na cidade de Kampar, onde não havia católicos, foram as autoridades maometanas que mandaram construir os vistosos arcos, atapetar de flores as ruas, suspender o trânsito para não dificultar a passagem triunfal à que vinha em nome do Senhor.

Em Changanoor os jacobitas pediram humildemente os deixassem juntar as suas esmolas às dos católicos.

Calcutá prepara-se pela penitência e oração para receber a Enviada do Céu, solidarizando-se cristãos e pagãos. Muitos palmilharam léguas e léguas sob um sol causticante, para Lhe prestarem a homenagem de seus corações, e outros expuseram-se ao ataque de tigres e às picadas de serpentes que infestam a região. Alguns estiveram em jejum até às 19 horas para poderem ainda comungar.

E quem não se espanta de ver multidões de cristãos e pagãos sob prolongada chuva diluviánica, sem arredar pé, enquanto não chega a excelsa Mensageira do Céu?

Em LAM SAI o primeiro a beijar os pés da augusta Visitante foi um famoso protestante. Depois aparece um católico, trazendo consigo um ilustre pagão, que vem pedir ao missionário o instrua na religião católica, pois católico deseja ser também. E, sem mais demora, é a emocionante súplica dum pai ajoelhado aos pés da bendita Imagem, que faz ouvir estas palavras: *"Senhora, tenho de aprender o catecismo, eu e os meus filhos, para nos tornarmos todos católicos!."*

Em Bonpomg é um maometano que pede lhe ensinem o catecismo.

Numa importante loja de brinquedos, com uma formosa imagem da Virgem da Fátima ao lado, entra um religioso a fim de comprar algumas lembranças para seus alunos. É-lhe respondido: *Tudo lhe ofereço em honra de Nossa Senhora. Tudo é dEla. Não quero nada.*

Num aeroporto da Birmânia Bispos e Ministros, católicos e budistas, num total de milhares de pessoas aguardam a vinda da augusta Imagem. Em Rangoom os budistas, mais do que os católicos, pois são mais ricos, ajudam a pagar a ornamentação da cidade inteira. Em Moulmein monjes budistas de um e outro sexo vêem saudá-La. Depois de a beijarem prostram-se por terra e prostrados permanecem algum tempo.

Em suma, dante da excelsa Mensageira da Fátima desfilam marajás e rajás, sacerdotes e bispos, autoridades e povo, brâmanes e chardrós, persas e intocáveis, católicos, protestantes, gentios e herejes. E não faltam pedidos até para que a Imagem entre em templos pagãos, o que evidentemente nunca se pode permitir.

Êstes episódios, que mostram a íntima solidariedade estabelecida entre pagãos e católicos nas terras visitadas pela augusta Missionária da Fátima, porfiando todos em tributar-Lhe o mais encendrado afeto, inundam as almas de *gôzo*. Bem os podemos, pois, considerar como episódios *gozosos* dêsse rosário de bênçãos que Ela andou difundindo pelo Oriente. E essa solidariedade de sentimentos bem podemos crer que só Ela a podia ter despertado em almas de tão diversa religiosidade.

Mas convém desde já sair ao encontro duma objeção que pode surgir no espírito de quem ler o livro que estamos apreciando. É esta:

Se a Mãe de Deus vê com a mesma complacência uns e outros dentro das mais desencontradas crenças a ponto de conceder também a pagãos as assinaladas graças que adiante veremos, é que afinal são boas tôdas essas religiões, apesar de se contradizerem.

Como resposta, comecemos por dividir em dois grupos apenas todo êsse conjunto de devotos da encantadora Peregrina do Oriente:

O 1.º, sem dúvida o menor, encontra-se em pacífica posse da verdade, como tal conhecida. São os católicos.

No 2.º, o mais numeroso, a verdade de que se encontram inconscientemente privados, é substituída pela boa fé, isto é pela posse e persuassão pacífica do que julgam ser verdade, sem nunca lhes ter ocorrido duvidar. O êrro é nêles inconsciente, devido a uma ignorância de que não são talvez culpados.

A augusta Peregrina que os cativou, alhando-os com a mesma complacência, vê apenas essa boa fé, embora Lhe não seja indiferente o seu estado de ignorância, E, despertando nessas almas os mesmos sentimentos dos primeiros, tem certamente em vista duas coisas: 1.º atraí-los ao cristianismo, começando por atraí-los a Si. Vendo nEla a Mãe de Cristo, nEla verão também a religião que devem professar. E não serão já cristãos os sentimentos que manifestam? 2.º apresentá-los aos católicos como bem dispostos para receberem o batismo e a fé, a fim de lhes facilitarem a realização dêsse ideal e de os estimularem à prática da vida cristã. Aos mis-

sionários católicos pertence completar o que Ela começou, Ela a Precussora dos missionários que foi abrir-lhes o caminho.

B. Mas, no desfiar dêste rosário de bênçãos semeadas no decorrer desta histórica peregrinação da Mãe de Deus, há também vicissitudes *dolorosas*, que as mencionadas páginas vão pondo em evidência:

Numa cadeia de Mapuçá ouvem-se os presos entoar os louvores da excelsa Visitante, enquanto um dêles chora copiosamente seus crimes e clama por perdão à Mãe de misericórdia. E depois que Ela passou, continuam ouvindo-se ao longe as lamentações dos pobres encarcerados. Bênçãos de contrição êsses lamentos! Em Diu e Damão a mesma cena: prisioneiros desfeitos em pranto, que não cessam de A aclamar e de Lhe suplicar que os ajude a tragar o amargo cálix que têem entre os lábios.

Em Mangalor ei-La que passa como suave brisa entre alienados, leprosos, tísicos e cancerosos, suavisando com o bálsamo da Sua visita o infortúnio de tantos filhos de Eva, que também são filhos Seus.

E na vasta praça de Bombaim intermináveis filas de doentes, farrapos humanos, cabeças disformes, membros paralizados e atrofiados, lábios mudos, olhos e ouvidos sem comunicação com o mundo, comovente estendal de misérias que assiste ao desenrolar das cerimônias religiosas! Corpos prostrados, mas almas elevadas em oração... E Ela maternalmente preside com olhar compassivo a essa assembléia padecente e suplicante.

É ainda em Singapura uma família protestante que vem pedir seja visitada pela Saúde dos Enfermos a sua casa, onde há tanto tempo definha um filhinho doente. É também a carta de um pobre pagão enfêrmo que vem pedir à excelsa Peregrina a sua cura.

E a comovente cerimônia da Bênção Eucarística aos doentes repete-se em cada cidade, onde não é raro compartilharem-na com os católicos numerosos protestantes. E continua desfilando o cortejo da dor.

Bem doloroso, mas grandioso e edificante ao mesmo tempo foi o fim que teve Lucas, o mais fervoroso catequista de Gunamba, nas ilhas de Salomão. Escolhido para fazer em nome

de todo o povo a saudação à celeste Mensageira da Fátima, começa o discurso entusiástico e vibrante. Quando veemente e inspirado dizia *"nós adoramos a Deus"*, é sùbitamente fulminado de morte por uma síncope. A sua última palavra fora uma profissão de fé aos pés da Virgem da Fátima!

Em Darwin, cidade protestante, é uma senhora anglicana que chora convulsivamente e vem entregar à celestial Aparecida da Fátima lindo ramo de flores. Dali segue a Consoladora dos aflitos para a Ilha dos Leprosos, onde os pobres doentes vestidos de branco agitam frenèticamente bandeiras azuis e brancas, cantando e rezando com sentida piedade. E quantas vêzes ao sofrimento não vem juntar-se a penitência.

Em Kubuna (Nova Guiné) papuas selvagens preparam-se durante um mês com rigoroso jejum para receberem a mensagem do céu, de que sua Rainha é portadora. E deixam de trabalhar só para cultivarem flores destinadas ao Seu altar.

A Monte Isa, em pleno deserto, acode gente de mais de mil quilômetros de distância para A encontrarem.

A esta série de vicissitudes dolorosas pertencem também as cenas de despedida. Registremos dois casos que a crônica põe em destaque:

Em Chantabury o Senhor Bispo acompanha descalço até ao embarque a Virgem Peregrina. Triste, não esconde as lágrimas que lhe rolam pelas faces. E com êle chora também o seu povo. Assim se chora uma inesperada orfandade. Foi o que se viu também em Malaca num colégio de Religiosas. Tantas são as lágrimas entre as alunas, que teve a Superiora, igualmente comovida, de se comprometer a mandar vir de Portugal uma Imagem em tudo semelhante à que se despedia, a fim de conservarem dela indelével memória.

C. Respiguemos agora, no mesmo rosário de maravilhas, alguns episódios mais *gloriosos*, arquivados pela ilustre cronista.

Dum modo geral a Virgem da Fátima é recebida por todo o Oriente como Embaixatriz do Céu.

Como em Gôa e Dili, uma salva de 21 tiros anuncia às populações a Sua chegada. As autoridades civis e militares prestam-Lhe tôdas as homenagens devidas aos soberanos; as guarnições das cidades apresentam-Lhe armas; e na Austrália

viram-se também os cadetes do exército em impecável formação marcial apresentar-Lhe armas, atitude que não podia vir mais a propósito. Acaso não no-La apresenta o Cântico dos cânticos como o ideal da formosura, da suavidade e da majestade, semelhante a um esquadrão alinhado em ordem de batalha? As filarmônicas acompanham os cortejos; as bandas militares executam marchas marciais; as recepções rivalizam com as que se prestam às majestades da terra; a pirotécnica exgota os seus recursos mais aprimorados para A glorificar, fazendo subir às alturas as mais vistosas girândolas do seu fogo de artifício.

São ainda as autoridades eclesiásticas que a estas homenagens querem corresponder também com as suas:

É o Bispo de rito oriental que em Ernakulum (cidade com duas catedrais, dividida na dupla jurisdição, oriental e latina), num gesto patético vai depor-Lhe aos pés o báculo episcopal.

Com idêntico gesto se distingue a Birmânia, consagrando-se irrevogàvelmente à Rainha visitante, depois de serem simultâneamente celebradas quinze missas. E os malaios não querem ficar-lhe atrás, proclamando-A por sua vez Rainha da Malásia.

O Arcebispo de Gôa, como Patriarca das Índias e Primaz do Oriente, consagra solenemente à Embaixatriz do Céu todo o Estado da Índia, seguindo-se a êste ato uma noite de vigília ininterrupta. E para imortalizar a passagem da Virgem Peregrina pela cidade, aproveita-se a ocasião para a Seus pés ser lido o decreto da Santa Sé, que eleva à categoria de Basílica a histórica igreja do Bom Jesus de Gôa.

Em Bankoque é todo o corpo diplomático que em tribuna expressamente armada para a recepção, aguarda a chegada da augusta Visitante, e se incorpora no cortejo que logo segue a pé até à catedral.

O mesmo se vê em Nova Delhi, capital da União Indiana, em cujo aeroporto o embaixador de Portugal A aguarda com todo o pessoal da legação, associando-se-lhes as autoridades eclesiásticas e membros do corpo diplomático. O cortejo arranca logo dali em direção à catedral, dando-se nessa altura um patético pormenor: o cortejo suspende a sua marcha no

caminho, para que a Embaixatriz do Céu possa visitar o Embaixador do Brasil, que doente não pudera ir ao aeroporto.

São por tôda a parte núcleos de população, chegando até, como em Nova Delhi, a um milhão o número de vozes que A aclamam e porfiam em prestar-Lhe tôdas as honras de Rainha.

Em Ceilão, ilha que nos Lusíadas dá pelo nome de Taprobana, à chegada do avião, aproxima-se o Episcopado, enquanto o Arcebispo de Colombo em nome de tôda a ilha, feito eco de Pio XII a quando da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, saúda a Virgem da Fátima como *Rainha do Mundo,* logo colocada em majestoso trono. Coroanda a visita a Ceilão é celebrado pelo Arcebispo de Colombo solene pontifical na presença de todo o Episcopado. E para perpetuar esta jornada gloriosa, eis os Bispos todos, empunhando suas pás, abrindo num gesto simbólico os alicerces à Basílica que se levantará majestosa no meio dêsse povo budista. Noutra cidade da Índia a Virgem Peregrina preside ainda ao lançamento da primeira pedra para um templo em Sua honra.

Em vários pontos são também soldados negros de África, que se ufanam de serem a Sua guarda de honra, para mostrarem que todos são vassalos da mesma Rainha sem discriminações de raças nem de côres.

Continuando mais para Oriente é a ilha de Timor que se desloca para sair ao encontro da encantadora Peregrina do mundo. São os régulos ou reis locais que em tôda a parte, à frente das suas tribos, primam em prestar tôdas as honras à Rainha do céu que visita a terra, e em Lhe ofertarem o que teem de mais precioso, como outrora em Belém os Magos do Oriente, em reunir as suas milícias para Lhe apresentarem armas.

Em todos os cerimoniais religiosos há sempre um ponto culminante, o mais expressivo de sentimentos que vibram na alma. É o ofertório. E aqui o temos também, sem talvez ponderarmos a sério o que êle encerra de heroismo e o grau de imolação que exige. Para êle chama a atenção a própria cronista. É o gesto comovente que leva êsses admiráveis indígenas, um por um, a virem depositar aos pés da Mãe de Jesus todos os seus objetos de superstição. Imolação estupenda esta,

se consideramos que todos êsses objetos foram sempre venerados no lugar mais importante da casa, transmitindo de pais a filhos desde tempos imemoriais como objetos de culto. Constituiam, pois, uma tradição sagrada para êles, o patrimônio religioso da família. Já considerámos alguma vez, se é lícita a comparação, o que representa para um cristão o crucifixo herdado de seus maiores como o mais precioso objeto de devoção da família?

Pois bem; tal imolação tinha de acabar pelo mais completo holocausto na fogueira, onde viram reduzido a cinzas, todo êsse montão de conchas, de amuletos de ridículos ídolos e talismãs que atraíam o mais arraigado culto da sua ignorância. Tanto pôde no coração generoso dêsses pobres indígenas o amor mais sublime à Virgem da Fátima que os visitava.

II

Como atrás insinuamos, a narração leva-nos a descortinar largos panoramas evangélicos.

Realmente algumas páginas deixam-nos a impressão de um evangelho de maravilhas, fazendo-nos assistir a maravilhas evangélicas e reviver cenas de há vinte séculos.

É Maria que, à imitação de Seu Filho, passa pelo mundo fazendo bem a todos, difundindo graças de salvação sôbre quantos Lhe saem ao encontro, ou saindo Ela ao encontro de tantos necessitados. E, se Êle veio só para as ovelhas de Israel, reservando o mundo gentio aos futuros cuidados de Seus Apóstolos, Ela não faz distinções porque é Mãe, e Mãe sobretudo dos que tomam a iniciativa de recorrer à Sua bondade nunca desmentida.

Mas, percorrendo o hemisfério oriental quer começar pelos povos batizados, Goa, Diu e Damão, terras fecundadas pelos suores dum Xavier e pelo sangue dum João de Brito, dum Rodolfo Aquaviva e de tantos outros mártires, que da ocidental praia lusitana foram mostrar a tantas tribos e raças que a Redenção também era para êles.

As caravelas que outrora, passando ainda além da Taprobana, levaram Xavier e tantos companheiros seus à Índia, a Malaca, às Molucas, à China, ao Japão, dir-se-ia que prepa-

ravam já com quatro séculos de antecipação a viagem triunfal da Mãe de Deus às mesmas terras, para que Ela reavivasse a chama do Evangelho por êles em boa hora acesa.

E, avançando sempre para oriente, vai até onde não puderam ir os Apóstolos, reeditando não poucos dramas do Evangelho de Seu Filho. É o regresso de tantos pródigos à casa paterna, conseguido não sei por que magia divina:

"Havia longos anos — é uma pobre hindú que fala — que meu marido me deixara, sem que eu soubesse sequer do seu paradeiro. Ao ver chegar a Virgem Peregrina, aproximei-me dela o mais que pude, e muito em segredo pedi-lhe o regresso de meu marido. Nessa mesma noite êle voltou para casa!" E agradecida depõe a sua oferta no altar da Virgem.

Mas não é único no seu gênero êste caso que na parábola do Evangelho tem a sua mais bela expressão. É ao sair de Goa uma espôsa que apresenta uma carta datada de 3-XII-1949, na qual suplicava se publicasse o "*grande milagre*", por onde quer passasse a celeste Peregrina. Ei-lo:

"Tenho um ausente muito querido, de quem nada sabia há anos, e julgava impossível voltar a saber dêle... E hoje na Missa Pontifical pedi muito para que fôsse hoje o dia bendito para mim. Volto para casa cheia de fé, e está à minha espera uma carta, e vejo um envelope com a letra do meu querido ausente... Com mãos trêmulas abro a carta, e além de tudo mais que existia nela, o meu querido ausente mandava-me uma estampa da Virgem de Fátima. Não tive palavras de agradecimento para a nossa Mãe. Eram só lágrimas o que podia oferecer-Lhe".

São incessantes gritos de fé, como os que durante a procissão na cidade de Vasco da Gama irrompem de tantos lábios hindús: *Nossa Senhora de Fátima, dai-nos a fé... Católicos, rezai por nós!* Acaso isto não será já o dom da fé?

É a emocionante cerimônia de Dili (Timor), em que 1.200 adultos recebem o batismo, e muitos dêles logo a seguir os sacramentos da Confirmação, da Comunhão e do Matrimônio. Não é isto uma flagrante reedição do dia de Pentecostes em Jerusalém? E diante desta maravilha pode-se ainda perguntar: Estava, ou não estava ali o Espírito Santo ao lado da Imagem Peregrina?

É o espetáculo do montão de objetos supersticiosos a que já nos referimos, depositados na mesma ocasião aos pés da grande Peregrina do Oriente. E tudo perpetuado em indeléveis fotografias.

É o fenômeno pavoroso duma habitação em que espíritos malignos manifestam a sua presença com cenas espaventosas, precipitando com fragor diabólico todo o mobiliário pelas escadas abaixo, fazendo ali irromper labaredas de fogo, que à sua passagem tudo incendeiam, pesados grilhões de ferro que tudo arrastam, apavorando infernalmente os habitantes da casa, família de exemplar piedade. É uma fervorosa moça, que, apesar da sua humildade e excelente espírito cristão ali é torturada à vista de todos com incríveis vexames diabólicos.

Nem a celebração de 44 missas naquele local consegue dominar o espírito das trevas, rebelde a tantos exorcimos. Parecia um duelo declarado entre o céu e o inferno, que não tinha outro meio de exteriorizar a raiva com que assistia aos triunfos de Maria.

Foi então que o próprio Bispo da Diocese manda que a Imagem sagrada da Peregrina penetre processionalmente nesses antros diabólicos. Acompanham-na apenas o venerando Antistite e alguns sacerdotes.

Com a Imagem bendita em amplo gesto é traçado o sinal da cruz, e um silêncio impressionante fica dominando agora aquêle misterioso local. E o maligno que durante outras cerimônias estrebuchava raivoso, agora emudeceu de vez e teve de se despedir daquela casa que não era sua.

Foi afinal uma reedição de certos exorcismos do Evangelho.

Eis agora um pobre pagão, de joelhos aos pés do sacerdote, que em plena selva indiana, qual centurião alarmado, suplica levem a sua casa a celestial Imagem, pois no leito jaz seu filho moribundo.

Em Lam Sai, onde um protestante reivindica a honra de ser o primeiro a beijar o pé virginal da Imagem, aparece também um pagão muito considerado na terra, que vem pedir para ser instruido na religião católica, pois deseja converter-se.

É também em Malaca uma pobre moribunda que reclama o batismo para se poder salvar. Só tem a seu lado, na hora em

que a cidade se despovoara para ir ao encontro da veneranda Imagem, uma companheira pagã que conserva vagas reminiscências do que outrora ouvira sôbre o modo de administrar o batismo. Corre a buscar um pouco de água, derrama-a sôbre a cabeça da moribunda, dizendo entre hesitações que não sabe dominar: "Eu te batizo em nome... de Nossa Senhora de Fátima". O pensamento que a absorvia era êsse.

Fórmula inédita esta, não sacramental, mas sem dúvida salvadora, pois exprimia nessa hora o desejo que animava as duas pobres pagãs; era a expressão aflitiva do batismo de desejo.

Também os tempos evangélicos mostraram que, quem ousa insultar o próximo não escapa aos juízos de Deus (2). E quem se atrever a blasfemar contra Sua Mãe? Também o quis deixar bem patente num exemplo tremendo que veio abrir um parêntese de justiça na Sua larga caminhada de misericórdia:

Desventurada moça protestante ousa vomitar o veneno da blasfêmia contra a Imaculada Mãe de Jesus. Ei-la no mesmo instante em paroxismos de morte, contra os quais nada puderam todos os cuidados dos médicos. No mesmo dia da despedida e na mesma hora em que a Saúde dos Enfermos passava entre numerosos doentes, que de longe confluiam a pedir-Lhe o alívio de suas dores, a infeliz blasfema transpunha os umbrais da eternidade. Tremenda impressão deixou em todos tão tétrico acontecimento.

Outra empolgante reedição do Evangelho se passou em Cochim:

O governador convida os pescadores, classe numerosa na cidade, a colaborar na programada recepção à Virgem Peregrina, saindo-Lhe ao encontro com seus barcos ornamentados, o que daria à festa um tom original.

Êsse convite não encontrou eco. Além de serem hindús, a atual crise da pesca havia-os reduzido a uma aflitiva miséria.

O governador desalentado pela perspectiva dum fracasso, volta a reuní-los, insiste, promete-lhes, em nome da régia Visitante, dias felizes para a sua profissão. Audaciosa promessa a dêste governador! Mas eis que êsses pacientes filhos do mar se reunem, fazem-se ao mar, lançam as redes... E já não pu-

---

[2] Mat. V, 22.

deram arrancá-las da água, tão pesada fôra a colheita. Foi necessário recrutar mais colaboradores, mobilizar-lhes os braços para erguerem as redes.

Que falta a êste episódio para ser evangélico todo êle? É ou não é uma reedição flagrante do que viram há quase vinte séculos os pescadores do mar da Galiléia? [3] Um pormenor que o põe mais em evidência: Entre essa farta colheita descobre-se uma espécie que desde longos anos havia desaparecido de todo êsse litoral. *Peixe de Nossa Senhora da Fátima* foi o nome com que ficou batizado desde êsse dia.

E mais uma particularidade curiosa: No dia seguinte, como se o céu quisesse testemunhar o caráter prodigioso da pesca, o peixe emigrara de novo. Experimentou-o um dos pescadores que clandestinamente com sórdidos intuitos de ganância se fizera ao mar para sòzinho se apropriar da presa. Nem um só peixe para amostra!

É ainda na diocese de Kotar um rapazinho surdo-mudo, hindú, que se dedicara a preparar as ornamentações para a recepção da Senhora da Fátima. Aparece Ela. Grita jubiloso o rapazinho: "*Fátima mandawe*" (Mãe de Fátima!). Foram as primícias de seus lábios. Desde essa hora ficara-lhe desatada a língua!

Agora é uma Religiosa gravemente enferma que deseja visitar a Virgem Peregrina. Acompanha-a sua Superiora no carro oferecido com êsse fim por uma princesa hindú. Reza diante da sagrada Imagem. Volta para casa sem dores. Depois dum sono reparador verifica-se que não restam vestígios da doença. Fulminantemente curada! É realmente o Evangelho da Virgem em ação.

Em Madrasta é uma criancinha aleijada, que de mãos erguidas e olhares suplicantes vem pedir a sua cura à Saúde dos Enfermos. E... ali mesmo abandona as muletas, únicas companheiras de seus passos. Não precisou mais delas.

É ainda o Evangelho da Peregrina. E Ela a Peregrina do Evangelho.

A vastíssima praça de Bombaim oferece êste espetáculo que a Autora descreve assim: "Mais uma vez corpos esfarrapados... cabeças enormes... pernas inativas... braços para-

[3] Luc. V, 4-7.

lisados... bôcas emudecidas... ouvidos cerrados... olhos fechados... Botões a abrir... e flores a murchar... tudo ali está aos pés da Senhora Branca da Cova da Iria. Que estendal humano! Que espetáculo impressionante!... Corpos inertes! Almas em oração! O espírito dominando a matéria". Não serão estas palavras uma televisão longínqua do que escreveu o Evangelista: "E vieram a Êle multidões trazendo consigo mudos, cegos, coxos, enfermos e outros muitos; e lançaram-nos a Seus pés, e Êle curou-os." [4]

Não acabou ainda a cena de Bombaim. A cronista apresenta-nos uma jovem Religiosa. Grave enfermidade paralisara há doze anos tôda a sua atividade, e implacável sentença médica havia sido pronunciada: *Nunca mais poderá andar.* Mas no momento da Bênção Eucarística aos doentes, na presença da Virgem Peregrina, nova corrente de vida anima os membros da Irmã Beatriz. E ei-la fulminantemente curada. E quem há tantos anos se não movia, caminha agora atrás da celestial taumaturga, cantando os Seus louvores a uníssono com a multidão.

Em Singapura é uma família protestante que vai pedir que sua casa seja visitada pela Peregrina taumaturga, onde há muito tempo jaz uma filhinha doente. É ainda uma mulher desfeita em lágrimas que corre à Igreja, se prostra aos pés da Senhora da Fátima, toma uma das pétalas caídas do Seu trono, volta a casa e coloca-a sôbre a filhinha imóvel no leito da sua enfermidade. A asa da morte já rondava bem perto. A pequenina automàticamente sorri para a mãe. Estava surpreendentemente curada. À mãe só resta voltar à igreja para agradecer e depositar a sua oferta aos pés da Médica celeste.

Em Finley, pequena cidade da Austrália, é uma religiosa das Mercy Sister's que há vários anos suportava implacável doença da garganta. A medicina declara-a inexoràvelmente incurável. Vendo, porém, a arrebatadora Imagem, tem a inspirada idéia de pedir o Seu manto e colocá-lo no lugar afetado pelo mal. Inteiramente curada na mesma hora, só lhe resta cair de joelhos na mais comovente atitude de gratidão.

Ainda a página 128 relata o caso de Joan Westblade, fotografada na pág. 144; moça de 20 anos, vítima da poliomielite.

---

[4] Mat. XV, 30.

Pernas encaixadas em talas de ferro, braços quase paralisados, vive estendida no leito da sua enfermidade. Com a vinda da celeste Peregrina é transportada para o hospital, onde queria receber a Bênção dos doentes. Chega a sua vez. O Senhor Bispo com ostensório reluzente traça sôbre ela o sinal da cruz. No mesmo instante sente como que nova corrente de vitalidade que lhe percorre os membros; mas, calma, não dá sinal de nada. Transportada para casa tenta libertar as pernas do aparelho que as sujeitava. Está curada. De joelhos reza o rosário completo e toma logo a antiga bicicleta, atravessa vertiginosamente a cidade e corre a apresentar-se ao Bispo. Quantos a viram pedalar ligeira ficam estupefatos, sem acreditar no testemunho dos próprios olhos. E correm atrás da bicicleta para verificarem se realmente é ela. A notícia percorre tôda a Austrália. Afluem jornalistas e fotógrafos. A imprensa protestante descreve nas primeiras páginas com todos os pormenores o caso inaudito.

Perguntemos ainda: não se vê em tôdas estas maravilhas o mais lídimo cunho evangélico?

Mas não são apenas na ordem temporal as bênçãos que a Mensageira celeste vai semeando. O que o livro narra na ordem espiritual são apenas algumas amostras: O principal pertence à história que se não escreve, reservado como é aos olhos de Deus.

O caso de quinze sacerdotes distribuindo durante duas horas a comunhão a milhares de fiéis em Calcutá é apenas uma transparência de mais consoladora realidade. Patético também o gesto do seminarista, querendo receber a ordenação sacerdotal aos pés da Virgem Peregrina.

Maravilha de outro gênero, mas genuinamente bíblica, ainda se passa na capital da Malásia.

É uma cidade maometana, miscelânea de raças e de religiões, aos pés da Embaixatriz do céu, apresentando logo à entrada esta gigantesca legenda: "Alvíssaras! Alvíssaras! Aí vem a Mãe!" (Joy! Joy! the Mother comes!)

Cativantes anjinhos franqueiam aos peregrinos as portas da igreja, enquanto gentis maometanos oferecem lindos ramalhetes à encantadora Visitante e depõem a Seus pés as chaves da cidade.

Ajoelhadas e de braços em cruz um grupo de Religiosas agradece à Virgem da Fátima o seguinte milagre ocorrido durante a ocupação japonesa:

Certa noite alguns oficiais invadem o convento, e intimam a Superiora a entregar-lhes as alunas mais crescidas.

Um NÃO indignado foi a única resposta, não hesitando a conscienciosa Superiora em se manifestar disposta a selar com o próprio sangue a sua intransigente atitude.

No calor da discussão um dêsses filhos de Marte repele-a brutalmente e penetra com os outros nos dormitórios, onde centenas dessas mocinhas dormiam sossegadamente bem à vista de quem ali entrasse.

Com a alma confrangida e apavorada, a Superiora que os segue vai pedindo à Virgem Imaculada dê ordem aos anjos da Sua invisível escolta para que desdobrem suas níveas asas sôbre tantas mocinhas ali adormecidas e inconscientes do perigo.

Atravessam os dormitórios uns após outros e... não viram ninguém! A seus olhos era um dormitório abandonado e deserto. Não havia ali alma viva! Centenas de leitos todos ocupados e patentes a quaisquer outros olhos, para o ávido olhar dos invasores eram leitos vazios.

Abrindo a história sagrada não vemos nós também em análogas circunstâncias os habitantes de Sodoma atacados de misteriosa cegueira, a ponto de nem darem com a própria porta, impedidos assim de praticarem a abominação que projetavam? [5]

E não vimos também como a oração de Eliseu apagou a luz dos olhos a todos os soldados do rei da Síria, quando com temeroso aparato bélico maquinavam a prisão e morte do profeta, cegueira que a êste permitiu conduzir todos êsses esquadrões, domados como borregos, até à presença do rei de Israel na Samaria? [6]

Que é isto afinal? Na linguagem corrente chama-se *milagre*. Para certos obreiros da desracionalização do homem, que se julgam águias do pensamento hodierno, não se chega a ver bem o que seja. Qualquer coisa como uma inconsciente paralisia ocular: Com relação à oração de Eliseu não passa de pura coincidência; uma espécie de *coexistência pacífica*, sem mútuo

---

[5] Gên. XIX, 11.
[6] IX Reg. VI, 18-20.

influxo, entre a cegueira verificada em Paulo, e a oração que se desenrola no íntimo da alma de Paulo! Cegueira que do mesmo modo se teria dado se Paulo não orasse!

Mas, para dar maior relêvo a esta série de acontecimentos, vamos ainda a uma pequena aldeia do Malabar, onde foi testemunhada a visão dum sinal visto no céu *"signum magnum"*, que faz lembrar o que outrora deixou arrebatado o Vidente de Patmos.[7] Relata-o a cronista na página 26.

Foi a 29 de novembro, justamente quando a Peregrina da Fátima entrava triunfalmente em Goa. Uma Religiosa ensinava numa escola daquela longínqua aldeia numeroso grupo de crianças católicas e hindús. "Uma delas, saindo da classe, olha acidentalmente o céu, e vê desenhado nêle uma Senhora de incomparável formosura, rodeada por três pequenitos. Nervosa, chama alvoroçada... Religiosa e alunos abandonam a aula, e *todos vêem nìtidamente o quadro belíssimo.*"

O caso chega aos ouvidos do Bispo diocesano, que manda instaurar minucioso inquérito, e interroga êle mesmo a Religiosa e as crianças. A maior parte delas ignorava totalmente a chegada da Excelsa Aparecida da Fátima à Índia nesse mesmo dia. Muitas delas eram hindús. Embora as suas idades oscilassem entre os 4 e 12 anos, tôdas descrevem de igual modo a surpreendente visão.

Em dia tão claro como êsse não havia nuvens no céu para desenharem tão primorosa obra como a que viram êsses olhos infantis.

Com esta providencial iniciativa do Bispo, talvez a essas numerosas testemunhas do acontecimento não seja muito fácil passar diploma de visionárias ou farsantes, nem recorrer à hipótese demasiado barata da sugestão coletiva.

E quantos outros casos se podiam respigar ainda através dessas interessantes páginas, que de fugida percorremos. Que o faça o leitor. Não se arrependerá. Esta parte neo-evangélica tem a grande vantagem de nos mostrar que os milagres ainda são possíveis, como o foram nos tempos evangélicos. Não falta quem, quando obrigado pela *história* ou pela *experiência* a admitir a realidade de certos fatos miraculosos, negue pela *filo-*

---

[7] Apoc. XII, 1.

sofia (pobre filosofia!) que sejam miraculosos. Ou, se alguma vez foram miraculsos, hoje deixaram de o ser!

A volta ao mundo da Virgem Peregrina da Fátima mostra que muitos fatos da época evangélica também se verificam em nossos dias. Não são milagres? E com que direito se consideram tais os do Evangelho? Ou ter-se-á o mundo deixado mistificar, quando lhe apresentam certos fenômenos raros para justificar canonizações de Santos?

Novo gênero de maravilhas, e não menos evangélicas são as transformações morais que se operam nas almas, à imagem e semelhança da que se verificou em Zaqueu, quando Jesus o foi visitar!

É o momento em que diadema cintilante de oiro vem coroar a celestial Peregrina como Rainha da Malásia.

Além dos católicos, rodeiam-na sobretudo hindús, protestantes, e os filhos de Maomé e de Confúcio. Com a mesma resolução de Zaqueu, que não sofre delongas, uma moça pede logo o batismo, uma mulher budista jura nunca mais entrar no seu templo, outra suplica sejam os seus filhos instruidos na religião católica. E continua a cronista: "As pequenitas chinesas quase tôdas pagãs, insistem em que a Virgem visite a sua escola. E lá A recebem entusiàsticamente, juntando-se a elas os seus próprios pais, pagãos como elas.

"Um rapaz que se havia convertido em segredo, reune a família e confessa o que fizera tempos atrás. Pede aos pais e aos irmãos que o imitem, se querem encontrar a verdadeira felicidade. Imediatamente dois dos seus irmãos acedem ao convite".

Novos casos de transformações de almas se poderiam juntar arquivados pela mesma cronista, embora sem a mesma projeção no seu meio social e sem despertarem a mesma admiração. Tal é a do maometano de Tellichery, que a Autora põe em destaque, pela situação de enjeitado e excomungado que a conversão cria a qualquer maometano com relação à família. Esta passa a olhá-lo como apóstata execrando.

É o caso ainda do protestante que construiu por suas próprias mãos o maravilhoso andor-rodante da Virgem, e que durante a procissão pedia profundamente comovido ao sacerdote obtivesse de Nonsa Senhora a sua conversão. Um pobre cego

recém-convertido suplica a sua cura também para poder ordenar-se sacerdote.

Além dos pagãos que buscam no batismo os foros de cidadãos do reino de Deus aparecem não poucos batizados que durante anos se haviam esquecido dos seus deveres de católicos, e que atraidos pelo olhar da Virgem da Fátima foram liquidar aos pés do confessor contas muito atrasadas.

A página 144 começa com estas palavras, referindo-se à Indonésia: "Por tôda a parte as conversões são numerosas. Já se contam mais de setecentos filhos pródigos regressados à casa paterna."

E como colaboradores da graça nestas conversões aparece-nos também um sacerdote outrora jacobita, convertido também êle, tendo trocado a sua suntuosa catedral cismática por modesta capelinha coberta de colmo.

Por sua vez apresenta-se também um Bispo ex-jacobita, convertido há poucos anos e agora bispo do rito católico Siro-Malankara, à frente dos seus diocesanos na recepção da celeste Visitante.

III

Esta quarta jornada da Peregrina do Mundo não nos dispensa de breves referências a outros aspetos da peregrinação: recepções, ornamentações, homenagens, ofertas, atos de culto.

Recepções. — É todo o movimento de grandes cidades que paralisa, são as repartições públicas que fecham, são as almas alvorotadas que saem à rua para contemplarem com olhos assombrados o que nunca teriam podido imaginar, irmanadas tôdas por uma única idéia que as absorve sem a menor discriminação de religiões, ou antes orando tôdas como se para tôdas nessa hora não houvesse mais que uma religião: a veneração à Mãe de Deus que do céu veio visitá-las.

E assim ninguém estranha que apareçam no meio de tôda a fermentação católica: hindús, maometanos, budistas e outros pagãos sem excluir seus próprios sacerdotes, soluçando dolorosamente como se nas suas religiões a ausência desta Mãe lhes fizesse sentir uma orfandade de morte. Nem admira que muitos se preparem pela penitência e pela oração para A receberem;

que centenas de carros ornamentados com a bandeira pontifícia A vão receber ao aeroporto duma cidade budista, qual é a capital do Sião, onde há três séculos estavam severamente proibidas procissões e qualquer gênero de manifestações religiosas; que o governador de Ceilão, budista também, coloque a Seus pés lindo ramo de flores e ponha dois automóveis oficiais ao dispor da Virgem Peregrina e da Sua comitiva para se movimentarem através da ilha; que em Brisbane (Austrália) cem mil peregrinos recepcionem e delirantemente aclamem a sagrada Imagem e que um cortejo ininterrupto de mais de mil automóvis A sigam desde o aeroporto até à catedral; e que na capital da Austrália a procissão se detenha ao passar diante da embaixada soviética, para todos em côro rezarem três Ave-Marias; que em Chantabury, precedida de helicopteros, donde sôbre Ela cai formosa chuva de flores, A vejamos transportada ao longo dos rios, em magnífico rebocador ornamentado e puxado por 220 pessoas; que noutra cidade o povo hindú tivesse a generosa idéia de mudar o curso de um rio, sem se preocupar com possíveis transtornos, para que Ela o atravessasse a pé enxuto!

Nalgumas cidades a recepção apresenta certo aspeto surpreendente e miraculoso. Em novembro de 1950 Singapura encontra-se a braços com temível revolução, convulsionada por distúrbios fratricidas nas ruas, com incêndios de carros elétricos, montras assaltadas e pulverizadas. Vinte e quatro horas depois entra a Virgem Peregrina, difundindo sorrisos de paz. Maometanos, budistas, protestantes, confucionistas, confraternizando todos com os católicos, saem-Lhe ao encontro; e Ela toma o Seu lugar no majestoso trono erguido numa das praças da cidade. E todos os ódios amainam por encanto. A Sua presença fêz o que nenhum expediente policial faria em estado de sítio.

Depois é a entrada em Kampar, quase em ruinas. Hordas comunistas tudo haviam queimado e saqueado. As autoridades maometanas, porém, não consentem que o triunfo da Celeste Peregrina fique paralisado: metralhadoras estão aperradas em torno do andor, e os tanques armados estão prontos a entrar em ação ao menor incidente. E a Mensageira da Paz avança através da cidade. Está em Sua casa. Ela é a Rainha.

Depois é Kuala Lampur, a cidadela do maometismo, capital da Malásia, onde nunca se juntara tanta gente. E logo à entrada da cidade em letras garrafais o anúncio já conhecido: *Joy! Joy! The Mother comes!*

Ao brilho das recepções tinham de corresponder condignas

Ornamentações. — E estas deixam sempre maravilhado o leitor, não só pela sua artística originalidade e gôsto oriental não destituido de incontestável estética, mas sobretudo pelo afetuoso carinho que êle traduz para com a encantadora Visitante. São balões iluminados desenhando no chão deslumbrantes canteiros num percurso de não poucos quilômetros; são autênticos túneis de alva e diáfana plumagem tôda feita em papel de seda; são folhas de palmeiras tapetando estradas, palmas e festões por tôda a parte; são numerosos colares feitos de flores e de frutos, de fios doirados e mesmo de oiro e prata, pendentes da carruagem; são as refulgentes galas atapetando os caminhos que a Senhora deve atravessar, as paliçadas de palmas baloiçadas pelo vento e criando um místico murmúrio de oração, os arcos e grinaldas que adornam as ruas, os milhares de cintilantes estrelinhas acesas através de todo o trajeto das procissões.

São mil outras vistosas ornamentações, que por vêzes representam verdadeiras catedrais, às quais não faltam colunas e capitéis.

E completando o cenário são invocações como esta *"Our Lady pray for us"*, que em caracteres luminosos as girândolas de foguetes vão acender nas alturas do espaço, sem falarmos de mil outros jogos de luz de efeito deslumbrante.

Em Cochim, diocese até há pouco do Padroado português, vê-se o mar coalhado de mais de mil pequeninas embarcações, ostentando, como ornamentação central, uma cruz.

Por mais de uma vez desempenha também o seu papel pitoresco no conjunto das ornamentações um corpulento elefante, cujo dorso serve de trono à Mãe do Criador, e ao qual três outros se vêm logo associar. E ei-los que se ajoelham diante da Senhora e baixam por três vêzes a tromba em atitude de submissão. E nem falamos de níveas pombas que esvoaçam batendo as asas sôbre a atraente Imagem, ou poisam aos pés dAquela que no Cântico dos Cânticos é celebrada com o nome

de Pomba imaculada. É espetáculo já tão vulgar que a cronista só lhe faz uma ou outra referência passageira.

Quem pode sobretudo fazer uma idéia do esplendor e magnificência dos tronos que se ergueram, dos carros triunfais que com requintes orientais de majestade transportavam através das cidades a única Rainha do Universo?

Que estupendo não seria ver a Sua extasiante figura emergindo do cálice duma flor de lotus, e êste transportado nas asas brancas dum cisne!

Como tudo se punha em jôgo para fazê-la ainda mais bela, mais cativante e majestosa do que Ela é, se fôsse possível realizar tal loucura!

Homenagens. — Destaquemos algumas das mais expressivas que nas páginas da *"Quarta jornada"* se arquivam. É a guarda de honra que em Singapura fazem ao andor da Virgem, durante o soleníssimo cortejo, soldados e marinheiros ingleses, marchando cadenciadamente. E como nessa hora era bélico o ambiente (ainda na véspera a cidade revolucionada se mantinha em estado de sítio), seguiam o andor metralhadoras prestes a disparar, e esquadrões da polícia.

Em Djakarta (Indonésia) os régulos, de turbantes de prata e espadas desembainhadas, permanecem a noite inteira em guarda de honra ao altar; e na Nova Guiné são os próprios chefes indígenas, pagãos, que reivindicam a honra de carregar o andor.

Na Polinésia, outro pagão bem conhecido, proprietário duma garagem, oferece um dos seus carros para transportar a Mãe dos cristãos, e êle mesmo o conduziu durante todo o tempo.

Em Larantoega viu-se renovado o gesto de D. João IV de Portugal. O rei gentio depõe aos pés de Nossa Senhora o cetro e a coroa. Ficava Ela sendo a Rainha dessa terra, tão rica de tradições lusitanas.

Ofertas. — O deslumbramento e entusiasmo de recepções, como as que a crônica da *quarta jornada* descreve, supõe sempre um fundo de magnanimidade nas almas, quando estas são da têmpera das que acolheram e festejaram a Peregrina do mundo oriental. Esta magnanimidade manifesta-se espontâ-

neamente nas mil variedades de ofertas que de tôda a parte afluem.

Assim vemos em Damão o próprio governador que em nome dos católicos e hindús da província oferece preciosíssimo diadema oriental e um colar dos mais raros. A rainha de Atsabé (Timor) faz a oferta de um terço de oiro e os ourives da terra trazem à Peregrina um esplêndido rosário do mesmo metal. Em Mangalor as Irmãs da Caridade oferecem-Lhe um colar de prata indiano, e as Religiosas Carmelitas colocam-Lhe nas mãos um terço feito com moedas; e em plena praça pública é-Lhe oferecido preciosíssimo rosário de oiro de 22 quilates. Também um sacerdote ex-cismático convertido ao catolicismo, sacrifica tôdas as suas economias para Lhe oferecer um lindo terço de oiro.

No meio de uma estrada alguns religiosos vêm depor-Lhe aos pés um coração de oiro. Corações de oiro afinal tantos quantos os ofertantes.

Em Penang, onde, como se disse, foi coroada Rainha e soberana de tôda a Malásia, é o povo que Lhe oferece a coroa de cintilante oiro.

Já no Paquistão se tinha visto o filho do sumo sacerdote dos Parsas com a mulher e filhos deporem prostrados as suas ofertas aos pés da celeste Rainha.

Em Ossu vê-se um régulo nonagenário sentado entre os seus conselheiros e rodeado dos seus familiares para receberem e aclamarem a Virgem da Fátima. Num altar prèviamente preparado para Ela está uma lua de oiro com cinqüenta libras, oferta generosa do régulo.

Cochim, para perpétua memória da pesca miraculosa atrás referida, oferece-Lhe um peixe de oiro com corrente do mesmo metal.

Uma miniatura em oiro maciço da imaculada Peregrina, assente sôbre magnífica esfera de marfim, é uma lembrança também que Bombaim Lhe oferece.

A cronista chama particularmente a atenção para o caso de uma histórica esmeralda, presente do Marajá de Mysore ao seu primeiro ministro, a qual, por expressa convenção, ficaria sendo patrimônio inalienável da família. Passaram séculos, a Virgem Peregrina da Fátima chega a Bombaim. O atual chefe

da venerável família tem a inspiração de ofertar à Rainha do mundo a estimadíssima esmeralda. Obsta o assumido compromisso de nunca sair da família o régio presente. Reuniu-se, pois, em conselho a numerosa família, de que só uma pequena parte era católica, para resolver o emergente caso de consciência.

Solução adotada: Pode oferecer a esmeralda sem quebra do secular juramento. Ela faz parte da família; e, como tal, Ela tem direito a êsse precioso patrimônio. Assim fica até mais seguro, pois Ela não morre, ao passo que a restante família pode extinguir-se.

Sublime resposta dada por uma família, cuja grande maioria era hindú e maometana. E a esmeralda encastoada em preciosa coroa de oiro e brilhantes, coroou solenemente a Imperatriz do céu e da terra.

Nesta matéria não deixará de comover o leitor o gesto duns pequeninos protestantes que suplicaram lhes deixassem ver a Virgem Peregrina. E com a inocência que transluzia em seus olhares infantis, num impulso espontâneo esvaziam todo o seu pecúlio na bandeja das esmolas.

Mas presentes mais patéticos e valiosos não faltaram também nesta jornada, presentes de mães, ofertas feitas à Mãe das mães. Em Malaca trazem elas nos braços seus filhinhos, e erguendo-os bem alto num expressivo ato de doação, com olhar suplicante pedem à Senhora que os aceite.

Gesto sublime o dessas mães encantadoras, que, não tendo talvez oiro nem prata (como outrora Pedro e João à entrada do Templo), dão à Mãe de Jesus o que Deus de mais caro lhes dera: seus filhos; que os filhos são alguma coisa de si mesmas, um pedaço da própria alma. E Ela bem o sabe, Ela que também é Mãe.

Atos de culto. — Entre as homenagens prestadas à Imagem da Excelsa Peregrina do mundo, sobressaem, como é lógico, as homenagens de caráter religioso e litúrgico.

Não se trata de uma imagem qualquer. É a imagem da Mãe de Deus aparecida na Fátima, donde ditou a Sua mensagem ao mundo, e que pelo mundo anda peregrinando em imagem visível, como visível foi a Sua apresentação viva e pessoal na Cova da Iria. Mas a imagem é uma representação da pessoa,

tão perfeita quanto à pobre arte humana é dado realizá-la, e portanto representação necessàriamente imperfeita. E, bem o sabemos, as homenagens, o culto das massas que A contemplam não se dirigem à representação material, ao cedro em que foi esculpida, mas sim à pessoa representada que é a Mãe de Jesus.

Portanto, essas homenagens não vão dirigidas à imagem, mas à pessoa como que sacramentada nessa escultura, imagem que cria nas almas a ilusão, bem consciente aliás, de A estarem vendo, como a fotografia dum pai ausente cria na alma do filho a presença artificial da pessoa fotografada.

Por isso é que as homenagens de caráter profano, prestadas por êsses povos orientais à cativante Imagem, paradas militares, apresentação de armas, salvas de artilharia, etc., eram simples expressão externa dum culto interno, como o que se presta à bandeira nacional, simbolizando a pátria, e que nem sempre supõe necessàriamente sentimentos internos de religiosidade.

Muito outro, porém, é o culto tributado à Pessoa que a imagem como que sacramentava na impossibilidade de A tornar visìvelmente presente, se é que alguma vez, como a imagem que um dia sorriu para Santa Teresinha doente e a deixou automàticamente curada, a da Virgem Peregrina não terá servido para esconder a presença palpitante da Pessoa, presença que não era vista, mas que se sentia.

São estas homenagens fruto de inegáveis transformações e elevações de almas que o leitor criterioso e certamente maravilhado não pode deixar de apreciar.

Quem não se sente realmente impressionado ao ver em Perth (Austrália) que o primeiro a ajoelhar suplicante aos pés da Virgem Peregrina é nada menos que o pastor protestante, logo imitado pela mulher e filhos? ao ver Jafna a seus pés durante três dias e três noites, sem que a oração de seus habitantes sofra um só minuto de interrupção?

Quem não se impressiona ainda ao ver o Arcebispo de Melburne comovido até às lágrimas quando, entrando na igreja às 5 horas da madrugada, ali encontra numeroso grupo de operários rezando o terço com os braços em cruz, e logo seguindo dali para o trabalho?

E que impressão não experimentará o leitor vendo depois da página 128 fotografada grande concentração de crianças maometanas impecàvelmente dispostas de modo a formarem um terço vivo aos pés de Nossa Senhora do Rosário, como já em Trivandrú se vira um gracioso grupo de crianças hindús formando um completo rosário vivo?

Razão tem a comitiva da Augusta Peregrina para exaltar admirada fatos como a distribuição de 1.500 comunhões durante a missa celebrada na ilha de Samoa em plena terra de pagãos, a penitência e o jejum com que durante dias e dias numa cidade da Austrália o povo se preparou para receber a Mensageira do céu. Ainda em Singapura é um maometano que se apresenta a pedir um pouco de água da Fátima, como nas ilhas de Salomão muitos metodistas procuravam obter terços e medalhas.

Na Austrália ainda no meio duma romaria, que sai ao encontro da Virgem Peregrina, vê-se o próprio bispo anglicano, como numa cidade da Nova Guiné viera um bispo metodista, sem sombra de respeito humano, ajoelhar piedosamente diante da sagrada Imagem, enquanto em nome de tôda a assistência uma criança rezava o ato de Consagração ao Imaculado Coração de Maria.

São gestos que não se explicam sem qualquer prévia transformação de almas, como o do protestante que em Waima dirige a palavra a Nossa Senhora num piedoso discurso, pedindo-Lhe que volte cada ano visitar essa terra para os fazer refletir. Comovente ainda a atitude do missionário lituano (católico) que a cronista nos apresenta recebendo de joelhos à entrada do templo a sagrada Imagem e arrastando-se de joelhos até ao trono em que é colocada.

Nem é menos impressionante ler o que se passou no colégio dirigido por freiras: As pequenitas católicas foram convidadas a virem para o Colégio meia hora mais cedo a fim de em comum rezarem o terço à Virgem Peregrina. O convite teve o melhor eco no coração das pagãzinhas, que eram 80%. E ei-las logo de manhã cedo a encherem a capela do Colégio para rezarem o terço unidas às crianças católicas.

Quantos casos que como estes primam pelo patético não poderíamos ainda respigar nas páginas que estamos percorren-

do! É ver a criancinha de três anos que em plena rua de Melburne, compadecida por ver descalça a celestial Peregrina, se esforça por descalçar os sapatinhos com o fim de Lhos oferecer. Como nos comove também ver o Arcebispo dessa mesma diocese exarar nos jornais o seu *Nunc dimittis* concebido nestes termos: "Agradeço a Deus ter-me deixado viver tão longamente só por ter a alegria de ver o triunfo de Nossa Senhora de Fátima na minha Diocese". Não é menos de impressionar o caso do capitão de um porto marítimo que inicia eloqüente discurso de boas-vindas à excelsa Visitante, mas cuja emoção é tal que as lágrimas vêm substituir a voz embargada.

Finalmente para que ficasse bem gravado na alma de todos os povos e tribos visitados que Nossa Senhora da Fátima era a Virgem do Rosário, que com êsse nome se apresentou na Cova da Iria, e que a reza quotidiana do terço era uma parte importante da Sua mensagem ao mundo, não faltaram espetáculos grndiosos uns, comoventes outros, que difìcilmente se apagarão da memória de quem os tiver presenciado.

Foi em Cochim, para comemorar os 15 mistérios do Rosário, a cerimônia de 15 missas simultâneamente celebradas em 15 altares artìsticamente decorados. Com o mesmo significado se repete a mesma cerimônia numa das praças de Rangoon: 15 missas simultâneas para se recordarem os 15 mistérios do Rosário.

Em Goa, na vastíssima praça junto à igreja de S. Francisco, 153 altares, artìsticamente adornados por gentis senhoras da cidade, para lembrarem a tôda a Índia, a todo o Oriente, ao mundo todo, as 153 Ave-Marias do Rosário. E sôbre êsses altares 153 sacerdotes celebram simultâneamente outras tantas missas. [8]

Nas costas do Malabar abre-se também remansoso lago, a que dão acesso vários canais; e no centro dêsse lago sôbre uma jangada surge a *Ilha dos Altares*. São 6 altares comemorando as 6 aparições da Fátima, em que a celestial Aparecida do Rosário tão insistentemente recomendou a quotidiana reza do terço.

---

[8] A arquidiocese de Goa é um autêntico viveiro de vocações sacerdotais, como poucos haverá em tôda a Igreja. Fornece sacerdotes para fora das fronteiras arquidiocesanas. Encontram-se sacerdotes goeses nas províncias portuguesas da África e até na Europa.

E sôbre êsses 6 altares eis que outros tantos sacerdotes celebram a santa missa! Momento impressionante êsse, em que a Vítima Divina na mãos de seus ministros se ergue sôbre as tranquilas águas do Malabar, e a que Sua Mãe assiste como outrora no Gólgota, então feita uma estátua de dor, e agora como estátua contemplativa. E inúmeras barquinhas apinhadas de gente cobrem tôda a superfície das águas, como outrora multidão de espectadores cobria o espaço circundante da cruz.

Já atrás se recordou a graciosa cena das crianças maometanas da Malásia e o semelhante alinhamento de outras em Trivandrú, formando um terço aquelas e estas um rosário vivo e palpitante. Como ficaria desde essa hora impressa nesses cérebros infantis a devoção do Rosário tão inculcada nas seis memoráveis aparições da Cova da Iria! Quem estranhará então certos episódios que se nos apresentam nesta crônica, de pagãozinhos, crianças e adultos que pedem terços à comitiva da Virgem Peregrina? Dir-se-ia que nesses terços viam qualquer coisa como amarras indestrutíveis que os prendiam à doce Imagem que tanto os fascinou.

Mais de uma vez alude a Autora a monumentos e vestígios que por todo o Oriente visitado recordam a presença e sobretudo a ação missionária dos portugueses.

"Em Belgiam Garden, diz, à entrada da igreja vimos a Ave-Maria escrita em correto português, e na escola, mais uma vez, o mapa de Portugal está patente".

Em Malaca, como no Sião, a invocação *Santa Maria* estagnou perpètuamente há quatro séculos nos lábios dos indígenas tal qual a ouviram pronunciar a primeira vez, sem nunca ter tido tradução alguma.

E, como esta, tantas outras reminiscências dos beneméritos europeus que a essas paragens levaram as primeiras cintilações do Evangelho.

Honra póstuma para essa plêiade que "da ocidental praia lusitana por mares nunca dantes navegados passaram ainda além da Taprobana", inconscientes precursores da grande Missionária de 1950.

Não lhes ocorreu repetir aos povos do Ganges a voz do grande missionário do Jordão: Depois de nós virá Quem é muito mais poderosa do que nós.

Com flagrantíssima oportunidade se poderia já dizer, ao regressar da Sua quarta jornada a Peregrina-Taumaturga o que dois anos depois escreverá o Eminentíssimo Cardeal Arcebispo Primaz da Bahia:

"Coisa verdadeiramente extraordinária e inaudita é esta peregrinação que Nossa Senhora de Fátima, em Sua artística e já milagrosa imagem, anda a fazer pelo mundo. Não menos extraordinária e nunca vista tem sido a demonstração de amor a Maria Santíssima e de confiança absoluta e sem limites na Sua maternal e onipotente intercessão. Por onde passa a veneranda e encantadora imagem se vão estancando fontes recônditas de lágrimas silenciosas e se vão abrindo sorrisos doces de contentamento feliz e paz serena.

"Um último olhar profundo e meigo de saudade infinda acompanha até à curva dos caminhos de terra, mar e ar a efígie sagrada, e num suspiro vai levando à Virgem de Fátima o derradeiro adeus. A nostalgia do céu empolga os que ficaram e uma vida nova lhes ressurge nalma, às ressonâncias celestialmente harmoniosas das invocações de Fátima." [9]

A *Quarta Jornada!* Que estupendo Canto XI para concluir os *Lusíadas*, poema que — agora se vê — ficou incompleto. Camões não era profeta. Chave de oiro, êsse Canto XI, epopéia mariana, sonhada na Terra de Santa Maria e realizada no Oriente.

Permaneça ao menos o rasto de luz deixado pela Virgem Peregrina da Fátima, como itinerário a seguir por futuros continuadores da Sua obra, pois Ela ainda nos deixou alguma coisa que fazer, sobretudo a honra de sermos os alto-falantes da Sua mensagem de 1917.

Bem haja a autora de obra tão preciosa para o mundo das letras. E que depressa venha a *quinta jornada* satisfazer a ansiedade de 75 milhões de brasileiros.

---

[9] Apresentação do livro *120 dias com Nossa Senhora de Fátima na peregrinação pelo Brasil* do P. Antônio da Silva Belo, S. J. (Rio de Janeiro, 1954).

O PRÊMIO NOBEL É AINDA ATUAL?

MANSUETO KOHNEN, O.F.M.

Quiséramos inicialmente escrever algumas palavras apenas em tôrno do famoso "Prêmio Nobel" de Literatura. Porém, quem já se ocupa há alguns decênios com o mencionado "Prêmio" é forçado a perguntar, em nossos dias: será que o prêmio Nobel de Literatura não se desviou de sua verdadeira finalidade, como tantas outras coisas em nossa vida atual? Passaram-se mais que seis decênios desde que êle foi conferido pela primeira vez. Mas hoje estamos inclinados a perguntar com tôda a sinceridade: O prêmio Nobel de Literatura não é contra Nobel?

Enumeremos, para facilitar nossa pesquisa, os premiados pela ordem cronológica e a data, em que lhes foi conferido o dito prêmio. O prêmio Nobel de Literatura foi distribuido, até hoje, 57 vêzes a autores de 18 países diferentes. Em 1904 e 1917 foi dado simultâneamente a dois escritores, enquanto os anos de 1914, 1918, 1935 e 1940 até 1943 não conheceram literatos premiados. Eis o ano e o nome dos 57 literatos até hoje premiados:

1901 — René Sully Prudhomme.
1902 — Theodor Mommsen.
1903 — Bjoernstjerne Bjoernson.
1904 — Frederic Mistral e José Echegaray.
1905 — Henry Sienkiewicz.
1906 — Giosuè Carducci.
1907 — Rudyard Kipling.
1908 — Rudolf Eucken.
1909 — Selma Lagerloef.

1910 — Paul Heyse.
1911 — Maurice Maeterlinck.
1912 — Gerhart Hauptmann.
1913 — Rabindranath Tagore.
1915 — Romain Rolland.
1916 — Verner von Heidenstam.
1917 — Karl Gjellerup e Henrik Pontoppidan.
1919 — Carl Spitteler.
1920 — Knut Hamsun.
1921 — Anatole France.
1922 — Jacinto Benavente.
1923 — William Butler Yeats.
1924 — Wladislaw Reymont.
1925 — George Bernard Shaw.
1926 — Grazia Deledda.
1927 — Henri Bergson.
1928 — Sigrid Undset.
1929 — Thomas Mann.
1930 — Sinclair Lewis.
1931 — Arik Axel Karlfeldt.
1932 — John Galsworthy.
1933 — Ivan Bunin.
1934 — Luigi Pirandello.
1936 — Eugene O'Neill.
1937 — Roger Martin du Gard.
1938 — Pearl S. Buck.
1939 — Francis Emil Sillanpää.
1944 — Johannes V. Jensen.
1945 — Gabriela Mistral.
1946 — Hermann Hesse.
1947 — André Gide.
1948 — Thomas Stearns Eliot.
1949 — William Faulkner.
1951 — Paer Lagerkvist.
1952 — François Mauriac.
1953 — Winston Churchill.
1954 — Ernest Hemingway.
1955 — Halldor K. Laxness.
1956 — Juan Ramón Jiménez.

1957 — Albert Camus.
1958 — Boris Pasternak.
1959 — Salvatore Quasimodo.
1960 — Saint-John Perse.
1961 — Ivo Andric.
1962 — John Steinbeck.

Vejamos ainda a que esferas culturais, linguísticas e políticas pertenceram os vencedores do Prêmio Nobel de Literatura para, a seguir, com mais propriedade, fazermos algumas considerações importantes e várias interrogações surpreendentes.

Nobel é sueco, mas considera-se de preferência um escandinavo. Diz no seu testamento a respeito do "Prêmio Nobel": "O mais digno deve receber o prêmio, seja um escandinavo ou não!" À vista desta declaração bastante significativa para o observador atento, damos também a prioridade da apresentação aos representantes do ambiente escandinavo, ou sejam os da Suécia, Noruega e Dinamarca. Procedendo assim dentro do espírito de Nobel, vemos que os laureados do espaço escandinavo são nada menos do que dez, a saber:

Bjoernson — 1832-1910, premiado em 1903.
Lagerloef — 1858-1940, premiado em 1909.
Heidenstam — 1859-1940, premiada em 1916.
Gjellerup — 1857-1919, premiado em 1917.
Pontopiddan — 1857-1943, premiado em 1917.
Hamsun — 1859-1952, premiado em 1920.
Undset — 1882-1949, premiado em 1928.
Karlfeldt — 1864-1931, premiado em 1931.
Jensen — 1873-1950, premiado em 1944.
Lagerkvist — 1891- , premiado em 1951.

Os literatos oriundos do ambiente inglês, irlandês e norte-americano fornecem até os nossos dias o mais numeroso grupo de laureados com o "Prêmio Nobel de Literatura". Figuram na lista treze nomes, ou sejam:

Kipling — 1855-1936, premiado em 1907.
Yeats — 1865-1939, premiado em 1923.
Shaw — 1856-1950, premiado em 1925.

Lewis — 1885-1951, premiado em 1930.
Galsworthy — 1867-1933, premiado em 1932.
O'Neill — 1888-1953, premiado em 1936.
Buck — 1892- , premiado em 1938.
Eliot — 1888- , premiado em 1948.
Faulkner — 1897-1962, premiado em 1949.
Russell — 1872- , premiado em 1950.
Churchill — 1874- , premiado em 1953.
Hemingway — 1899-1962, premiado em 1954.
Steinbeck — 1902- , premiado em 1962.

Contingente igualmente numeroso, além dos representantes da esfera escandinava e anglo-saxônica, apresentam as terras gaulesas e belgas ou sejam os escritores e poetas de língua francesa. Êles contam com onze literatos premiados. Eis os seus nomes:

Prudhomme — 1839-1907, premiado em 1901.
Fr. Mistral — 1830-1914, premiado em 1904.
Maeterlinck — 1862-1949, premiado em 1911.
Rolland — 1866-1944, premiado em 1915.
A. France — 1844-1924, premiado em 1921.
Bergson — 1859-1941, premiado em 1927.
Du Gard — 1881, , premiado em 1937.
Gide — 1869-1951, premiado em 1947.
Mauriac — 1885- , premiado em 1952.
Camus — 1913-1960, premiado em 1957.
Peuse — 1887- , premiado em 1960.

Como a constelação dos representantes nórdicos para o "Prêmio Nobel de Literatura" é curiosa, a configuração dos laureados germânicos com um literato da Suíça alemã — sem nenhum vitorioso das plagas austríacas! — não deixa de ser igualmente curiosa e extremamente condicionada por vários fatores extra-literários. Isto aliás acontece com a absoluta maioria dos contemplados com o mencionado prêmio. Os sete representantes do ambiente germânico são os seguintes:

Mommsen — 1817-1903, premiado em 1902.
Eucken — 1846-1926, premiado em 1908.
Heyse — 1830-1914, premiado em 1910.

Hauptmann — 1862-1946, premiado em 1912.
Spitteler — 1845-1924, premiado em 1919.
Th. Mann — 1875-1955, premiado em 1929.
Hesse — 1877-1962, premiado em 1946.

Já o grupo dos representantes vitoriosos do espaço linguístico que faz parte das línguas eslavas é menor do que os grupos anteriormente enumerados. Assim, dois escritores de terras polonesas, dois das vastas plagas russas, um da Croácia, rep. Iugoslávia, foram premiados até a atualidade, sim, repetimos: até a atualidade, sem querermos vaticinar sôbre eventuais proliferações futuras para, talvez, reparar omissões injustas do passado ou imposições políticas dos dias vindouros. Os escritores eslavos até hoje consagrados são cinco:

Sienkiewicz — 1846-1916, premiado em 1905.
Reymont — 1868-1925, premiado em 1924.
Bunin — 1870-1953, premiado em 1933.
Pasternak — 1890-1960, premiado em 1958.
Audric — 1892- , premiado em 1961.

Também da terra italiana, pátria do imortal Dante, foram até hoje premiados apenas quatro literatos:

Carducci — 1835-1907, premiado em 1906.
Deledda — 1875-1936, premiado em 1926.
Pirandello — 1867-1936, premiado em 1934.
Quasimodo — 1901- , premiado em 1959.

Ainda um terceiro grupo se orgulha de igualmente quatro representantes premiados, além dos do ambiente eslavo e italiano: a esfera do linguajar espanhol, sendo três dos considerados da própria Espanha e um do Chile. Êles se chamaram:

Echegaray — 1833-1916, premiado em 1904.
Benavente — 1866-1954, premiado em 1922.
G. Mistral — 1889-1957, premiada em 1945.
Jiménez — 1881-1958, premiado em 1956.

E parece que Deus reservou eminentes qualidades literárias a êstes poucos povos até aqui enumerados em todo o orbe

terráqueo, se acreditarmos nos altos critérios dos ocupantes da Academia Sueca, que quase anualmente, desde 1901 até hoje, distribuíram ou mandaram conferir o cobiçado "Prêmio Nobel de Literatura". Pois, para completar a nossa enumeração de premiados só falta citar apenas três nomes que, quais insulados, submergem no grande e imenso mar da literatura mundial. Os três nomes a citar são de esferas completamente diferentes e heterogêneas, de terras, línguas e esferas várias e de culturas ainda mais estranhas uma à outra. Seus nomes:

Tagore — (India) — 1861-1941, premiado em 1913.
Sillanpä — (Finlândia) — 1888- , premiado em 1939.
Laxness — (Islândia) — 1902- , premiado em 1955.

Após êste resumo estatístico, um tanto cansativo e até estafante, mas indispensável para as nossas subseqüentes indagações ou considerações, regressemos à pergunta inicial: o prêmio Nobel é contra Nobel?

Para responderem com justeza a esta interrogação, consultemos o testamento do próprio sr. Nobel. Sirva-nos de fonte a obra: "Svenska Akademien. Har vid Sammantraede den 9 November 1916 i enlighet med Foereskriften i Alfred Nobel Testamente av den 27 November 1895 beslutat oeverlemna 1915 Ars Nobelpris i Litteratur Till".

Alfred Nobel escreveu seu famoso testamento em 1895. Conforme êste testamento deveriam ser distribuídos todos os anos os juros de sua fortuna — repartida em cinco partes iguais — "àqueles que no ano findo serviram da melhor maneira à humanidade". Ainda mais: Nobel exigiu do portador do prêmio literário, "que êle tenha realizado o melhor sob o aspecto idealista no domínio da literatura". Portanto, o fundador do prêmio Nobel fala uma linguagem altissonante, fala em "servir da maneira melhor à humanidade" e fala em outra passagem de "poesia idealista", êle, o fabricante de dinamite. Porém, antecipamos a nossa pergunta à vista da longa lista dos 57 literatos de apenas 18 povos de todo o mundo até hoje laureados: será que certos elementos dos premiados não lançaram, em forma literária e poética, a mais destrutiva de tôdas as dinamites, quando atiraram idéias nada idealistas por entre a

humanidade incauta? Sem dúvida alguma! Quem percorre os nomes dos autores ou laureados citados, descobre com facilidade, que uma boa parte dêsses vitoriosos dinamitaram espiritualmente Nobel e serviram pèssimamente aos seus desejos: servir da maneira melhor à humanidade através de uma obra literária idealista.

Indagamos ainda: por quê Nobel insiste tanto na expressão "poesia idealista"? Teve, de certo, suas razões particulares para êste procedimento. Pois, esta expressão correspondeu à índole do próprio Nobel, às suas tentativas pessoais no domínio literário e aos poetas por êle admirados, por exemplo: Shelleâ, Lagerloef e o idealista sueco Rydberg.

O doador do prêmio Nobel escreveu, aos 18 anos, uma poesia visìvelmente influenciada por Shelley, versos originalmente escritos em inglês e só, ao depois, traduzidos por êle, para sua língua materna. Conservaram-se ainda fragmentos de um romance seu, intitulado "Os Irmãos", e de uma novela sua, denominada "No Ocidente Luminoso". E sua derradeira doença conhece ainda o princípio de uma tragédia, sobrescrita com o nome: "Nemesis". Tudo, porém, respira um certo ar idealista.

Nobel foi caracterizado como sendo um homem tímido, eremita, de excepcional susceptibilidade, — êle, o fabricante de dinamite — que não escondia, por vêzes, um grande cinismo. Escreve êle em sua autobiografia: "Alfred Nobel — semi-existência raquítica — deveria ter sido assassinado por um médico humanitário quando fêz sua entrada, chorando, neste mundo. Seus defeitos maiores: não tem família, falta-lhe bom humor e um estômago bom. Exigência maior e única: não ser enterrado vivo. Maior pecado: não adorar o mamon."

E não deixa de ser curioso que êste homem solitário, protótipo do livre-pensador insatisfeito, procure encontrar consôlo junto aos poetas "idealistas", que sonharam com um mundo melhor e o tentaram descrever.

Dêles, o escritor fracassado esperava muito, muitíssimo. Não só para si, mas ainda para todos os amantes das letras e dos livros. Bem sabia êle que poetas "idealistas" não dispõem, em geral, de grandes massas ledoras, que preferem claramente os escritores materialistas e despidos de qualquer ideal. Justamente à vista dêsses fatos, Nobel quis — através de seu

grande prêmio financeiro — incentivar os literatos ou melhor: os poetas "idealistas".

Os distribuidores do prêmio reconheceram também estas aspirações de Nobel e as situações penosas de muitos escritores, reconheceram tudo isso ao menos aparentemente. Podemos citar até algumas palavras em seu favor. Grazia Deledda recebeu, por exemplo, em 1926 o prêmio Nobel com as palavras, que "suas obras foram inspiradas por alto idealismo". O grande cínico — quem duvida que êle não o tenha sido também! — Bernard Shaw admirou-se ao receber o dito prêmio em 1925, que êle lhe tenha sido conferido por sua "atividade literária cheia tanto de idealismo (sic!) como de humanidade (sic!)." Karl Gjellerup (1917) foi distinguido com o prêmio do sueco porque sua "poesia era variegada, rica e cheia de alto idealismo". Também o documento dirigido a Romain Rolland (1915) fala do "alto idealismo" em sua obra. Tagore (1914) é chamado portador de "nobre idealismo" e não duvidamos da justeza da expressão no seu caso. Maeterlinck (1911) escreveu com "idealismo poético" e Heyse (1910) possuiu uma "arte marcada de grande idealismo".

Mas, convenhamos: na maioria dos casos tratava-se apenas de uma reverência social ou diplomática ante o doador do prêmio, enganando o grande público ledor que desconhece os verdadeiros motivos, que tantas vêzes motivam ou motivaram a distribuição do prêmio tão idealìsticamente concebido.

Trocou-se paulatinamente a exigência de poesia "idealista" pelo significado — jamais abertamente enunciado ou confessado — de "o melhor autor do ano", desvirtuando assim a significação original do prêmio. A culpa parcial cabe naturalmente ao juri que não soube fazer valer, com a necessária justiça e energia, a derradeira vontade de Nobel. Mas qual é o ideal que tenha conservado até hoje seu sentido e sua frescura originais? Parcialmente devemos culpar o próprio prêmio Nobel que ganhou, no decorrer dos decênios, um pêso enorme, sobrepujando qualquer cláusula do testamento do doador.

Mas causa sincera estranheza ao sabermos que a Fundação Nobel, já antes de conferir pela primeiríssima vez o prêmio em questão, trabalhou e modificou as cláusulas do testamento. Nobel faleceu aos 10/XII/1896. Quatro anos depois tornou-se

eficiente o testamento. Porém, já naquela hora alguns herdeiros o impugnaram. E o maquinismo circunspecto da mencionada Fundação gastou muito tempo para iniciar sua atividade. Transformou-se ou mudou-se logo de princípio a determinação do doador, que queria ver laureados exclusivamente representantes da beletrística. Se esta modificação talvez não se tenha ainda dirigido diretamente contra a pessoa de Nobel, a segunda certamente o fêz. A determinação do testamento: "...a realização, que no ano findo de maneira melhor serviu à humanidade" foi modificada no sentido que também obras escritas em épocas passadas poderiam ser premiadas cuja "importância sòmente em época mais recente se tornara evidente".

Ora, com esta modificação arbitrária do testamento, os distribuidores do prêmio tornaram-se bastante "generosos" e voluntariosos. Poderiam reclamar o prêmio com tôda justiça, muitos povos e muitíssimos letrados com obras de épocas passadas e que alcançaram "importância" posteriormente, considerando-se esta mudança do testamento.

Haja visto o caso de Th. Mann: recebeu o prêmio Nobel em 1929 "principalmente pelo grande romance "Die Buddenbrooks", que no decorrer dos anos encontrou reconhecimento sempre maior qual obra clássica da literatura contemporânea". Ora, "Die Buddenbrooks" foi publicado em 1901. Passaram-se, portanto, nada mais nada menos do que 28 anos até que a Fundação Nobel reconhecesse a "importância da obra na época mais recente". Não se falava mais na cláusula original do testamento. É difícil não acreditar em certas maquinações misteriosas que movimentam os motores da Fundação Nobel e da Academia Sueca de Letras à vista de fatos tão incontestáveis.

A "Fundação Nobel" entregou à Academia Sueca em Estocolmo o direito de conferir o prêmio literário de Nobel. A Academia Sueca foi fundada "para garantir a pureza e o melhoramento da Língua Sueca e para a conservação e o estímulo do bom gôsto". Como Nobel visou a literatura mundial — e não só a sueca —, a Academia criou uma comissão Nobel. Esta aceita — e é bom informar os nossos leitores sôbre isso — propostas de premiandos, propostas feitas por membros da Academia Sueca, por academias estrangeiras ou por professôres universitários de literatura. Teòricamente, cada um pode

propor candidatos ao prêmio, excluída, naturalmente, a própria candidatura.

Convenhamos: a tarefa dessa comissão Nobel é difícil. Suas decisões serão examinadas pelos contemporâneos e, às vêzes, a posteridade só manifesta incompreensão. Se concedermos à dita comissão que a escolha dos candidatos é, por vêzes, dificílima à vista de muitos fatôres imponderáveis justamente no domínio literário, fatores que são capazes de turvar a argúcia e a visão clara dos juízes, pois não se trata de concurso de "misses", não podemos, contudo, furtar-nos da acusação que, aqui e acolá, ela parece até cega.

Leão Tolstoi, por exemplo, faleceu em 1910. Receberam até o ano de sua morte o mencionado prêmio entre outros: Sully Prudhomme e sua obra já foi por muitos esquecida; Echegaray que, sob a influência de Dumas e Ibsen, teve apenas influência nacional para o teatro espanhol de sua era, mas quase nenhuma para a literatura mundial; Eucken, filósofo alemão, conhecido em certas rodas filosóficas, cuja obra, porém, empalidece ante as produções literárias de um Tolstoi. Coisa semelhante acontece à vista das obras desconhecidas ou ignoradas, na atualidade, de um Heidenstam, Pontoppidan, Karlfeldt, Sillanpää, Mommsen, Bjoernson, Heyse, Benavente e tantos outros, até de um Quasimodo, guardando as devidas distâncias dentro da moderna literatura universal.

Atestaram a Verner von Heidenstam em 1916 que êle "introduziu uma nova época nas belas artes", mas Henrik Ibsen, inovador real de uma fase na literatura mundial, faleceu em 1906 sem ter sido homenageado com o nosso prêmio. E até hoje a comissão Nobel não parece ter considerado a obra total e a importância universal de um Rainer Maria Rilke, Ezra Pound, Máximo Gorki e muitos outros — para só citar alguns poucos. Tudo isso seria compreensível, se — na devida época — não tivesse havido literatos maiores dignos do prêmio Nobel.

Não é em vão, que perguntamos: O prêmio Nobel é contra Nobel?

Perdeu-se o sentido original do prêmio ainda em outro ponto. O fabricante de dinamite queria, com seu legado, tornar independentes os poetas idealistas sob o ponto de vista financeiro. E acontece que as obras de qualquer premiado —

sem ou com valor literário, ideológico e pessoal — são vendidas por atacado na mesma hora em muitas partes do mundo. Assim, os honorários do próprio prêmio — uns 40.000 dólares — tornam-se apenas uma espécie de gorgeta benvinda. Haja visto o caso de Pasternak em 1958.

Para Laxness ficou, no entanto, a gorgeta bastante reduzida, porque a Islândia o fêz entregar uns 90% de impôsto de renda. Mais um paradoxo além dos já existentes no mundo moderno: o Estado Islandês, pouco idealista, por ser de orientação vermelha, tira do escritor coroado justamente aquilo que deveria estimular seu idealismo.

Quem servisse de maneira melhor à fraternização dos povos, êste deveria receber — conforme o testamento de Nobel — os seus prêmios. O doador não pôde adivinhar que o prêmio de Literatura lançaria, no decurso dos decênios, muitas sombras por sôbre esta fraternização sonhada e almejada. Pois a Academia Sueca nem sempre ficou isenta de considerações políticas em suas decisões literárias. Esta é a acusação mais grave que levantamos. Arte literária é essencialmente sôbre-nacional, fugindo até do internacionalismo e nacionalismos insípidos. Vive ainda na lembrança de todos a discussão — sim, discussão — em tôrno dos prêmios concedidos a Laxness, Camus e Pasternak.

Muitas decisões da Academia de Estocolmo não fugiram, neste domínio, do colorido nìtidamente político. Nos primeiros 20 anos de existência do Prêmio Nobel de Literatura contamos nada menos do que seis escandinavos; depois minguaram durante 40 anos! Coisa quase idêntica se dá com os laureados da esfera germânica antes da 1.ª guerra mundial, ou seja na fase do predomínio germânico. Até 1930 nenhum norte-americano teve fôrça criativa literária — estamos falando a linguagem de Estocolmo à vista dos fatos! — hoje já são seis os laureados. E entre os vitoriosos no último decênio, há vários parentes espirituais avermelhados de Lenin e Nikita. Talvez que a "prudência" tenha inspirado tal procedimento. Porém gostaríamos de saber: que tem a ver com esta tática a derradeira vontade de Nobel?

O testamento de Nobel diz claramente: "É minha vontade expressa que, ao se distribuir o prêmio, não se tome em con-

sideração, de maneira alguma, a nacionalidade!" E pouco mais adiante conclui: "O mais digno deve receber o prêmio!"

Dignos! Será que êles existem, nos últimos 62 anos, só no meio de 18 povos? Creio que com menos política dirigida poderiam encontrar-se também representantes dignos do grande prêmio no meio das culturas antigas — a China, o Japão, da Índia, que até agora conta com o único asiático (Tagore) — ou de culturas novas — a América Central e também a Latina, que até hoje só conhece G. Mistral. Dignos! Tôda a África não os terá? Terras pequenas, porém cultas — Portugal, Áustria, Grécia, Israel, Holanda, Ungria e tantas outras — não os possuirão? Duvidamos, por graves razões. Impõe-se uma revisão cuidadosa!

Não sabemos bem qual o conceito de dignidade que vivia no cérebro do fabricante sueco da dinamite. Acreditamos que êste conceito vivia na linha de seu idealismo, portanto, contra os fabricantes de dinamite espiritual, contra os destruidores da humanidade.

Pois, se consideramos hoje a longa lista dos 57 laureados de apenas 18 povos do mundo hodierno, então advogamos que sejam considerados numa produção literária pelo menos os seguintes aspectos:

a) o formal-estético;
b) o ideológico-filosófico;
c) o pessoal-ético;
d) o espiritual-humano; e
e) o da verdadeira criatividade artística.

Esta seqüência não significa hierarquização de valores, mas intenciona a plena universalidade da criatura humana. Nosso universalismo sabe que a arte literária, que deseja captar a vida tôda inteira, considera o ser humano constituido de corpo, espírito e alma.

Também o idealismo de Nobel vislumbra algo dêsses fatores para a grandeza da Humanidade. Urge que a Academia Sueca e a comissão Nobel restituem todos os fatôres enumerados, se não insistimos:

O Prêmio Nobel é contra Nobel? — !

Não procede desvirtuar criminosamente ante o mundo todo um legado claramente estabelecido!

Félix Guisard

FÉLIX GUISARD

P. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S.J.

A 22 de janeiro último comemorou-se em Taubaté o centenário de nascimento de Félix Guisard, falecido exatamente há vinte anos atrás, fundador, naquela cidade, da *Companhia Taubaté Industrial.* À frente dos escritórios do estabelecimento fabril, na Praça Félix Guisard se inaugurou o busto do grande benfeitor da cidade, presentes os membros de sua ilustre família e grande representação da sociedade e do povo de Taubaté. Pela CTI, de que é presidente, falou o Dr. Veloso Borges, e pela cidade o Dr. Joaquim Sebastião da Silva, diretor comercial da mesma Companhia.

Por mais de meio século cumulou Félix Guisard de benefícios a próspera "capital" do Vale do Paraíba. Sòmente os donativos em dinheiro para as obras de assistência, educação e recreio, e em favor do culto, podem ser avaliadas em nossa moeda atual num montante de mais de cem milhões de cruzeiros. Para quem se tornou assim tão benemérito e avulta, aliás, no panorama de nosso progresso social como autêntico precursor de nossa legislação trabalhista, pode parecer pequena a homenagem.

Entre os paladinos da ação social preconizada pela Igreja, alinhou-se êle neste ponto com Luís Tarquínio na Bahia, com Jorge Street em São Paulo. Maior homenagem, ao que me consta, pelos mesmos títulos só recebeu até hoje no Brasil o grande industrial católico pernambucano e doutrinador social, Carlos Alberto de Menezes, em cuja honra ergueram seus operários uma estátua, em Camaragibe. Não vai nesta minha observação nenhuma intenção pejorativa. Sei bem que,

no coração de seus antigos operários, possui a memória de Félix Guisard o condigno monumento, *aere perennius*!

* * *

A 22 de janeiro de 1862, nascia em Teófilo Otoni, ainda então cognominada Filadélfia, Félix Guisard. Dez anos antes essa rica região do Nordeste de Minas não passava de um sertão desconhecido, onde à sombra de suas luxuriantes florestas virgens vagueavam as tribos ferozes dos Nac-nanuques, dos Cracatãs, dos Purucuns e dos Potés e outros Botocudos, em guerra de morte — algumas delas — com os Macunís, os Malalís e os Maxacalís...

Na sua *Geologia e Geografia Física do Brasil,* descreve em têrmos entusiásticos essa esplêndida bacia hidrográfica do Mucuri Carlos Frederico Hartt, que a visitou em 1866. Seus terrenos, aluviais ou terciários, "estão cobertos por uma floresta fértil e exuberante e a paisagem do rio é de superior beleza... as árvores amontoam-se junto das águas, formando um muro de vegetação. Uma coleção de belas fôlhas e brilhantes flôres formam densa cortina de árvore a árvore e algumas vêzes pendem em dobras dos ramos estendidos, como o panejamento que cai de um braço de estátua antiga"... [1]

E a respeito da região, tão apropriada para a agricultura, não pode deixar de exprimir sua "firme crença de que... em dias não muito distantes vê-la-ei regorgitando de gente e constituindo a principal via de comércio com o interior de Minas."

Antes de Hartt, todavia, um mineiro do Serro, Teófilo Ottoni, havia compreendido as possibilidades tôdas do Mucurí. Descendente dos Ottoni de Gênova, emigrados em princípios do século XVIII para Portugal e daí para São Paulo, pertencia também à estirpe bandeirante dos Pais Leme, cujo pioneirismo haveria de imitar. Não se contentou o notável político liberal com divulgar o que vira. Empenhou-se totalmente

---

[1] *Apud* Paulo Pinheiro Chagas, *Teófilo Ottoni,* Rio, 1956, pág. 272. Nesta obra colhemos quase tôdas as informações relativas a Ottoni e à fundação de Filadélfia. Note-se que o nome do autor de *Geologia e Geografia Física do Brasil* (Ed. Nac., *Brasiliana,* n. 200) é *Hartt* e não *Hart,* como se lê na obra citada.

em aproveitar essas possibilidades, em favor do progresso do país.

E a 7 de setembro de 1855, após hercúleos esforços, era inaugurada, às margens de Todos-os-Santos, afluente do Mucurí, em belíssimo descampado, uma nova cidade. Na *Companhia de Comércio e Navegação*, que para isso instituiu, na abertura de mais de duzentos quilômetros de estradas carroçáveis, através da mata, entre Filadélfia e o Pôrto de Santa Clara, na vinda de colonos europeus para o cultivo das terras e instalação das primeiras indústrias, consumiu êle o seu patrimônio e arruinou a saúde.

Desbravara, entretanto, trecho dos mais promissores do território nacional, pacificara, mediante contato pessoal persuasivo e amigável, as hordas de Botocudos, planejara, inclusive , melhores comunicações de "sua" Filadélfia, por meio da via férrea, com o interior de Minas por um lado, e com o pôrto de Caravelas por outro — idéia que só vinte anos mais tarde começou a concretizar-se... [2]

Em Filadélfia, de que se afastou o fundador, após a encampação pelo Govêrno da *Companhia de Mucurí*, viera estabelecer-se um casal de franceses. De seu casamento em Diamantina fôra padrinho o mesmo Teófilo Ottoni. A vinda de Luís Félix Guisard para a nova Canaã brasileira se deve, ao que parece, a um convite do próprio Imperador. Sua espôsa, Amélia Caillaud Guisard, aí deu à luz, a 22 de janeiro de 1862, ao primogênito, que receberia na pia batismal o nome de Félix.

Sôbre a sua infância nos informa Afonso de Taunay, em artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 1942, por ocasião de seu falecimento, "correu-lhe... fácil, filho que era de um engenheiro francês, construtor de estradas de ferro, de quem herdou o vigor mental e a extraordinária capacidade de trabalho". Pouco mais logrei apurar sôbre os seus primeiros anos...

Parte de sua educação humanística foi realizada — afirma o articulista do *O Estado de São Paulo*, que lhe dedicou, no *Suplemento*, algumas páginas ilustradas de sentido necrológio — "na severidade... do lendário Seminário de Diaman-

---

[2] Cyro D. Ribeiro Pessoa Júnior, *Estudo descriptivo das Estradas de Ferro do Brasil*, Rio, 1886, págs. 192-194.

tina", a cuja Diocese pertencia a paróquia de Teófilo Ottoni, principiada em 1857. Não lhe faltou, por isso mesmo, sólida base cultural, ao homem que se daria preferencialmente, desde a adolescência, às lides práticas da indústria e do comércio.

O ambiente que o cercou na primeira idade, palpitante ainda dos riscos de uma grande aventura, o exemplo de uma personalidade audaz e generosa como a do fundador de Filadélfia, formado originalmente nas lições do Cristianismo, os primores de caráter e de religiosidade existentes no berço, que se transplantara da tradicional civilização francesa, tão rica de grandeza moral, para a grandiosidade natural do cenário americano, a aprendizagem religiosa do Seminário da Diamantina fundamentaram para êle a retilínea diretriz, com que pautou sua vida de realizador avisado, corajoso e tenaz, sempre fiel aos princípios cristãos.

"Prudência, paciência, perseverança" — foi o lema que lhe norteou os passos.

* * *

"Sùbitamente — escreve ainda Afonso de Taunay — quando estava a acabar o estudo das humanidades", eis que é atingido, aos 18 anos, "por uma verdadeira catástrofe familiar: a morte súbita do pai, tombado em pleno vigor dos anos". Na sua inexperiência de adolescente, via-se de repente, guindado à chefia de numerosa família, à qual Luís Félix não pudera deixar senão parcos recursos.

Não se intimidou o jovem Félix. Seguindo o seu pendor para as realizações práticas, iniciou-se em Petrópolis, simples aprendiz, nos misteres da indústria textil. A capacidade revelada, a confiança que soube inspirar aos seus chefes, não apenas o fêz subir ràpidamente de pôsto, mas lhe mereceu poucos anos mais tarde que lhe dirigissem a mais honrosa proposta. Tratava-se de restaurar uma grande fábrica de tecidos na Baixada Fluminense, paralizada há tempos, devido em grande parte à insalubridade do local.

Nessa altura, aos 26 anos, contraía êle matrimônio com aquela que, jovem e dedicadíssima espôsa, Jeane Rosand, recémchegada da França com a família, partilharia desde êsse

ano de 1888 de tôdas as suas lutas e vitórias, vindo a sobreviver-lhe, após mais de cinqüenta anos de felicidade, no exercício das mais belas virtudes. Mais que nonagenária, veio a falecer aos 14 de março de 1961, em Taubaté.

A emprêsa foi brilhantemente executada: medidas de higiene e profilaxia permitiram que um enxame de novos obreiros repovoasse a deserta fábrica na Raiz da Serra. "Trabalhar é fazer — escreveu Félix Guisard em um caderno manuscrito, em que recolheu seus pensamentos sôbre a *Felicidade* —. Pode-se fazer com sofrimento, mas o sofrimento não é da essência do trabalho. Sua essência se resume nesta palavra enérgica: fazer!"

Dessas primeiras experiências pessoais na indústria textil se amealhou o conhecimento exaustivo, que possuía do "métier", — "única e grande vaidade" que pensava ter — confidenciou um dia ao amigo Afonso de Taunay: "estou em condições de não encontrar quem me possa dar lições em meu ofício de tecelão".

Chegara, pois, o momento de buscar a independência, a que lhe davam direito a coragem da iniciativa, a visão de dirigente e o tirocínio adquirido. "Depois de estudar arguta e minudentemente as vantagens e desvantagens de diversas localizações" para o empreendimento que meditava, "decidiu-se por Taubaté". Trazia como capital, segundo contava gracejando ao mesmo amigo, "a saúde, o gôsto pelo trabalho, a confiança em Deus e a esperança".

Nesse benfadado Vale do Paraíba, fundava assim Félix Guisard a sua *Companhia Taubaté Industrial*, destinada a se desenvolver num das maiores indústrias de tecelagem da América do Sul. Era o dia 4 de maio de 1891. Completando, anos mais tarde, o seu complexo industrial, construiu, mediante o represamento do rio Paraitinga, no município de Redenção da Serra, uma poderosa usino hidro-elétrica, iniciada em 1923, e que, além de energia para suas oficinas, fornece luz àquele município.

No cinqüentenário da fundação da Companhia, era ainda Félix Guisard quem estava à sua testa. Hábil e obstinado timoneiro, êle a conduzira a salvamento, através do bom e do mau tempo... O singelo maquinário de 1891 fôra substituído

por moderníssimos teares e, em lugar das poucas marcas de então, haviam sucedido os numerosos padrões de seus morins e cretones, conhecidos em todo o Brasil e fora dêle.

Nem se contentou com esta única iniciativa: Lembrarei apenas o seu estabelecimento agro-industrial, uma modelar citricultura, com seus 60 mil pés de laranja-pêra, "parking-house" e aparelhamento para extração de óleos cítricos. Como sempre, *trabalhar,* para êle, era *fazer*...

* * *

Maio de 1891! Notável coincidência! Exatamente nesse mês, a 15 de maio de 1891, um documento capital, para a história da civilização fermentada pelo espírito evangélico, surgia no mundo como um decreto de alforria das classes trabalhadoras: a encíclica *Rerum Novarum.*

Por meiados do século XIX, proclamara o famoso prelado alemão Guilherme von Ketteler, Bispo de Mogúncia, no qual Leão XIII reconhecia um precursor:

"Já não é possível duvidar: a existência do proletariado fabril, isto é, da grande massa dos cidadãos dos Estados modernos, a de suas famílias, o pão quotidiano indispensável ao operário, à sua mulher e aos seus filhos, depende quase inteiramente das flutuações do mercado e do preço das utilidades. Conheceis coisa mais terrível do que esta situação? Que sentimentos suscitará êste fato no coração dêsses infelizos, que se vêem a si e aos seus entes queridos, expostos às eventualidades de uma bolsa de mercadorias! Eis o novo empório de escravos da Europa liberal, criado segundo o modêlo de nosso liberalismo e de nossa franco-maçonaria — filantrópicos, iluminados e anticristãos". [3].

Não era apenas no Brasil e nos Estados Unidos do Norte que se verificava ainda então o vergonhoso fenômeno servil. Com a diferença talvez de que no Novo Mundo se excluía claramente a liberdade, mas o pão estava assegurado, ao passo

---

[3] Cit. em *Dictionnaire Pratique des Connaissances Religieuses* (DPCR), IV, v. *Ketteler.*

que no Velho o pão era incerto e a liberdade, por isso mesmo, estava comprometida. Cá e lá... maus fados!

Ao mito dêsse mundo moderno, que se chamava o *Progresso*, não se lhe arrancara ainda a máscara. Nem se havia entendido até então que a linha única, por onde há de avançar o progresso da humanidade, é a que visa aperfeiçoar o homem, dando-lhe a possibilidade de ser cada vez mais feliz, com felicidade profunda e humana. De acôrdo com sua natureza espiritual, não pode haver progresso, por mais que a técnica avance e a máquina se requinte, sem que fique, antes de mais nada, assegurada ao homem a própria subsistência e a de sua família, mediante o trabalho honrado e livremente escolhido.

E não só de pão vive o homem... Faz-lhe igualmente falta a dignidade! Que os materialistas não o entendam, parece lógico. Mas que até mesmo os cristãos..., não deveria ser possível!

"Incrimina Chalcás a ingratidão humana"... — escreve Alberto Bessières no *L'Évangile du Chef*. "Não sabe que uma áurea escravidão repugna tanto à consciência livre, como a exploração mais vil. Ignora que nos homens a fome de respeito é maior que a do pão. Cristão, nem por isso aprendeu que essa fome de respeito é um fruto do Evangelho. Nunca deu atenção ao respeito com que Deus trata a sua criatura, a essa *discrição* divina que entrega às criaturas tudo quanto estas podem realizar por si mesmas, não querendo intervir, senão quando as causas segundas se mostram impotentes. Longe de recusar a colaboração do homem, a reclama, a tal ponto que lhe põe nas mãos o êxito da redenção e a glória do seu nome" [4].

Cá e lá, todavia, no mundo das almas, se vinham expandindo e agitando os germes da doutrina social, implícita na mensagem de Jesus Cristo, e que a Revolução laicista de 1789 pretendeu traduzir numa fórmula, em si mesma perfeitamente cristã, se bem que pelos seus fautores mal compreendida: "Liberdade, igualdade e fraternidade".

* * *

[4] *Op. cit.*, Paris, 1928, pág. 124.

Filho de franceses, espírito educado desde a mocidade nas doutrinas humanísticas, é bem provável que Félix Guisard não ignorasse de modo geral o que se debatia na Europa e particularmente na França, na segunda metade do século XIX, no tocante às idéias e às realizações de ordem social, inspiradas pelo Catolicismo. Mais tarde é certo que, através de suas viagens e leituras, pôde mirar-se a êsse espelho e verificar quanto se aproximara daqueles paradigmas...

Não posso garantir se estêve exatamente ao par das eloqüentes pregações de um Alberto de Mun, ou de um La Tour du Pin, quando o primeiro, por exemplo, declarava na assembléia geral da *Associação Católica da Juventude Francesa*, em Angers, no ano de 1887:

"As classes superiores abandonaram o povo, depois de o terem pervertido... Sua responsabilidade é enorme, esmagadora... Não vos deixeis confundir, nem com o "antigo regime", que vos é proposto como um ideal para vos impedir o avanço e que não passa de um fantoche repleto de mentiras, nem tampouco com êsse "regime moderno", construído por ambiciosos e mimados da fortuna. Vós sois os defensores do "regime cristão". Vosso programa se resume numa palavra de ordem: servir à Igreja e ao povo" [5].

Nem que êle tivesse lido estas palavras de La Tour du Pin: "À desordem social pagã: indivíduos isolados, grandes companhias financeiras, Estado absoluto, é mister substituir a ordem social cristã: o homem dentro da família, o trabalhador dentro da corporação, o trabalho protegido pela Lei, mediante a justiça"...[6]

Bastava-lhe, entretanto, o seu admirável e espontâneo sentido cristão! "Fervoroso católico — expõe mais uma vez Afonso de Taunay — praticou a mais bem entendida das caridades, a que se baseia na organização e na dignidade de viver pelo trabalho". "Que Deus me tire dêste mundo — teria exclamado o fiel discípulo de Cristo — no dia em que eu nada mais possa fazer em benefício dos meus semelhantes".

---

[5] Cit. em DPCR, IV, v. *Mun*, Albert de.
[6] Cit. em DPCR, IV, v. *La Tour du Pin*, René de.

No *voto de pesar* que, pela sua morte, fêz consignar em ata o Juiz de Direito da Comarca de Taubaté, Dr. Ademar de Figueiredo Lira, lê-se o seguinte:

"Pioneiro das idéias avançadas de proteção aos operários do Brasil, pois, muito antes de serem decretadas pelo Govêrno da União as medidas garantidoras dos direitos das classes trabalhadoras, já aquêle industrial havia assegurado à numerosa plêiade de operários que trabalham nas suas fábricas tôdas as regalias de que gozam, inclusive o estabelecimento de uma colônia de férias na cidade de Ubatuba do litoral paulista, regalias que se estendem às respectivas famílias, com garantias de aquisição de prédios e de pecúlios em dinheiro às mesmas, para depois da morte de seus chefes" [7].

Para os filhos de seus colaboradores, montou um grupo escolar, antecipando assim, de um quarto de século pelo menos, a lei que acaba de ser aprovada. Em proveito dos mesmos operários e suas famílias criou a Cooperativa de consumo. Organizou uma "crèche"... Pensando na recreação e cultura física, fundou o *Clube Náutico CTI*, que dotou de excelente estádio esportivo.

E não foi sòmente em favor de elementos válidos e do círculo de seus auxiliares, que ampliou as raias da justiça social com as sugestões da caridade cristã. Obedecendo a estas, cuidou dos desvalidos, dos doentes, dos necessitados. É o fundador do *Orfanato Santa Verônica* e do *Dispensário contra a tuberculose*, junto ao *Hospital Santa Isabel* de que foi benemérito provedor e benfeitor incansável, e do *Asilo de Mendicidade de Taubaté*, instituições tôdas que fartamente proveu de recursos para sua manutenção. Eleito governante da cidade, seu primeiro ato foi assinar desistência de seus subsídios, em favor dêsse asilo.

Estendeu-se o seu espírito caritativo a outras entidades, mesmo fora de Taubaté. Protegeu em particular a *Obra das Vocações Sacerdotais* da Diocese, auxiliou a reconstrução de sua Catedral, a que doou também o altar-mor. O mesmo se diga do belo templo de Santa Teresinha. Com o produto de

---

[7] *Apud* CTI *Jornal*, n. de 19-IV-1942.

seus teares, enriqueceu de alfaias hospitais e casas de assistência de todo o Vale, que a êle recorriam...

Era assim Félix Guisard!

"Há homens que se julgam felizes e no entanto estão enganados, porque mal podem contar nos dedos das mãos os dias nos quais viram o nascer do sol". Mas esta sua máxima acêrca da felicidade há de ser entendida na linha da caridade. Se madrugava, era para se ocupar desde cedo com o benfazer. Procurando minorar os males do corpo e do espírito, atendia êle tôdas as manhãs os infelizes que, confiantemente, vinham bater à sua porta.

E lhe sobrava tempo para a diária visita matinal às diversas secções de trabalho da *Companhia Taubaté Industrial.* Solícito pelo bem de cada um dos que ali trabalhavam, dirigia-se aos seus operários, não tendo constrangimento de lhes estender a mão, por êles se interessando, tanto ou mais que pelo rendimento do serviço ou a boa manutenção do maquinário.

* * *

"Prudência, paciência, perserverança" — foi o que pôs em prática, seja nos tempos de prosperidade, como especialmente nos revezes, que não lhe faltaram e que soube enfrentar sem desânimo. Enriqueceu honestamente e fêz da riqueza um instrumento para o bem comum. Exemplo raro de "vencedor" humilde e magnânimo.

Conquanto se cercasse do confôrto consentâneo com a sua posição e as suas enormes responsabilidades, sem vestígio de qualquer parcimônia descabida, jamais renunciou à simplicidade de hábitos: trajava em dias ordinários ternos confeccionados com o produto de suas fábricas.

"Só um espírito altamente bem formado — observa em seu elogio fúnebre Dom Antônio de Morais, então pároco de Guaratinguetá — é capaz de suportar o pêso voluptuoso do ouro, sem sucumbir na insensibilidade desumana". As moedas que acumulou, não o metalizaram. "A fortuna que dispendia para erguer asilos, orfanatos, hospitais, templos e altares — disse o Pe. Evaristo Campista César, à beira de seu

túmulo — vinha ungida com aquela doçura de bondade, que êle sabia verter do seu boníssimo coração, repositório de ternuras, onde se escondiam tantos alheios infortúnios" [8].

De um coração tão puro e tão generoso não se poderia esperar senão a mais completa dedicação para com a família, sua virtuosíssima espôsa e seus dignos filhos, primeiros colaboradores de tôdas as suas iniciativas. "Três grandes paixões — poderia dizer — me absorveram tôda a vida: união e santificação da família, a felicidade dos operários, a glória e o serviço de Jesus Cristo".

Não são, estas, palavras suas, mas de um outro grande industrial católico, com quem Félix Guisard teve a mais extraordinária semelhança e a quem, possìvelmente, havia tomado como exemplo a imitar. Refiro-me a Leão Harmel, o proprietário do grande estabelecimento de fiação e tecelagem de Val des Bois, no Marne, falecido aos 85 anos, em 1915, a quem seus operários apelidavam "le bon Père".

Dêle escreveu o Conde Alberto de Mun, em *Ma vocation sociale*: "Todos os que se envolveram nestes vinte e cinco anos no movimento das obras sociais católicas, conheceram êste homem extraordinário, cujo exterior modesto e rústica simplicidade escondem uma alma de fogo, uma inteligência viva e uma tenacidade indomável, todos lhe admiram a santidade da vida" [9].

Se acaso não usou as mesmas palavras de Leão Harmel, ao se dirigir a seus filhos, orientando-os na atitude a tomar relativamente ao operariado, foi isto, mais ou menos, que ensinou tôda a vida com seu luminoso exemplo:

"Antes de mais nada, respeitai no operário a dignidade do homem e do cristão. Venho repetindo que a questão social não é menos uma questão de dignidade que de salário... Nunca vos esqueçais nas relações com o operário de que a justiça

---

[8] *Apud* CTI *Jornal*, n. de 5-IV-1942. Nos dois números especiais dêsse periódico taubateano, em *A Voz do Vale da Paraiba* de 24-IX-1960 e no *Suplemento* em rotogravura de *O Estado de São Paulo* da primeira quinzena de abril de 1942, principalmente, colhemos os dados relativos à notícia biográfica de Félix Guisard, que aqui apresentamos. Em preparo para breve publicação, está a biografia do grande industrial católico, elaborada com a mais minuciosa documentação, por seu filho Dr. Félix Guisard.

[9] *Op. cit.*, Paris, 1908, pág. 216

antecede à caridade... Quando ajudardes ao operário, não pretendais tutelá-lo... O amor compreensivo para com os humildes se regozija com o seu progreso e os guia com prazer na sua ascensão rumo a uma situação mais vantajosa, ao invés de os reprimir. Estai atentos para não lhes restringir a liberdade, com o pretexto de os fazer mais felizes... Ensinai aos vossos filhos que o Verbo Incarnado teve tamanha estima aos trabalhadores, que escolheu para si a sua condição social".

Não admira que no seu estabelecimento fabril, a *Companhia Taubaté Industrial,* nunca se tenham declarado greves... É que ali imperou o autêntico solidarismo cristão. Ali se verificava o "um por todos e todos por um", como numa verdadeira família, onde acima de tôdas as leis vigora a lei do coração.

* * *

Trabalhou o insigne adail até aos oitenta anos. Pensando, não em usufruir egoìsticamente o resultado de seus esforços, mas visando sobretudo, como êle o afirmou, ao bem comum. Batalhou *pro aris et focis!* Pensando na sua família, na sua cidade, nos seus operários. Por Deus e pela pátria! Longe de esconder o talento, que Deus lhe confiara, fê-lo render cem por um.

Vida tão afirmativa, harmoniosa e sadia, vivida sob a bênção do Altíssimo, jamais negligenciando seus deveres religiosos, trajetória verdadeiramente solar, não poderia deixar de extinguir-se num esplendoroso ocaso.

Quinze dias antes de morrer, sobrevoou ainda a sua cidade, inaugurando o avião "Jaques Félix", por êle doado ao *Aero-clube de Taubaté,* entidade que, como outras, se pode considerar um prolongamento, através da ação de seus filhos, de suas iniciativas em prol do progresso da comunidade, em que se integrou corpo e alma.

Uma semana depois, após uma última visita ao *Dispensário contra a tuberculose,* ainda em construção, desceu uma última vez a Ubatuba, a providenciar melhoramenots na sua *Colônia de férias* para os operários, obra de sua especial predileção e onde tantas vêzes convivera alegremente com os seus colaboradores.

De lá regressou a Taubaté gravemente enfermo. A um dos médicos, que o atenderam, teria pedido "que o tratasse bem", pois desejava ainda inaugurar o *Dispensário*... Mas encarou serenamente o fim, que se aproximava. Convencido de que êste não tardaria, pediu e recebeu piedosamente os sacramentos da Santa Igreja, de que fôra um filho sempre fiel.

Tomou em seguida estas duas disposições verdadeiramente singulares: por sua morte, não se deveria suspender o trabalho nas oficinas e, numa derradeira despedida de seus amigos operários, percorreria o seu esquife os locais do trabalho, antes de se encaminhar para o cemitério.

Livre de paixões desordenadas, senhor e não escravo no uso dos bens temporais, como já o fizera através do seu exemplo, parece tê-lo expressado então delicadamente: "nada vale o dinheiro em face do caráter". "Sou um homem feliz — exclamou pouco antes de expirar. Não tenho inimigos". E depois ainda: "Meu Deus, misericórdia! Perdoai meus pecados e abençoai a minha descendência".

Minutos antes do desenlace, na madrugada de 29 de março de 1942, pressentindo o momento fatal, fêz um último pedido: "Levem-me à janela, quero ver ainda uma última vez a minha cidade e minhas fábricas". E à vista da cidade adormecida e das luzes que denunciavam o labor de suas oficinas, algumas lágrimas, até ali represadas, lhe rolaram pelas faces.

A ATUALIDADE DOS GRUPOS DE PRESSÃO (II) *

FAUSTO BRADESCO

IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS VISÍVEIS E OCULTOS

A aparição dos grupos de pressão é um fenômeno indiscutível, poder-se-ia quase dizer: indispensável, da vida política. A existência dêsses grupos constitui um elemento de vida e de atividade cívica que contribui para o progresso das idéias e para a evolução social da nação.

O grupo de pressão visível, de existência e aparição histórica normal — conseqüência de uma transformação estrutural da nação — deve ser visto com simpatia e confiança, pois êle representa o elemento de crítica aos abusos possíveis da autoridade legal. Assim o *sindicato,* forma visível e amplamente ativa como grupo de pressão, adquiriu, em nossa época, uma importância que induziu muitos pensadores a atribuir-lhe uma verdadeira preponderância política, em detrimento de sua própria finalidade puramente profissional. De qualquer maneira, seu papel como grupo de pressão visível é geralmente reconhecido e fortemente temido, por causa das conseqüências que pode provocar. A mesma coisa pode ser dita com respeito a certas outras formas de grupos de pressão (associações cívicas, educativas, religiosas, sociais, profissionais ou mesmo militares), quando sua aparição ou seu advento foi a seqüência de uma transformação estrutural da sociedade, isto é, quando elas têm uma existência visível e uma atividade franca.

Por conseguinte, o número e a constituição intrínseca dos grupos de pressão dependem da nação em causa. E o que é

(*) Cfr. VERBUM, setembro de 1962.

mais importante ainda é que, quanto menos coerente e organizada é esta estrutura social, mais ampla, mais violenta, mais precária e mais perigosa serão a estrutura e a intervenção dos grupos de pressão.

Assim, nos países fortemente e lògicamente organizados sob o ponto de vista social e político, os grupos de pressão visíveis terão uma existência normal, preenchendo um papel indispensável (político e social), circunscrito, entretanto, pelos limites legais da lei; mas esta lei será respeitada e obedecida tanto pelos grupos de pressão quanto pela autoridade legal. As divergências terão um caráter processual. A intervenção extra-governamental não expressará jamais uma vontade de dominar ou de mudar a direção política, mas antes de aplicar com exatidão a regra jurídica, de estabelecer um equilíbrio em uma situação em vias de se romper. Existe na atividade dos grupos de pressão visíveis em um país de estrutura social estável, uma atitude funcional lógica que não escapa ao menos avisado investigador.

Em semelhante país, os grupos de pressão ocultos encontram um terreno pouco favorável à sua atividade subversiva, o que não reduz aliás absolutamente sua atuação. Entretanto, êles devem cercar-se de um sigilo ainda maior e empregar meios ainda mais corrompidos.

Em todo o caso, onde a estabilidade social e a educação moral atingem um grau superior, o perigo dos grupos de pressão ocultos diminui na mesma proporção. Êle existe, indubitàvelmente, porém a corrupção e a intromissão na conduta dos negócios públicos são reduzidas. Eis porque, nos países nórdicos da Europa, essa pressão por parte de grupos particulares parece ser menos patente, menos ativa e, portanto, de conseqüências menos graves e menos perigosas.

Resulta daí, como dedução lógica, que o aumento da atividade e da infiltração dos grupos de pressão na vida político-social-administrativa de uma nação está em razão inversa da estabilidade de sua estrutura social e de seus costumes políticos. Assim, quanto mais uma nação fôr desprovida de seriedade em suas atividades políticas, mais seus sustentáculos morais serão fracos, mais sua estrutura social será frágil e oscilante, mais o papel dos dois tipos de grupos de pressão

será ampliado, tornar-se-á preponderante, permitindo a instauração de uma seqüência de profundas perturbações.

As nações de estrutura social instável, como é o caso dos países novos ou sub-desenvolvidos, são muito mais vulneráveis às insinuações ou aos ataques diretos dos grupos de pressão do que as nações de estrutura social consolidada. Naturalmente, trata-se de uma questão de grau de resistência e não de uma questão de imunidade radical.

Em nossos dias, o problema dos grupos de pressão é uma realidade incontestável, à qual não se trata de se subtrair, mas de melhor se adaptar. Canalizar, harmonizar, utilizar êsses grupos de pressão, deveria ser a preocupação de todo o govêrno previdente. Derrotar, desembaraçar a atmosfera política das atividades nocivas de alguns grupos ocultos seria o ideal supremo de todo govêrno consciente de seu dever. Logo, se o primeiro objetivo exige a clarividência e um senso preciso de adaptação às circunstâncias da época, o segundo torna-se quase uma quimera, pois êle faz apêlo à moral e à renúncia do próprio egoísmo humano, isto é, aos interêsses particulares e inconfessáveis do clã, da casta, da organização secreta, da família...

Somos muito inclinados a levar em consideração, cada vez que se discute sôbre grupos de pressão, o aspecto destacado e indubitável dos grupos da categoria visível. A tendência é compreensível porque a atividade dêsses grupos é fàcilmente interposta: aliás, a maior parte do tempo, trata-se de ações claras, por vêzes mesmo previsíveis com bastante antecedência. O mais freqüentemente, a pressão dêsses grupos toma a forma da reivindicação ou da sugestão, visando diretamente uma atividade profissional. A política ou a ideologia se confundem por vêzes, mas elas são fàcilmente identificáveis, e por conseguinte, a pressão perde sua virulência ou pode ser reduzida a suas justas proporções. Um perigo, uma ameaça, que podem ser ponderados, avaliados, apreciados em tôdas as suas dimensões, tornam-se simples problemas a resolver.

Com os grupos de pressão ocultos, a situação é inteiramente outra. Sua maneira de agir em segrêdo as coloca ao abrigo de um ataque frontal. A questão de uma defesa ex-

tenuante não se apresenta mais. Êsses grupos são quase sempre agressivos, querendo conquistar novas posições, minar ou destruir veladamente tudo o que poderia eventualmente constituir um dia um obstáculo em seu caminho.

A infiltração nas mais elevadas e mais importantes camadas da sociedade e da política lhes outorga a possibilidade *permanente* de influenciar a política de qualquer govêrno no poder ou de intervir a tempo. Da "camarilha" real à maçonaria, do grupo financeiro ou industrial com interêsses particulares até aos múltiplos "inocentes úteis" de qualquer ideologia imperialista, do "*noyautage*" dos ministros ao grupo dos jornais, de cadeias de rádio ou de televisão submissas a uma única vontade, todos êsses grupos da evolução moderna, que abundam sem ser perturbados, que se entregam ao seu labor traiçoeiro e prejudicial, formam o exército invisível mas extremamente ativo dos grupos de pressão ocultos.

Nessas entidades perfeitamente organizadas, em suas pressões constantes e sempre, *sem exceção*, em contradição com as aspirações da nação em meio à qual elas militam, encontra-se o verdadeiro perigo para a nação e para seu govêrno. Pois, se os grupos de pressão visíveis agem sob a influência da necessidade e apoiando-se sôbre uma reivindicação mais ou menos justa, os grupos de pressão ocultos só visam ao interêsse particular ou ao egoísmo — seja econômico, seja político — de alguns indivíduos ou de alguma organização mais ou menos suspeita. Se os esforços dos primeiros pode ter por base um sentido humanitário, político ou social de um alto teor moral, o esfôrço dos grupos ocultos não ultrapassa jamais o mais sórdido materialismo e o mais feroz egoísmo.

Os grupos de pressão oculta não perseguem absolutamente um objetivo de classe ou de interêsse puramente social. Suas intervenções na política têm por finalidade consolidar um estado de privilégios ou criar uma nova conjuntura favorável ao grupo. Ora, a maioria, senão a unanimidade dêsses grupos, ignora e quer ignorar as aspirações e a linha política da nação, sôbre cujo govêrno exercem sua pressão nociva.

A estrutura social de um país pode favorecer ou entravar o desenvolvimento dos grupos de pressão, sobretudo dos grupos ocultos, se bem que o contrôle seja bastante difícil. Aliás,

nossa afirmação é antes uma suposição de que uma dedução científica. Porém, pode-se supor que, onde já foram estabelecidas regras éticas, em um grau bastante elevado, onde o executivo sabe respeitar o indivíduo e assegurar-lhe um padrão de vida decente, os grupos de pressão visíveis têm um desempenho mínimo.

Quanto aos grupos ocultos, sua importância diminui também, pois êles se chocam contìnuamente contra a invulnerabilidade protetora da moral individual. Ao passo que, nos países de educação política, cívica e moral primária, superficial ou mal assimilada, êsses obstáculos íntimos falham. Muito ao contrário, as coletividades organizadas em grupos de pressão, entendem atingir sua vitória *ràpidamente*, pela astúcia ou pela fôrça.

Eis porque todos êsses grupos de tendência rebarbativa e belicosa, procuram impor suas idéias a todo govêrno no poder. Os meios pouco importam para êsses grupos de pressão, que encontram em seu caminho uma sociedade maleável, fraca e um govêrno incompreensivo ou fàcilmente corruptível. Os grupos de pressão ocultos acharão um terreno tanto mais propício, fácil de penetrar e conquistar. Sendo geralmente meios empregados a corrupção e a penetração subterrânea, os grupos ocultos terão ou encontrarão sempre à sua disposição o indivíduo susceptível de serví-los.

Não há seguramente um sistema político capaz de resistir eternamente à obra de penetração dos grupos de pressão ocultos. Aliás, esta forma de infiltração tornou-se uma arma temível entre as mãos de certos organismos de gabarito internacional, com intenções imperialistas, que visam a dominação mundial.

QUEM COMANDA A VONTADE POLÍTICA

Em nossos dias, um problema capital se impõe: quem comanda a vontade política? Será a intervenção dos grupos visíveis ou a ingerência dissimulada dos grupos ocultos que conduz o jôgo político?

A pressão de todos êsses grupos é inegável. Desde a aparição legal dos grupos que representam interêsses de classe,

de corporação ou de profissão, o Estado tem sido contìnuamente assaltado por tôda a sorte de reivindicações, apresentadas em nome dessas categorias sociais, econômicas ou profissionais. Atualmente, a fôrça representativa dêsses grupos tornou-se muito importante, por vêzes gigantecca mesmo. Basta levar em consideração o poder de alguns sindicatos americanos.

Em conseqüência, a pressão que semelhante organismos podem empreender e exercer sôbre um govêrno é por vêzes a tal ponto dominadora e eficaz, que vemos êsse govêrno ceder. No entanto, com mais freqüência, essa influência não passa de uma correção mínima no plano de conjunto do Estado. Isso é finalmente significativo e sintomático, pois pela existência dessa "mínima correção" do conjunto, a vontade ideal dos poderes públicos se vê incitada e impelida para fins excêntricos ou particulares.

O perigo, nesta situação política, não é a intervenção dos grupos de pressão que representam a coletividade nacional ou parcelas importantes dessa coletividade; nem o fato do vir o govêrno a aceitar e pôr em prática algumas de suas reivindicações. O perigo consiste na tendência de alguns dêsses grupos a querer dominar e açambarcar a política específica do govêrno. Controlar os sentimentos, as aspirações e as necessidades de seus adeptos para melhor serví-los é uma coisa, louvável em si; mas querer controlar as ações do Estado — mesmo se se trata de fazê-lo em proveito daqueles que se representam —, é outra coisa, profundamente amoral.

A finalidade da intervenção de um grupo de pressão não deve ser *a satisfação exclusiva de seus membros*, mas sòmente a proteção e a defesa de suas aspirações e de seus interêsses no quadro geral do programa governamental. Pode-se, pois, dizer que os grupos de pressão visíveis podem, em certas condições, influenciar bastante a vontade política do govêrno num dado momento, mas que o seu verdadeiro interêsse não está nessa atitude extrema. Não é sua tarefa particular. Essa tarefa, que afeta os problemas das idéias políticas, dos programas de conjunto, da administração interior e da política exterior, incumbe aos partidos políticos, por solapados e desprezíveis que sejam êles.

Em nossos dias, a influência mais tenaz e a pressão mais apoiada sôbre os governos são exercidas pelos grupos de pressão ocultos. Raros são os países em que a ação dêsses grupos não toma o aspecto de um verdadeiro regateio secreto, no qual o indivíduo e suas aspirações, assim como os verdadeiros interêsses da coletividade nacional, são tratados como simples quantidades negociáveis pelos traficantes internacionais, pelas "mafias" sectárias ou parciais, pelos trustes ou pelos consórcios econômicos, de interêsses e aspirações centrífugas.

Sós, essas entidades podem ser consideradas como perigosas para uma nação, pois, sós, elas se encontram por fora do microcosmo nacional do ponto de vista espiritual. Nada as liga ao substrato imponderável da vida afetiva e nacional do povo. O govêrno que dirige êsse povo não constitui senão um meio fácil de domínio da coletividade em causa. Eis porque êsse gênero de grupos de pressão concentra sua fôrça dinâmica em aproveitar-se do espírito de um número limitado de pessoas susceptíveis de obter um dia um pôsto importante na hierarquia administrativa, e também, no emprêgo de uma gama infinita de meios de corrupção.

Êsses grupos ocultos de pressão sempre existiram. O Egito, a Grécia, Roma conheceram o pêso dessas formações secretas com tendência dominadora. Os tempos modernos estão também cheios dêles: banqueiros florentinos da Renascença; sociedades políticas secretas anteriores à Revolução Francesa; financistas judeus do século XIX; mafia italiana, carbonarismo, etc...

Atualmente, o número e o poder dessas formações tornaram-se uma chaga generalizada. A facilidade das relações interestatais, a intensificação e a concentração das indústrias nas mãos de algumas personagens, permitindo — pela enormidade das fortunas — a realização das ambições mais loucas, assim como os sonhos de domínio mais extravagantes, levaram algunc grupos financeiros, econômicos, raciais ou religiosos, a empregar sua situação privilegiada para fins egoístas, exclusivistas, isto é, a exploração da maioria em proveito da minoria.

A atmosfera criada pela democracia liberal se prestava admiràvelmente a êsses fins. A liberdade anárquica, caracte-

rística do sistema, franqueava um campo ilimitado às operações de todos aquêles que queriam agir na sombra. Levando em conta também a fraqueza moral e cívica da maior parte dos governantes em um regime em que sòmente são tomados em consideração os objetivos e não os meios, vê-se que as portas pelas quais os grupos ocultos poderiam infiltrar-se e pressionar sôbre o govêrno eram mais que suficientes.

A mais, muitos dêsses grupos ocultos procuram infiltrar-se nos grupos de pressão visíveis e nos partidos políticos para aí formar fôrças de desagregação, centros de apoio que manobrarão sempre no sentido desejado pelo grupo oculto a que pertencem. A técnica da infiltração tornou-se uma arte nas mãos de certos grupos bem organizados. Especialmente nos partidos políticos e sindicatos operários, pode-se encontrar — ou antes adivinhar — os sinais indiscutíveis dos grupos ocultos. Assim, por intermédio dos partidos e diretamente sôbre qualquer govêrno, os grupos de pressão ocultos intervêm na vida política e se impõem.

Não existe pois dúvida alguma: a verdadeira pressão, dominadora e totalmente indiferente à vida social da comunidade nacional, é, em nossos dias, a dos grupos ocultos. São êles que ameaçam a organização do Estado moderno e do desenvolvimento harmonioso da nação, dada a tendência centrífuga de suas aspirações e de seus interêsses.

OS FINS DOS GRUPOS DE PRESSÃO

Do ponto de vista sociológico, os grupos de pressão constituem atualmente uma verdadeira categoria social, que se impõe cada vez mais sôbre o cenário político, apresentando caracteres próprios, de uma estabilidade desconcertante, tomando na vida das nações um lugar cada dia mais importante.

A tarefa, o fim essencial de um grupo de pressão é de incitar os órgãos dos poderes públicos a tomar uma atitude em seu favor. Essa aceitação pode ser positiva ou negativa, direta ou indireta, geral ou particular; isso não afeta a importância do princípio. O que é substancial, é que ela repercute sôbre a entidade do grupo e atinge favoràvelmente suas reivindicações.

No fundo, que se trata de conquistar?

Para alguns dêsses grupos, é questão de um simples reajustamento de direitos mal estabelecidos ou mal reconhecidos. É o caso dos grupos profissionais reivindicando pelos meios mais legítimos a aplicação correta de uma lei ou a reforma de uma medida legal que se evidencia profundamente vexatória para a classe ou o grupo atingido por ela. A pressão exercida por semelhantes grupos nada tem de imoral, pois êles não procuram impor uma transformação antagônica das regras existentes. Para outros é a instituição de um privilégio de uma regular importância para êles, em detrimento de outros grupos ou do próprio govêrno. Para outros ainda, a pretensão torna-se diretamente política. Em fim, para uma quarta categoria, trata-se de um verdadeiro domínio oculto com repercussão de ordem política, social e cultural.

Para atingir seus fins, o grupo de pressão emprega também diferentes meios de opressão, de ações diretas ou indiretas, por intermédio de uma operação geral ou particular. Assim, êle pode dirigir-se à opinião pública fazendo uso de procedimentos afetivos capazes de comover os sentimentos. Essa maneira nada tem a ver com a ação que o grupo deve empreender sôbre os poderes públicos; mas granjear a simpatia da opinião perante uma operação reivindicadora, é assegurar um bom ponto de partida. Garantir à nação que ela nada tem a temer de suas exigências, é neutralizar um poderoso fator da vida social e impedir justamente o govêrno de aproveitar-se dêsse fator insurgindo-o contra o grupo. Para desencadear essa simpatia, é necessário encontrar um elemento comum que possa confundir as exigências do grupo com uma aspiração ou um interêsse da opinião pública, de tal maneira que a ação a ser empreendida apareça como um interêsse geral. Alfred Sauvy deteminou-o muito bem dizendo:

> "Os argumentos empregados são os da propaganda clássica: não é inútil raciocinar, falar tècnicamente é às vêzes necessário, mas não é suficiente. Uma ação de propaganda deve sempre dirigir-se, em parte, aos sentimentos. Os dois sentimentos essenciais, que empregam os grupos de grandes inte-

> rêsses são o mêdo e a cólera; a dignidade entra às vêzes também em causa." [19]

Ao mesmo tempo que se prepara a opinião, o grupo deve preparar seus próprios membros para que o "*tonus*", a tensão nervosa da massa enquadrada se mantenha em seu paroxismo, ao menos até que o govêrno ceda. O trabalho dos dirigentes deve ser ininterrupto para impedir que a apatia característica se apodere dos membros agrupados. Para êsse fim, nada há de melhor que uma atitude e uma linguagem "*revolucionárias*" no ambiente das quais a indignação contra a *atitude singular* do govêrno consiga conciliar os espíritos mais discordantes por outros lados. O mesmo Alfred Sauvy mostra o caminho a seguir:

> "Quanto mais é importante o número dos membros de um grupo, tanto mais é necessário convencê-los da justeza de sua causa. Os métodos de persuasão não são portanto os mesmos em todos os casos. Diante de um pequeno número, é necessário falar de interêsse; diante de um grande número, é preciso acionar os sentimentos. É preciso ser cada vez menos objetivo, quando o número dos membros se eleva." [20]

Quando os membros do grupo estão bem aprontados e a opinião pública por seu lado bem incitada, o grupo de pressão pode-se lançar ao combate contra os poderes públicos. Seja ela direta ou indireta, visível ou invisível, esta operação está ainda cheia de incertezas, pois não se pode saber o grau de resistência dos quadros administrativos ou ministeriais.

Se para os seus membros e para a opinião o grupo emprega os recursos afetivos, para os organismos públicos êle é obrigado a usar de meios mais sutis e mais eficazes, que vão da persuasão à insurreição, passando pelo protesto, a chantagem, a corrupção, a greve e a ameaça. Êsses meios não

---

[19] Alfred Sauvy — *op. cit.*, p. 178.
[20] Alfred Sauvy — *op. cit.*, p. 192.

são todos obrigatòriamente empregados, mas pode-se recorrer a êles se as circunstâncias o exigirem.

Não esqueçamos que junto ao Parlamento, existem grupos chamados *"de defesa"* ou *"de estudos"*, formados por parlamentares empenhados em defender um certo interêsse particular por qualquer meio. Temístocles Brandão Cavalcanti explicou-o muito bem dizendo que:

> "A ação dos grupos de pressão se manifesta nos trabalhos legislativos em suas diversas fases — desde a apresentação dos projetos, freqüentemente elaborados por pessoas estranhas ao Parlamento, passando pelo trabalho das Comissões, menos numerosas do que o plenário e, por isso, mais fàcilmente susceptíveis de compôr uma maioria que exprima o pensamento e o interêsse de um grupo.
>
> Finalmente na fase de votação por uma pressão mais ou menos direta que se pode exercer ou coletivamente sôbre todo o plenário ou por intermédio de influências pessoais." [21]

Êsses grupos jamais se privarão de pôr em prática subterfúgios inomináveis para alcançar seus fins. A moralidade política é extremamente frouxa nesses meios e, quanto mais restrito o grupo ou mais poderosos os interêsses materiais, tanto mais essa moralidade é falha. O sentido bíblico, tanto quanto o sentido civil da noção de moralidade, se ameniza a ponto de tornar-se um contrassenso. A fórmula *"o fim justifica os meios"* torna-se uma fórmula existencial: o grupo que com isso não se conforma, perece. E, nessa intenção, o grupo de pressão sem escrúpulos abre luta com tôdas as armas legais ou ilegais, visíveis ou invisíveis, entre as quais a *corrupção* e a *chantagem* são as mais temíveis.

Uma pressão sustentada por muito dinheiro ou por uma trama equívoca em tôrno de uma personagem convenientemente escolhida pelo grupo, tem muito mais probabilidades de vitória. Eis porque, os grupos ocultos (financeiros, econômicos, ou de ação ainda mais velada) têm uma predileção tôda

---

[21] T. Brandão Cavalcanti — Artigo citado, p. 12.

especial por êsse gênero de ação, que age sôbre o indivíduo diretamente e quase sempre sem riscos para aquêles que com ela se beneficiam.

MEIOS DE AÇÃO DOS GRUPOS DE PRESSÃO

Nada ilustra melhor a realidade e a precisão dos fins perseguidos que os meios empregados em cada um dos grupos.

Para os grupos visíveis, evidencia-se que os meios de ação conservam certa decência, manifestando-se mais freqüentemente sob uma forma de maneira quase legal. Êsses meios são:

a) o debate pela imprensa;
b) a propaganda aberta;
c) a petição e o protesto coletivos;
d) o memorial;
e) a greve.

Naturalmente, as intervenções de bastidores têm um papel bastante importante a desempenhar, pois:

> "O Poder Executivo, . . ., é influenciado não só pelos partidos políticos, cujo apoio no Parlamento é necessário para a realização do programa do govêrno, mas por inúmeras pessoas dos tipos mais variados que, muitas vêzes, é difícil mesmo identificar ou definir." [22]

Entretanto, a verdadeira fôrça de pressão é a *importância numérica do grupo* em causa, assim como a justa razão de suas reivindicações. A arma mais poderosa empregada pelos grupos visíveis é a greve, e observemos, essa arma se encontra mesmo ao alcance de todos os grupos. O que não impede que a pressão exercida em nossa época por êles, tornou-se *uma constante do jôgo político*, a qual cada govêrno deve levar em consideração se não se quiser. encontrar um dia em conflito com a coletividade por êle dirigida. Nesse caso extre-

---

[22] T. Brandão Cavalcanti, *op. cit.*, p. 13.

mo, o Estado ver-se-á obrigado a empregar a fôrça contra seus próprios súditos.

Não esqueçamos que a opinião pública não significa a opinião pessoal de cada indivíduo, porém *antes* a opinião de uma massa de coletividades intermediárias, que refletem a opinião de seus membros individuais. Logo, tôdas essas coletividades podem ser consideradas como grupos de pressão visíveis, mas também como entidades indispensáveis para a existência do Estado. Se uma incompatibilidade chocante se produz entre essas coletividades e o Estado, mesmo que seja entre uma só dessas coletividades e o Estado, daí resulta um desequilíbrio que põe em perigo, não sòmente a harmonia da política nacional, mas também a evolução político-social da nação.

Eis porque se pode afirmar que a existência dêsses grupos de pressão constitui o meio e mais seguro — para um govêrno inteligente — de conservar um contato direto com a grande coletividade da nação e suas aspirações ou necessidades as mais íntimas.

Não se pode dizer o mesmo dos grupos de pressão ocultos. Seus fins estão bem longe de encarar como ponto exclusivo ou principal as aspirações e as necessidades da nação ou das coletividades intermediárias de alcance nacional.

Quanto aos meios empregados, em sua ambição desmesurada de *"enaltecimento"* (puro arrivismo) e de domínio, mencionaremos os mais importantes e os mais visíveis de seu arsenal:

a) a imprensa insidiosa;
b) a propaganda subversiva;
c) a infiltração;
d) as intervenções pessoais;
e) a pressão econômica e financeira;
f) a mentira e a calúnia;
g) a corrupção;
h) as ameaças e a chantagem;
i) os atentados;
j) a revolução.

Eis então porque nós achamos que o problema dos grupos de pressão deve ser considerado sob êsse duplo aspecto. In-

cluir sob a mesma designação entidades tão diferentes, seria diminuir a importância atual de algumas dentre elas e, ao mesmo tempo, diminuir o perigo que outras representam no processo evolutivo das coletividades sociais.

Levar em consideração as reivindicações de umas e combater a influência de outras constitui ou deveria constituir um dos pontos mais importantes do programa de todo govêrno consciente. Em realidade, entretanto, o caso é muito mais complicado e difícil de resolver, pois o poder dos grupos ocultos ataca, de preferência, os pontos nevrálgicos menos visíveis e mais vulneráveis do govêrno.

Nessas condições, combater a pressão de um grupo torna-se para um govêrno uma tarefa árdua e penosa, pois que êle deve levar antes em consideração as falhas possíveis e as fraquezas eventuais de seus membros. Pois, diversamente dos grupos de pressão visíveis, os grupos ocultos atacam sorrateiramente o indivíduo só, do qual êles exploram as paixões, as convicções, os vícios. Eis porque são êles os mais perigosos e os mais difíceis de identificar.

PERIGOS DOS GRUPOS DE PRESSÃO

Um perigo que se confirma desde a extensão e a fortificação dos grupos de pressão, é o *enfraquecimento da solidariedade social* ou simplesmente humana. O grupo torna-se a tal ponto dominador e poderoso que a única solidariedade considerada como tal é a sua solidariedade particular, a solidariedade que pode manter unidos os membros que o compõem. No fundo, o grande surto de compreensão e de solidariedade humana propalado pelo cristianismo e que dava aos homens a possbiilidade de ver seus semelhantes sob um ângulo fraternal, antes de qualquer outro aspecto, êsse grande surto foi hoje substituído pelos interêsses exclusivistas dos grupos organizados. O sentimento de ampla solidariedade se restringe cada vez mais, cedendo lugar a um gênero de fragmentação espiritual das diferentes camadas da sociedade. A própria homogeneidade estatal se encontra em perigo. O govêrno chega a não mais poder conservar a lucidez necessária e, abalado por tantas pressões centrífugas, pode fàcilmente

tornar-se a prêsa de um dêsses grupos de pressão ou a vítima de uma revolução.

A solidariedade social para o bem comum perde tôda sua fôrça perante os interêsses específicos dos grupos organizados. Pois êsses grupos, constituídos a princípio com fins de reivindicações legítimas, falseiam sua direção original e se preocupam com defender e consolidar alguns privilégios obtidos por meios mais ou menos legítimos. Ao mesmo tempo, o número dêsses organismos aumenta em proporções fora do comum; a luta pela defesa dos privilégios torna-se também mais acirrada, a ponto de o Estado, nessa complexidade de interêsses e de pressões, perder sua qualidade de árbitro e se transformar em umo distribuidor de favores e concessões.

A conseqüência mais inverossímel dêsse estado de coisas, particularmente sensível em nossa época, é a transformação dos poderes subordinados em verdadeiros poderes independentes, agressivos e exigentes, provocando um indiscutível "*conflito de poderes*" em suas relações com o govêrno (o que G. BURDEAU chamou "o antagonismo dos poderes"). O poder estatal legalmente constituído e reconhecido, vê-se empenhado em um choque permanente com êsses grupos que, de certa maneira, constituem os poderes de fato das diferentes comunidades sociais. É aliás sôbre êsse fato que os grupos de pressão baseiam sua atitude, considerando-se representantes mais legítimos que o Estado mesmo, dos agregados sociais em causa.

Até certo ponto, êsses grupos são (em realidade) representantes mais legítimos, pois êles perseguem fins específicos que correspondem às aspirações reais dos indivíduos. Não obstante, os fins mencionados os levam a tomar atitudes de uma tal independência que os poderes públicos podem com isso sentir-se afetados. Eis porque:

> "em face dos grupos o império do Estado é infinitamente mais reduzido, porquanto êles se situam em condições de lhe opôr uma fôrça da mesma ordem que a sua." [23]

---

[23] G. Burdeau, *Manuel de droit public*, p. 151, ed. Pichon, Paris, 1948.

Por êsse fato, o poder do Estado é cada vez mais ameaçado, senão reduzido de improviso, e, se o indivíduo não estivesse ameaçado de ser subjugado por êsses novos portadores de poderes, seríamos levados a considerar a nova evolução como salutar. Mas a conjuntura presente faz-nos pensar em Caribde e Cila como cenário para a infeliz criatura humana!...

Entretanto, a transformação estrutural está em pleno progresso e nada será capaz de desviar seu curso, senão talvez o autoritarismo da esquerda que faz sempre *"tabula rasa"* das aspirações do indivíduo tanto quanto dos poderes auto-declarados dos grupos de pressão. É, entretanto, um caso extremo no qual qualquer espírito de suficiente bom senso não pode e não deve pensar.

No mundo isento do totalitarismo soviético, a marcha da vida político-social não pode mais furtar-se a êsse movimento. E eis porque:

> "O problema do lugar destinado aos grupos, no Estado, surge, assim, em face da coexistência dos poderes de fato com o poder de direito. Seguramente, tal situação não se apresenta sempre, em relação a todos os grupos, sob o mesmo aspecto ou com iguais sutilezas. Mas, o fato de que ela tende a estabelecer rivalidades ou emulações entre grupos e poderes constituídos, prova que foi ultrapassando o limite jurídico em que se sistematizaria a questão, sob a rubrica "liberdade de associação", que é um aspecto particular das liberdades individuais." [24]

Essas poucas linhas mostram o resultado lógico dos sistemas políticos em que a interpretação errônea da noção de liberdade transporta para o primeiro plano fôrças reivindicadoras capazes de produzir uma inquietação constante na vida pública.

---

[24] G. Burdeau, *Manuel de droit public*, cit., p. 151.

VARIAÇÕES NA INTERVENÇÃO DOS GRUPOS

Quem diz grupo de pressão diz *intervenção* direta ou indireta sôbre o govêrno oficialmente existente. Logo, nesse caso, o poder não é mais o que se acreditava; êle se encontra adulterado, desviado, à discreção ou, pelo menos, sob a influência das fôças de interêsses singulares. Naturalmente, a maior parte dêsses grupos constituídos organizaram-se justamente com um fim determinado, fim que freqüentemente se encontra em conflito ou simplesmente em oposição com os interêsses imediatos do Estado. O que êles buscam, é conciliar as opiniões e as vontades do Estado com seus interêsses particulares e não harmonizar seus interêsses com as ações do Estado, o que seria lògicamente mais de acôrdo com o papel de cada um.

Os poderes públicos têm, sem dúvida, meios poderosos de resistência diante da avalanche desencadeada dos sindicatos, dos grupos profissionais e econômicos, financeiros e sociais, religiosos, culturais ou políticos, que se apresentam como solicitadores, pedintes importunos ou representantes qualificados da coletividade ou de tôdas as espécies de grupos organizados. O Estado pode entravar a ação dessas formações oposicionistas por uma política adequada, isto é, a fôrça.

Temos o exemplo histórico da Revolução Francesa que havia interditado a atividade de um grande número de organismos intermediários, como represálias para com o antigo regime e por prudência para com situações imprevisíveis que êsses grupos e corporações podiam provocar durante o período post-revolucionário. Entretanto é preciso reconhecer que o que muito contribuiu para semelhante decisão foi a ideologia ferozmente individualista do século XVIII, que havia preparado os espíritos revolucionários. Existia uma espécie de euforia e de entusiasmo pelo espírito individual que lançava um véu de suspeita sôbre tudo o que pudesse lembrar as ossociações de classe ou as corporações.

No trinômio revolucionário da liberdade, igualdade e fraternidade, o indivíduo devia encontrar a satisfação de tôdas as suas aspirações. Os interêsses sociais só podiam existir em

função do indivíduo que, com o triunfo da revolução, havia já alcançado tudo.

Constatamos, pois, que o individualismo exacerbado, impulsionado ao extremo, torna-se um inimigo declarado dos grupos intermediários, que êle vê como intrusos entre o indivíduo — elemento motor da sociedade — e o Estado — elemento protetor da mesma sociedade.

O mesmo processo se desenvolve com o coletivismo, quer dizer, com o comunismo que é sua forma política: êle detesta as formas intermediárias ativas e independentes, representando grupos de interêsses precisos e particulares, pois todo grupo desta natureza, sendo susceptível de se transformar em grupo de pressão, constitui um perigo potencial para a ação monolítica da política do partido. O que demonstra que tôda ideologia, no início de sua ação política teme a presença dessas formações, capazes de exercer uma pressão efetiva, valendo-se das massas organizadas e sobretudo disciplinadas. É sòmente nos países com regimes políticos consolidados, onde a harmonia social não é uma flor de estilo, que a presença dessas formações é inteiramente aceita e respeitada, onde suas intervenções são levadas em consideração com a maior seriedade.

Muito tempo após a Revolução Francesa, considerou-se a existência e a atividade dos partidos políticos como suficientes para a defesa do indivíduo. Expressar seu voto num ou outro sentido, parecia uma prerrogativa satisfatória para impôr tendências ou para assegurar interêsses. A vontade indidual, por intermédio dos deputados, parecia dirigir, emendar ou modificar os Ministérios. Os partidos, representantes oficiais dos indivíduos e das vontades das coletividades, foram sempre o centro onde evoluíam as opiniões e as tendências novas de uma época, quer dizer os interêsses e as aspirações da coletividade nacional, assim como as das diferentes coletividades intermediárias. Até certo ponto, os partidos são sempre os representantes da opinião pública, quer seja geral, especial ou particular.

Entretanto, o papel dos partidos, sem perda de sua ampliação específica, tende a ser completado no jôgo político pela atividade de uma multidão de outros organismos que, sem le-

var em consideração as idéias políticas dos indivíduos que os compõem, procuram dêles se apoderar como organismo coletivo por uma pressão eficaz sôbre o govêrno no poder ou sôbre os órgãos administrativos. Logo, o número dêsses organismos extra-governamentais não faz mais que medrar em proporções desmesuradas. Aliás, a conjuntura social e política de hoje é mais que favorável neste sentido. Assim, se até aqui os partidos políticos usufruíam de um certo privilégio no funcionamento da organização estatal, atualmente as direções de onde podem convergir as pressões sôbre o govêrno são inúmeras; origens, tendências e finalidades de tôdas essas pressões variam com as doutrinas sociais que as animam, com os interêsses que se encontram em jôgo, com as camadas sociais ou profissionais de onde elas brotam.

Há uma intervenção exterior permanente nas ações do Estado, de uma variedade impressionante e de uma intransigência que chega até à violência. Note-se bem que se trata de vontades coletivas organizadas, determinadas a se realizar, quer dizer em linguagem corrente, a ultrapassar suas prerrogativas e seus direitos em um impulso irresistível de afirmação ou de domínio. O número e a finalidade dessas *"vontades"* ultrapassam tôda imaginação. Assim, pode-se afirmar que:

> "Le groupe de pression n'est pas nécessairement un syndicat professionnel, ni même un groupement d'intérêts. Certins groupes sont constitués uniquement en vue de faire aboutir un projet déterminé." [25]

Eis portanto o verdadeiro substrato explosivo de todo grupo de pressão. Raros são aquêles que, uma vez atingidos seus fins específicos, declaram-se satisfeitos e permanecem dentro dos limites de seus direitos adquiridos ou de suas aspirações satisfeitas. Há como que uma atração irresistível do poder, no qual êles pretendem estar sempre presentes. Se essa inclinação se verifica mesmo para os grupos de pressão que

---

[25] Alfred Sauvy, *op. cit.*, p. 176.

nós chamamos visíveis, isto é, aquêles que têm uma existência legal e salutar por muitos lados, ela torna-se uma derradeira finalidade para os grupos de pressão ocultos, e sabendo êstes que sua existência e sua prosperidade estão indissolùvelmente ligadas à execução permanente e impiedosa dessa usurpação clandestina.

Não há mais sombra de dúvida de que a vida política e administrativa dos Estados modernos é sem cessar invadida, revolvida, agitada, influenciada, por facções mais ou menos poderosas, mais ou menos perigosas, para a boa marcha da Máquina estatal. Frequentemente o caso se complica pelo fato de que:

> "Às vêzes os interessados são membros do Parlamento e nem sempre se podem despir de interêsses individuais na apreciação do interêsse público". [26]

Pois o perigo que podem engendrar essas vontades em choque não é sòmente o de um prestígio ou de uma prioridade a salvaguardar; está em jôgo algo que pode fazer desviar a linha tradicional de uma política nacional, adulterar as linhas ideológicas do partido no poder, abalar a política econômica ou social de um govêrno, modificar — ao encontro da vontade geral — as linhas de uma política internacional, e, em alguns casos extremos sob a influência poderosa dos grupos ocultos, pôr em perigo a vida espiritual ou mesmo biológica da nação. É uma possibilidade que não se deve desprezar, mesmo se, na aparência, ela fôr extremamente difícil de descobrir.

A intervenção dêsses grupos de pressão na atividade governamental, especialmente administrativa, varia de um grupo a outro e de um país a outro, em conformidade com um número indefinido de elementos que estão relacionados, seja com a nação e o govêrno em causa, seja com os interêsses e a capacidade de realização do grupo visado:

A) Elementos que podem modificar a pressão dos grupos e que estão relacionados com a nação e o govêrno em causa:

---

[26] T. Brandão Cavalcanti, *op. cit.*, p. 13.

— caráter demasiado fraco ou autoritário do govêrno;

— estrutura moral da nação, poderosa ou fraca, que repercute também sôbre a atitude do govêrno.

— a existência ou a inexistência de verdadeiras *élites* políticas, conscientes de sua missão.

B) Elementos que podem influenciar a pressão dos grupos e estão relacionados com a sua capacidade de ação ou de ataque:

— a importância do objetivo perseguido. Tanto mais êsse objetivo está vinculado a interêsses estritamente pessoais, tanto mais êle estimula a capacidade de ação do grupo;

— a existência de um substrato ideológico afoita o grupo em sua pressão (oculta ou visível) sôbre o govêrno;

— presença de uma idéia religiosa, mística ou messiânica, na base do grupo;

— o desejo de dominar a todo preço.

Êsses elementos não são absolutamente restritos. Citamos alguns dêles a título de exemplo. A influência dêsses grupos de pressão é inegável, ainda que os governos não queiram reconhecê-lo e que os interessados evitem o mais possível confessar sua existência. É que as pressões mais importantes e mais perigosas para o futuro da nação não se exercem à luz do dia, sob uma forma legal e amplamente exposta ao julgamento da opinião. A maior parte são operações secretas e equívocas, ignoradas totalmente do grande público, acusando sua pressão no ponto nevrálgico ou fraco do govêrno, sendo freqüentemente êsse ponto uma só pessoa, vulnerável por sua natureza, por seus vícios, por suas convicções.

Indiscutìvelmente, essas intervenções indiretas sempre existiram. Mas elas nunca tiveram um porte tão combativo e excessivo como em nossos dias, a ponto de criar o têrmo "grupos de pressão".

Durante muito tempo, os partidos políticos desempenharam o nobre papel de defender os interêsses da coletividade nacional e, em princípio, de tôdas as coletividades intermediárias. Êles o desempenharam honradamente até o dia em que o Estado começou a mostrar-se por demais autoritário, fenômeno agravado pela aparição de poderosos grupos sociais ou

profissionais organizados e conscientes de sua fôrça. Os partidos tiveram que dividir a defesa da coletividade nacional com êsses organismos. Graças a êles, a defesa do indivíduo contra os abusos do Estado viu-se reforçada, mas ao mesmo tempo as operações extra-políticas dêsses grupos de pressão tornaram-se pletóricas. O indivíduo encontrou em algumas dessas ações um apoio real para a defesa de sua personalidade e de seus direitos. Em outros casos, entretanto, o indivíduo nacional não passa de joguete, de pretexto; as pressões têm uma finalidade inteiramente diferente, cujo resultado se volta justamente contra o indivíduo e suas aspirações íntimas.

A LEGITIMIDADE DA AÇÃO DOS GRUPOS DE PRESSÃO

A ação dos grupos de pressão é um fato. Ela existe em todos os países e age mais ou menos violentamente, de acôrdo com o temperamento, o grau de civilização e o estado político geral de cada nação. Eis porque afirmam que:

> "ter-se-iam de considerar os grupos de pressão como elementos de um sistema, de funcionamento normal e necessário, para a vida política e administrativa do país." [27]

Não há que duvidar: nossa época deve reconhecer a necessidade das intervenções dos grupos na vida social e política. Mesmo se essa intervenção fôr considerada como uma causa de perturbação e de instabilidade espiritual. Todos os teóricos concordam sôbre o fato de que:

> "Êsses grupos são cada vez mais numerosos e os interêsses que defendem são os mais variados. Nem sempre correspondem ao que se poderia chamar o interêsse público; freqüentemente são interêsses que qualificaríamos de ilegítimos, mas a verdade é que representam hoje no mecanismo social,

[27] T. Brandão Cavalcanti, *op. cit.*, p. 10.

especialmente no mecanismo administrativo, papel preponderante..." [28]

O grupo é sem dúvida um organismo de defesa de interêsses privados, que podem encontrar-se num dado momento em uma situação precária em relação aos poderes públicos ou a outras grupos organizados.

Sòmente, surge infalìvelmente a questão: de que gênero de grupos se trata para que a legitimidade de suas ações não seja contestada?

Diante do Estado, os indivíduos devem ser iguais, e as diversas categorias sociais, econômicas, profissionais, etc., devem usufruir de um estatuto similar. Portanto, qualquer categoria estaria no direito de exigir que suas ações fôssem consideradas como legítimas.

Por princípio, sim, não há inconveniente. Entretanto, na realidade, a legitimidade só pode ser concedida aos grupos cuja atividade se desenvolve às claras, no quadro preciso das leis existentes, por vias legais e em uma atmosfera de luta leal. É aí que vem integrar-se a noção de moral, tão indispensável à nossa vida moderna, complexa e incerta. Todo grupo de pressão que não se conforma com as prescrições e procura transgredir as regras mais elementares da vida comunitária, se coloca à margem da sociedade e deve ser combatido. Entravar as ações de semelhantes grupos, não é prejudicar a liberdade individual ou a liberdade de associação. Não é a associação em si que é visada, mas a mentalidade perniciosa daqueles que crêem poder abrigar-se sob uma fórmula jurídica para melhor se beneficiar com suas "manobras" aventureiras.

Tôda ação de um grupo organizado, por mais forte, exagerada, e absurda que ela seja, traz em si o signo da legitimidade desde que ela se manifeste sob a *forma clara* de uma reivindicação considerada legítima, e que seja capaz de afrontar o debate público, parlamentar ou jurídico, mesmo judiciário. Pois o grupo de pressão não se caracteriza sòmente pela legitimidade de seus interêsses ou pela falta dessa legitimi-

---

[28] T. Brandão Cavalcanti, *op. cit.*, p. 5.

dade, mas também e sobretudo pelos meios empregados para realizar seus desígnios. Não há outro critério para separar as duas grandes categorias de grupos de pressão. O inconveniente é que os grupos ocultos, os únicos perniciosos e a combater, zombam ao máximo da existência dessa legitimidade, pois tôda sua atividade se desenvolve na sombra, sem dar importância às exigências legais ou aos preceitos de qualquer moral.

A defesa dos interêsses particulares dos indivíduos é a razão de ser dos grupos de pressão. O govêrno, o Parlamento, podem fàcilmente cair no êrro de prejudicar os indivíduos, separadamente ou em grupo, seja por negligência, por má interpretação de uma regra, seja por abuso de poder. A defesa dêsses interêsses lesados volta simplesmente ao grupo organizado por falta de tôda possibilidade de ação direta por parte do indivíduo isolado, pois como diz Alfred Sauvy:

> "la défense des intérêts privés ne saurait être condamnée dans son principe." [29]

Entretanto, nós devemos ter em vista que êsses "*interêsses privados*" devem-se encontrar em uma perfeita correlação para com a comunidade social a que pertencem. É necessária uma justificação legal — por mínima que seja — para que sua legitimidade não seja contestada.

Os grupos devem aparecer não para criar novas classes de privilegiados, prestes a aniquilar aquêles que ainda não conseguiram organizar-se, mas com o fim único de restabelecer o equilíbrio precário, perigoso, existente entre os diversos grupos sociais que integrám a comunidade e o próprio Estado. Sacrificar ou sufocar por tempo demasiado os interêsses de qualquer grupo ativo da nação, é perpetuar um *estado pré-revolucionário,* e o govêrno que se obstina não está longe de ser expurgado.

O contrário não é menos penoso, pois satisfazer um número crescente de interêsses privados sob o simples motivo de que os particulares o exigem, é ceder à inclinação de sacri-

---

[29] Alfred Sauvy, *op. cit.*, p. 195.

ficar a comunidade, quer dizer os interêsses essenciais da vida do país. Eis porque se pode afirmar que a existência dos grupos de pressão constitui uma necessidade da vida moderna, mas que essa existência não deve ser levada à anarquia.

O interêsse privado não deve esquecer a presença constante de um interêsse geral no qual êle é obrigado a se integrar. O interêsse geral, por sua vez, deve lembrar-se sempre de que é obrigado a se manifestar em função de um número infinito de interêsses particulares que êle deve assimilar para estar de acôrdo com as aspirações da nação que êle representa e que êle defende. Essa oscilação constitui o enigma da paz social no seio de uma comunidade. Todo desajuste, todo abuso de um lado ou de outro cria um estado de insegurança social, precursora da tirania governamental ou da revolta popular.

Sòmente a legitimidade das exigências particulares garantidas pelos grupos de pressão e, por outro lado, a compreensão do Estado é que podem impedir que essa tensão tome formas extremas. Logo, se a tendência política do Estado é fàcilmente revelada, o mesmo não se pode dizer da legitimidade dos interêsses particulares. Estes são freqüentemente inconfessáveis. De onde podemos concluir que um dos critérios mais seguros para apreciar o valor social de um grupo de pressão é sua atividade clara, franca, ou totalmente disfarçada.

Combater a ação perniciosa dos grupos ocultos e esforçar-se para conseguir a harmonia em relação aos outros grupos de pressão, deveria ser uma das tarefas essenciais do Estado. Infelizmente, a realidade é justamente inversa, muitas vêzes. O que nos leva a concordar com as deduções de Alfred Sauvy, que diz:

> "Os revoltados nem sempre têm razão em sua ação, mas *os governos estão sempre errados quando se produz uma revolta;* pois que êles não souberam evitá-la, porque não fizeram o que era necessásário." [30]

---

[30] Alfred Sauvy, *op. cit.*, p. 207.

PIERRE TEILHARD DE CHARDIN E SEU PENSAMENTO NO PLANO FILOSÓFICO E RELIGIOSO

(Do "Osservatore Romano", de 2 de julho de 1962)

Transcorreram sete anos desde a morte do P. Pedro Teilhard de Chardin, e é cada vez mais viva sua memória.

Seus discipulos e admiradores continuam a exaltar-lhe a figura no plano humano e religioso. Muitos dêles exaltam-lhe o valor não comum no plano científico.

No entanto, os pareceres de outros estudiosos são discordes ao julgar sua tentativa de síntese cristã do saber.

Essas divergências tornam-se maiores após a leitura das obras póstumas publicadas até agora e daquelas que são difundidas em forma privada entre seus admiradores.

É lícito que nos associemos a quantos reconhecem a reta intenção da pessoa, e a contribuição por ela dada às pesquisas científicas, e, de modo particular, às paleontalógicas.

Não se pode porém deixar de quedar perplexos, a princípio, e depois, discordantes, quando as opiniões do P. Teilhard de Chardin se estendem do campo científico para os campos da filosofia e da teologia.

* * *

Um livro recente do P. De Lubac sôbre o pensamento religioso do P. Teilhard de Chardin, e do qual falaremos mais adiante, contêm certas críticas ao método usado por Teilhard de Chardin, taxando por ex. de defeituosas as análises conceituais usadas em seus ensaios, pois ao tratar neles das magnas questões, objeto de preocupação para todos os homens,

emprega noções e têrmos próprios só do ambiente científico que lhe era familiar. Respira a atmosfera das ciências naturais com as quais convivia.

Para nós, êsse defeito metodológico é grave e fundamental, pois Teilhard de Chardin com muita freqüência e de modo indébito transpõe para o plano metafísico e teológico os têrmos e conceitos de sua teoria evolucionística: transposição que é uma das causas da ambigüidade de seus conceitos, e também dos erros que se encontram nas obras de Teilhard, quer nas pubilcadas, quer nas policopiadas ou de qualquer outro modo difundidas.

Comecemos com o conceito de criação.

No ensaio inédito, (mas de vários conhecido), de 1950 com o título "Le Coeur de la Matière" lê-se: "Dans le monde, objet de la Création, la Métaphysique classique nous avait accoutumé à voir une sorte de production extrinsèque, issue par bienveillance débordante de la suprème efficience de Dieu. Invinciblement — et tout justement pour pouvoir à la fois pleinement agir et pleinamente aimer — je suis amené à y voir maintenant (conformément à l'esprit de Saint Paul) un mysterieux produit de Complétion et d'achèvement pour l'Etre absolut lui-même. Non plus l'Etre participé d'extraposition et de divergence, mais l'Etre participé de Plérômisation et de convergente. Effet non plus de causalité, mais d'Union, créatrice".

Union créatrice é um conceito que freqüentemente reaparece em Teilhard. "L'action créatrice, c'est à dire, unificatrice de Dieu" assim se lê no artigo "L'Esprit nouveau et le cône du temps" da revista Psyché, ns. 99-100, de 1955. Ora, sob o ponto de vista metafísico, debaixo do qual necessàriamente se deve estabelecer o conceito de criação, o aspecto da causalidade eficiente, produtora do ser, deve ser pôsto em evidência. A criação não se opõe à unificação, mas formalmente não é unificação.

Um outro conceito, familiar a Teilhard, neste assunto, é o "Néant" apresentado de um modo que nos deixa bem perplexo:

Êsse conceito não está apenas contido no ensaio "L'union créatrice", de 1917, e portanto já velho, mas está repetido

e explicado também no ensaio (inédito) "Comment je vois", de 1948. Diante de Deus, "aux antipodes de lui-même" acha-se "le Multiple pur" ou "Néant créable" o qual é uma virtualidade passiva. Escreve pois Teilhard: "Néant créable" qui n'est rien — et qui cependant par virtualité passive d'arrangement (c'est à dire d'union) est une possibilité, une imploration d'être, à laquelle... tout se passe comme si Dieu n'avait pas pu résister".

Assim também Teilhard tem expressões que fundadamente fazem crer que êle pensasse numa certa qual necessidade da criação.

Na filosofia, e na teologia clássica — segundo êle — a criação, "ou participação" (como acrescenta êle) tende a apresentar-se "comme un geste presque arbitraire de la Cause Première".

Pelo contrário, naquela que êle chama Metafísica da União, embora reafirmando "la self-suffisance et la self-détermination de l'Etre absolu", isto é, de Deus, fala ainda assim do ato criativo divino: "Fruit, en quelque manière d'une réflexion de Dieu, non plus en lui, mais en dehors de lui, la Plérômisation... c'est à dire, la réalisation de l'être participé par arrangement et totalisation — apparaît comme une sorte de réplique ou de symétrique à la Trinitisation. Elle vient combler un vide, en quelque façon. Elle trouve sa place."

Êste conceito vem mais expressamente sintetizado com estas palavras: "Pas de Dieu (jusqu'à un certain point), sans Union créatrice" (sempre em "Comment je vois").

Estas citações eram necessárias, e a elas poderiam juntar-se outras, para pôr em evidência as perigosas ambigüidades e os erros que se encontram em certas expressões de Teilhard sôbre o tradiconal conceito católico de criação (vejam-se os Concolios Lateranense IV e Vaticano I). Quando a "Metafísica clássica" afirma que Deus, criando, dá à criatura *todo* o ser, potencial, essencial e existencial, ao mesmo tempo, isto é, *"secundum totam suam substantiam"* (Vatic. I, Denz. 1805); quando põe em relêvo a perfeita e absoluta liberdade do ato criativo de Deus, *"liberrimo consilio"* (Vatic. I, Denz. 1783), a metafísica nada mais faz que repetir e explicar a doutrina dos dois Concílios.

E nós cremos que Teilhard não haja pôsto sempre suficientemente a salvo essas duas exigências da doutrina católica, isto é, dom da totalidade do ser da parte do Criador, excluída qualquer antecedente potencialidade (o que precisamente procura excluir a metafísica com as palavras "*ex nihilo sui et subjecti*") e a total ausência de qualquer necessidade, mesmo remota, que afete o ato criativo de Deus.

Na sua concepção das relações entre o Cosmos e Deus, Teilhard de Chardin tem pontos fracos que não podem ser deixados em silêncio.

É verdade que afirma explìcitamente e mais de uma vez a necessidade e a personalidade transcendente de Deus. Contudo, na lógica do pensamento teilhardiano, a transcendência divina não é expressa de modo suficiente.

Deus é apresentado como a suprema unidade que de algum modo incorpora a si o universo; dessa forma a unidade divina torna-se participante da multiplicidade cósmica, e Deus num certo sentido torna-se mais perfeito pela assimilação do cosmos.

Por ex,. no ensaio já citado "Le Coeur de la Matière" (que Tresmontant denomina sua auto-biografia espiritual) Teilhard afirma: "Par un de ces étranges effets d'inhibition... je ne me rendais pas compte que inévitablement, à mésure que des profondeurs de la Matière aux cimes de l'Esprit Dieu métamorphisait le Monde, — le Monde, en retour devait "endemorphiser" Dieu".

Continuando na leitura do mesmo ensaio, fica-se perplexo e tem-se a impressão exata de que as palavras de Teilhard não queiram exprimir apenas um ponto de vista limitado, próprio só de nosso modo de conhecimento, mas uma realidade que afetaria o próprio Deus. Deus, em certo sentido muda, aperfeiçôa-se, incorporando o mundo a si.

"Sous l'effet même de l'opération unitive qui le révèle à nous, Dieu en quelquer sorte se transforme, en nous incorporant. — Donc, non plus seulement Le voir, et se laisser envelloper et pénétrer par Lui. — mais *pari passu* (si non prémièrement) le découvrir (ou même en un sens l'achever) toujours plus autre... Autour de nous, par rencontre de son attraction et de notre Pensée, Dieu est en train de changer"...

Noutras passagens Teilhard usa os têrmos "complexité" ou "Unité complexe" falando de Deus. Também no último livro editado há algumas samanas "L'Energie humaine" lê-se: "Dieu n'est définissable que comme un *Centre de centres*. En cette complexité git la perfection de son Unité" (pág. 86).

Dá a êsses têrmos um significado coerente com seu pensamento, mas muito diverso de sua acepção comum, e procura explicá-los num sentido que poderia ser ortodoxo.

Seja como fôr, isso tudo não concorre para a clareza das posições: no mínimo, se trata de ambigüidades, causa de perigosos equívocos.

O conceito de unidade, de ação unificadora, estreitamente ligado à sua teoria evolucionista, é estendido e aplicado mais de uma vez por Teilhard à *ordem sobrenatural.*

Começa-se com um conceito pelo menos extranho, de Cristo.

O "Ponto Omega" é ao mesmo tempo Cristo ressuscitado: "Le Christ de la Révélation n'est pas autre que l'Oméga de la Evolution (*Le Christique*, ensaio inédito de 1955). Mais adiante: "Le Christ sauve. Mais ne faut-il pas ajouter immédiatemente qu'il est aussi sauvé par l'Evolution?" (ibid.)

No "Le Coeur de la Matière" lê-se mais: "Dans un Univers qui se découvrai pour moi en état de convergence, vous avez pris par droit de Réssurection, la position maîtresse de centre total où tout se ressemble".

No volume editado recentemente (1961)" "L'Hymne de l'Univers" Teilhard repete o mesmo conceito, mas com maior clareza: "Jésus, centre vers qui tout se meut, daignez nous faire, à tous, si possible, une place parmi les monades choisies et saintes qui, dégagées une à une du chaos actuel par votre sollicitude, s'aggrègent lentement en Vous, dans l'Unité de la Terre Nouvelle". (Pág. 80).

No ensaio já citado "Le Christique" fala-se sem ambages e "en sens vrai" duma "troisième nature" de Cristo, não humana, nem divina, mas *cósmica.*

Não queremos tomar à letra e "en sens vrai" quanto Teilhard escreve sôbre êste ponto, pois do contrário tratar-se-ia duma verdadeira heresia. Mas estas palavras evidentemente aumentam a confusão das idéias, já não pequena.

Com êsse método é fácil — e mesmo — lógico, ligar entre si *Criação*, *Encarnação* e *Redenção*.

De fato, escreve Teilhard: "Création, Incarnation, Rédemption tout en marquant chacune un dégré de plus dans la gratuité de l'operation divine, ne sont-elles trois actes indissolublement liés dans l'apparition de l'être participé?"

(L'âme du monde, ensaio inédito, de 1918).

Teilhard coloca, de um certo modo num mesmo plano da Evolução, êstes três mistérios: "Pas de Dieu (jusqu'à un certain point) sans Union créatrice. Pas de création, sans immersion incarnatrice. Pas d'Incarnation sans compensation rédemptrice. Dans une mátaphysique de l'Union, les trois mystères fondamentaux du Christianisme n'apparaissent plus que comme les trois faces d'un même mystère, celui de la Plérômisation" (Comment já vois, ensaio já citado).

Poder-se-ia fazer uma colheita de textos teilhardianos sôbre esta matéria. Mas terminemos com uma passagem tomada de "*Le Phénomène humain*" (ed. 1955): "Mais, en autre sens aussi, une prodigieuse opération biologique: celle de l'Incarnation rédemptrice... Par une action pérenne de communion et de sublimation il (isto é, Cristo) s'Agrège le psychisme total de la Terre" (pág. 327).

Lendo esta e outras afirmações de Teilhard (cfr. por ex. o artigo "L'Esprit nouveau et le cone du temps" em Psyché, ns. 99-100, págs. 59 e 60), temos por fôrça que dizer que para Teilhard de Chardin não é clara a distinção e a diferença entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, e que não se vê como se possa lògicamente salvar a total gratuidade desta última ordem, e portanto, da graça. Ora êsses conceitos são patrimônio do ensino católico comum e universal, e ainda recentemente foram evocados na Encíclica *Humani Generis* (Denz. 2318).

Outras críticas de importância podem ser feitas ao pensamento do P. Teilhard de Chardin.

Depois de haver lido as passagens acima citadas, não é de admirar que se tenha de constatar que Teilhard desconhece até mesmo as profundas diferenças existentes entre a matéria e o espírito, diferenças que na verdade não impedem relações mútuas (estando como estão substancialmente unidos

entre si no homem) mas que exigem uma discriminação essencial.

"Non pas l'Esprit par évasion hors de la Matière, — ni L'Esprit juxtaposé incompréhensiblement avec la Matière (thomisme), — mais l'Esprit émergeant (par opération pancosmique) de la Matière (Materia Matrix)."

Estas palavras acima lêem-se numa carta de Teilhard, de data de 13 de março de 1954, e publicada em Psyché, 1955, n. 99-100, pág. 9.

Sôbre êsse conceito, Teilhard insiste também no livro "L'Energie humaine" editado ùltimamente, como vimos acima: "Il n'y a pas, concrètement, de la Matière et le l'Esprit: mais il existe seulement de la Matière devenant Esprit. Il n'y a au monde ni Esprit, ni Matière: l'Etoffe de l'Univers est *l'Esprit-Matière.* Aucune autre substance que celle-ci ne saurait donner la molécule humaine" (pág. 74).

Na página 121 do mesmo livro, a propósito do espírito, e coerentemente com todo seu sistema evolucionista, Teilhard escreve: "Le phénomène spirituel n'est donc pas une sorte de bref éclair dans la muit: il trahit *un passage graduel et systématique* de l'inconscient au conscient. C'est *un changement d'État cosmique*". Já em "Le coeur de la Matière" tinha escrito: "L'Esprit, état supérieur de la Matière." Notar-se-á que na mesma página, Teilhard adverte que êle se atém a um ponto de vista puramente científico e experimental.

Tratando-se porém aqui de um assunto eminentemente metafísico, e que toca diretamente a tantos problemas teológicos, êle difìcilmente podia fixar-se sòmente no ponto de vista científico, sem correr o risco de (como de fato aconteceu) concluir com afirmações que não é fácil pôr de acôrdo com a doutrina católica.

É verdade que a distinção essencial entre espírito e matéria não foi explìcitamente definida; mas constitui um ponto de doutrina sempre ensinado pela filosofia cristã, isto é, aquela filosofia que Pio XII na encíclica *Humani Generis* designa como "in Ecclesia receptam et agnitam" (Denz. 2318).

Naturalmente no seu pensamento científico-religioso, Teilhard de Chardin tem um conceito próprio e original do mal e do pecado. Trata *ex professo* dêsse assunto num Apêndice

de "Le Phénomène humain" pág. 345 e segs. Para o fim da pág. 347 constata um certo excesso do mal no mundo, inexplicável por nossa razão "si à l'effet normal d'Evolution ne se sur-ajoute pas l'*effet extraordinaire* de quelque catrastrophe ou déviation primordiale..." Alusão clara ao pecado original.

Teilhard, porém, gosta de considerar o pecado mais de um ponto de vista coletivo do que individual, e no que respeita ao pecado original, mostra-se mais de uma vez contrário a uma transmissão hereditária. O que diz na passagem seguinte, Teilhard repete com poucas mudanças em muitas outras.

"... la nécessité theologique du baptème s'expliquant par la solidarité génétique de tous les homens au sein d'une humanité (impregnée de péché par nécessité statistique) où les liens collectifs se découvrent comme encore plus réels et plus profonds entre individus que toute liaison strictemente et linéairement héréditaire" (Comment je vois).

Sob êsse ponto o pensamento de Teilhard é muito desconcertante e não se conforma com a doutrina do Concílio de Trento sôbre o pecado de Adão (Denz. 790) doutrina retomada pela encíclica *Humani Generis* que ensina que o pecado original "procedit ex pecato vere commisso ab uno Adamo, quodque generatione in omnes transfusum, inest unicuique proprium" (Denz. 2328). Nota-o também o próprio P. De Lubac: "Qu'il (Teilhard) ne fût pas théologien de métier, c'est même ici peut-être que l'on s'en aperçoit le mieux".

Para terminar êste exame crítico, que por evidentes razões não pode ser completo, parece-nos ter que notar ainda uma vez a quase naturalização do sobrenatural, própria do sistema teilhardiano.

Queremos admitir que Teilhard, em sua vida pessoal, tenha tido uma intensa espiritualidade. Não temos intenção de fazer reparos à pessoa, mas a seu método e pensamento.

Por isso, não podemos segui-lo nem aprová-lo quando, na sua original ascese, depois de Deus coloca o Mundo numa posição e com um valor altos demais. Como em outras muitas páginas e lugares, assim também para a seguinte é necessá-

rio refazer por completo o significado, porque sua pena tomada de entusiasmo, o leva para muito além do que é razoável.

Lemos porém com verdadeira mágoa estas linhas: "Si par suite de quelque renversement intérieur, je venais à perdre successivement ma foi au Christ, ma foi en Dieu personnel, ma foi en l'esprit, il me semble que je continuerais à croire au Monde. Le Monde (la valeur, l'infallibilité et la bonté du Monde), telle est, en dernière analyse, la première et la seule chose à laquelle je crois. C'est par cette foi que je vis, et c'est à cette fois, je le sens, que, au moment de mourir, par dessus tous les doutes, je m'abandonnerai... A la foi confuse en un Monde Un et Infallible je m'abandonne, où qu'elle me conduise". (Comment je vois).

São palavras de 1934, mas quanto melhor teria sido que não houvessem sido jamais escritas!

* * *

Poderia alguém objetar a nossas críticas, que elas não consideram que nos escritos numerosos de Teilhard de Chardin, além dos textos por nós citados, muitos outros existem que poderiam anular muitas vêzes a interpretação negativa por nós apresentada. Seria portanto necessário ter presentes todos os textos, que são numerosíssimos, para poder julgar Teilhard com objetividade.

Também nós sabemos que Teilhard não poucas vêzes fêz afirmações não de todo coerentes, e às vêzes até contrárias ou contraditórias; queremos conceder que o pensamento de Teilhard tenha ficado numa fase problemática.

Seja como fôr, seus escritos em muitos pontos permanecem em todo caso mais ou menos em conflito com a doutrina católica.

Certamente o livro do P. de Lubac já citado constitui o estudo mais poderoso até agora publicado sôbre o pensamento religioso de Teilhard de Chardin. O livro põe em relêvo numerosos defeitos de Teilhard, mas em substância é uma defesa e elogio dêle. Com franqueza porém e lealdade devemos declarar que dissentimos do juízo substancialmente favorável pronunciado pelo P. de Lubac.

São bem mais importantes e fundamentais os pontos de discordância com o pensamento do P. Teilhard de Chardin; e por isso de modo algum podemos subscrever o seguinte categórico juízo proferido por De Lubac: "...l'Eglise Catholique, cette mère toujours féconde... peut reconnaître elle même avec joie qu'en Pierre Teilhard de Chardin elle a enfanté, tel que notre siècle en avait besoin, un authentique temoin de Jésus-Christ" (obra cit., p. 295).

Nosso século tem realmente uma extrema necessidade de autênticas testemunhas de Cristo: mas almejamos que elas não venham a inspirar-se no "sistema" científico-religioso de Teilhard.

Achamos necessário formular nossas críticas ao pensamento, não à pessoa — repetimos — pôr de sobreaviso os estudiosos, especialmente os jovens, contra os erros e as ambigüidades contidas nos escritos de Teilhard. E refletindo sôbre o que dissemos, parece-nos ter agido de acôrdo com o Monitum, que está publicado hoje, em nosso número.

* * *

Eis o *Monitum* em questão:

Advertência da Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício. — Estão sendo divulgadas algumas obras, editadas mesmo depois da morte do autor, do Padre Pedro Teilhard de Chardin, que conseguem não pequena aceitação. Deixando de lado o julgamento sôbre o que se refere às ciências positivas, é bem claro que em matéria filosófica e teológica as referidas obras pululam de tais ambiguidades, mais ainda de graves erros, que vão de encontro à doutrina católica. Por isso os Emmos. e Revmos. Padres da Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício exortam os Ordinários, não menos que os Superiores dos Institutos Religiosos, os Reitores de Seminários e de Universidades, a que protejam o espírito, principalmente dos jovens, contra os perigos das obras do Padre Teilhard de Chardin e de seus ásseclas. Dado em Roma, da Sede do Santo Ofício, no dia 30 de junho de 1962. — *Sebastião Masala*, Notário. (Cfr. *Acta Apostolicae Sedis*, 1962, pg. 526).

RESENHA DE LIVROS

F. GERRISH — *Pure Mathematics*. 758 págs. Cambridge University Press, 1960.

Êste livro de texto, dividido em 2 volumes (1.º volume: Cálculo; 2.º volume: Álgebra, Trigonometria, Geometria Anatítica), abrange aproximadamente os currículos básicos (1.º e 2.º ano) da maioria das nossas Escolas Superiores. O cunho é essencialmente prático: os autores quiseram escrever uma obra destinada ao preparo dos alunos das Universidades Inglêsas, aos exames exigidos no primeiro ano do Curso de Matemática. Conseqüentemente, os exercícios são numerosos e geralmente bem escolhidos. O capítulo referente às Funções de várias variáveis é particularmente feliz. Nossos alunos dos cursos de Matemática poderão tirar bom proveito da leitura do livro. Seria menos recomendável para os futuros Engenheiros ou futuros Físicos, pois as aplicações à Física (especialmente nos capítulos relativos às Equações Diferenciais) são raras.

Pierre Henri Lucie

W. E. MILLER & B. A. W. SPREADBURY — *Television Explained*. London. Iliffe & Sons Ltd.

Êste livro de 180 páginas, profusamente ilustrado, será apreciado pelos que, não tendo uma formação altamente especializada, querem entender os princípios de funcionamento e de contrôle da Televisão (Recepção), cujo interêsse está sendo renovado com as experiências com o Telstar e com os veículos espaciais.

Os autores procuram deliberadamente evitar qualquer formalismo matemático, preferindo explicar com palavras e com esquemas. Isto torna a leitura do livro extremamente atraente. Recomendamos particularmente os capítulos 19, 20 e 21, sôbre bases de tempo e sincronização.

Todos os estudantes de Física e de Engenharia tirarão um grande proveito da leitura dessa obra.

Índice: Antenas — Sinal — Recepção — Receptores de canal único — Sintonização de 5 canais na faixa I — Sintonizados de canais múltiplos — O Amplicador vídeo de FI — Osciladores para base de tempo — Circuitos para base de tempo — Sincronização — AGC — Receptores TV/FM — Instalação e operação do receptor.

Pierre Henri Lucie

FREI LUCAS MOREIRA NEVES, O. P. — *O Sacerdote a serviço da família*, Rio de Janeiro, Livraria Agír Editôra, 1962. In-12.º, 186 págs.

Êste pequeno mas rico volume é o primeiro da nova coleção publicada pela Editôra Agir: "Forma Gregis". O Autor quis colocar ao dispor de seus colegas no Sacerdócio os frutos da sua experiência apostólica "a serviço da família". Dêste pensamento generoso nasceu "um manual para os assistentes eclesiásticos do MFC".

A leitura dêste manual será uma revelação, não só para muitos sacerdotes, mas também para muitos casais: a descoberta do que deve ser uma espiritualidade matrimonial, um apostolado dos casais junto aos outros casais em prol da família.

Por isso mesmo, será também um convite ao exame de consciência sacerdotal, um estímulo para a ação, cujos traços e etapas Frei Lucas esboça com mão de mestre.

O livro integra quatro partes que descrevem as relações do Assistente com a vida do movimento, a direção espiritual dos casais (parte preciosa mesmo para o confessor não assistente), os retiros matrimoniais, a pastoral familiar.

O MFC nasceu da conjunção harmoniosa e orgânica entre apostolado familiar (contribuição americana) e espiritualidade matrimonial (desenvolvida sobretudo na Europa e particularmente na França). Esta espiritualidade será leiga: presença no mundo, inserção no mundo, consagração do mundo. Êste caráter leigo, contudo, não basta para que tenhamos uma espiritualidade especìficamente matrimonial: será ainda preciso "desvendar a profunda significação espiritual, mística dêste sacramento" (p. 31), "portador de graças próprias destinadas a conferir o cunho cristão à vida matrimonial nos seus mínimos aspectos" (ibid.). "O casamento é uma estrada de perfeição" (p. 32).

Aspectos magnìficamente expostos. Não obstante, teríamos gostado de ver o Autor, que não despreza a teologia, muito pelo contrário, relacionar mais claramente a graça sacramental do Matrimônio com os Sacramentos do Batismo, Crisma, Penitência e Eucaristia, cujas graças sacramentais vêm reavivar a do Matrimônio.

Esperamos que poderá desenvolver êste ponto numa futura edição. Nesta perspectiva, valorizaria o sacerdócio real "de consentimento e oferecimento" dos casados enquanto batizados (a expressão é de Penido), corrigiria uma expressão equívoca: "a espiritualidade de engajamento e não consagração a Deus pelos votos": entendemos que o Autor alude à vida religiosa, mas não devemos esquecer que os casados podem fazer votos privados, inclusive de castidade temporária (cf. o movimento Oasis), e assim desenvolver o dinamismo da virtude infusa de religião. A frase referida encontra-se na página 129.

Também a expressão de Cristo matrimonial, bela e bem explicada (p. 144) não deve fazer esquecer que o casado deve também, na Missa, viver em si "o Cristo sacerdotal" de que participa, não só pelo Batismo

e pela Eucaristia, mas ainda pelo consentimento matrimonial, em que êle é ministro de Jesus Sacerdote. Nem o Padre pode olvidar que por seu celibato participa do virginal amor de Cristo matrimonial para com sua única espôsa, a Igreja.

Uma pequena bibliografia completa o precioso livro. Por que não acrescentar no futuro a "Introdução à vida devota", escrita por um santo, doutor da Igreja, precisamente para uma mulher casada, assim como a notável obra do Pe. Beltrão: "Família e Política Social" (Agir), que tanto ajuda para entender melhor as raízes e os aspectos sociológicos de numerosos problemas conjugais e familiares? E mesmo a lista dos documentos pontifícios sôbre a família

Não queria terminar sem apresentar ao Autor a expressão da minha profunda gratidão pessoal pelos horizontes que me abriu seu tão agradável e atraente "manual".

Padre Bertrand de Margerie, S. J.

ANGEL SANTOS HERNANDEZ, S. J. — *Derecho Misional.* Sal Terrae, Santander, 1962, 587 p.

O Pe. Hernandez, professor de "missionologia" e teologia oriental, em Comillas (Espanha) e na Universidade Gregoriana, de Roma, oferece-nos, com êste volume, o sétimo duma coleção de doze que êle consagra à Missionologia no seu conjunto.

A obra é simultâneamente histórica, canônica e moral. O autor analisa não só o estatuto jurídico dos missionários estrangeiros e do clero indígena, mas ainda, — diríamos que isso é o ponto capital — os deveres missionários do Papado, do Episcopado e dos fiéis, sem olvidar as relações entre direito missionário e direito internacional.

Trata-se, numa palavra, duma preciosa obra de consulta. Embora o Brasil não seja nem terra de missão, nem (salvo algumas dezenas de brilhantes exceções) ainda país missionário, muitos problemas que surgem nas Prelazias (em particular a relação entre o Prelado e o Superior religioso do Instituto que fornece sacerdotes à prelazia) encontrariam aqui princípios de soluções (capítulos XIV-XV).

Pe. Bertrand de Margerie, S. J.

ANGEL SANTOS HERNANDEZ, S. J. — *Teologia bíblico-patrística de las Misiones.* Sal Terrae, Santander, 1962. 242 p.

Êste volume mais breve é uma outra parte da monumental missionologia escrita pelo Pe. Hernandez. Em três partes o Autor analisa a doutrina do Antigo Testamento, do N. T., e dos Padres da Igreja acêrca das Missões. Está muito ao par dos recentes debates (Bultmann) ou problemas exegéticos (os manuscritos do Mar Morto). Sem grande dificuldade mostra que o Pe. Charles se tinha enganado ao afirmar que os Padres da Igreja não apresentavam fundamentos para uma teologia mis-

sionária. A obra de S. Agostinho desmente tal sentença precipitada. É menos convincente quando tenta persuadir o leitor que o A. T. não só profetiza o anúncio universal da Boa Nova, mas ainda mostra-nos o povo judeu antes de Cristo como um povo missionário. Nem o livro de Jonas permite dizer que, antes de Jesus, Deus quis que os Judeus, duma maneira coletiva e organizada, anunciassem o monoteísmo aos Gentios.

Não obstante, o Autor frisa com razão o grande interêsse do Antigo Testamento para o missionário moderno: Jonas mostra que o Deus único não o é só dos Hebreus, mas ainda de tôdas as nações, e quer a salvação de todos. O Saltério, "cantado" pelos sacerdotes *católicos* do século XX, já manifestava ao povo escolhido a universalidade do Reino de Deus e de seu Messias.

Apesar de sua vasta erudição e de sua orientação moderna, o Autor ainda apresenta o Livro de Isaías (p. 56) como obra dum único autor. Mesmo a Bíblia de Jerusalém, com aprovação romana, admite (pp. 977-8) que êste livro grandioso foi composto em três épocas diferentes, antes, durante e depois do exílio, e por autores diferentes, embora todos tributários da mesma escola "isaiana".

As pequenas falhas apontadas não impedem a importância e a utilidade do livro, cuja leitura nos ajudará a entender melhor o Antigo Testamento, e a haurir nêle, assim como nos Padres, um novo estímulo para a difusão do Evangelho no mundo pagão: tal é a maior tarefa da Igreja numa humanidade em que a proporção dos cristãos diminui sem cessar! O livro do Pe. Hernandez favorecerá em particular os preciosos trabalhos dos "Estudantes Missionários", que, sob a liderança dos Padres do Verbo Divino, querem integrar sempre mais o Brasil na aventura missionária da Igreja Católica.

Pe. Bertrand de Margerie, S. J.

TOMO XIX (1962)

ÍNDICE GERAL

ARTIGOS DE COLABORAÇÃO

Fasc. 1-2, março-junho

Constituição Apostólica de S. Santidade o Papa João XXIII para promover o estudo do latim 3
Análise e Antologia da Encíclica "Mater et Magistra" 13
P. ARMANDO CARDOSO, S. J. — *O primeiro humanista do Brasil* 67
P. HÉBER SALVADOR DE LIMA, S. J. — *Uma tragédia virgiliana* 75
L. B. PUNTEL, S. J. — *Blondel e o Cristianismo. A propósito de um livro recente* 93
E. VILHENA DE MORAES — *A anistia aos Bispos, na Questão Religiosa, perante o Conselho de Estado* 105

Fasc. 3, setembro

Estatutos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro 1
P. CHARLES BOURGEOIS, S. J. — *Criar uma mentalidade ecumênica para o Concílio Ecumênico* 41
P. NICOLAU PRINCIPESSA ROSSETTI, S. J. — *No centenário de Luís Taparelli d'Azeglio, S. J.* 65
P. JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, S. J. — *Constelação cintilante no céu do Brasil* 81
FAUSTO BRADESCO — *A atualidade dos grupos de pressão (I)* .. 95

Fasc. 4, dezembro

P. FRANCISCO LEME LOPES, S. J. — *A mensagem espiritual do P. José de Oliveira Dias, S. J.* 131
† P. JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, S. J. — *De surpresa em surpresa. Crítica e impressões de uma leitura* 147
MANSUETO KOHNEN, O. F. M. — *O prêmio Nobel é ainda atual?* 179
P. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S. J. — *Félix Guisard* 191
FAUSTO BRADESCO — *A atualidade dos grupos de pressão (II)* .. 205

NOTAS E COMENTÁRIOS

Manifesto Universitário: em face dos grandes problemas econômico-sociais ..... III, 123

RESENHA DE REVISTAS

Pierre Teilhard de Chardin e seu pensamento no plano filosófico e religioso ..... IV, 231

RESENHA DE LIVROS

BELTRÃO, S. J., PE. PEDRO CALDERAN, *Família e Política Social* ..... I-II, 225
BOUILLARD, HENRI, *Blondel et le Christianisme* ..... I-II, 93
CAMARGO, CÂNDIDO PROCÓPIO FERREIRA DE — *Kardecismo e Umbanda* ..... III, 127
CARVALHO JR., MANOEL JOAQUIM DE, *A la Recherche de l'Etre* I-II, 225
EVELY, LOUIS, *Tu és êsse homem* ..... III, 129
GERRISH, F., *Pure Mathematics* ..... IV, 241
GILMONT, S. J., JEAN-FRANÇOIS, *Les Ecrits Epirituels des premiers Jésuites* ..... I-II, 227
IPARRAGUIRRE, S. J., IGNACIO, *Répertoire de Spiritualité Ignatienne* ..... I-II, 226
KOHNEN, O. F. M., MANSUETO, *História da Literatura Germânica* ..... III, 128
LÉZIER, O. S. U., *A Caminho do Pai. Livro do Mestre* .... I-II, 226
MILLER, W. E. & B. A. W. SPREADBURY, *Television Explained* IV, 241
NEVES, O. P., FREI LUCAS MOREIRA, *O sacerdote a serviço da família* ..... IV, 242
PEREIRA DA CUNHA, MARIA TERESA, *Nossa Senhora de Fátima Peregrina do Mundo, IV Jornada* ..... IV, 147
SANTOS HERNÁNDEZ, S. J., ANGEL — *Derecho Misional* .... IV, 243
SANTOS HERNÁNDEZ, S. J., ANGEL — *Teología bíblico-patrística de las Misiones* ..... IV, 243
SCHMIDT, MARIA JUNQUEIRA, *Também os pais vão à escola* III, 123
SÉRGIO, MANUEL — *Chuva. Poemas* ..... I, 227

ÍNDICE ANALÍTICO

AUTORES

BOURGEOIS, S. J., P. CHARLES, Doutor em Filosofia e Teologia, Licenciado em Letras e em Ciências Físico-Químicas, Encarregado de diversas missões religiosas entre os povos da Europa Oriental e entre os orientais do Brasil.

Criar uma mentalidade ecumênica para o Concílio Ecumênico III, 41

BRADESCO, FAUSTO, Doutor em Direito e diplomado pela Ecole des Hautes Etudes Internationales de Paris.

A Atualidade dos grupos de pressão ..... III, 95 e IV, 205

CARDOSO, S. J., P. ARMANDO, Provincial da Província do Brasil Central da Companhia de Jesus e Antigo Mestre de Noviços da mesma, Professor de Literatura Portuguêsa e Brasileira da Faculdade de Nova Friburgo. Autor da tradução do *De Beata Virgine* e do *De rebus gestis Mendi de Saa* do Venerável P. José de Anchieta.

O primeiro humanista do Brasil ..... I-II, 67

KOHNEN, O. F. M., MANSUETO, Catedrático de Língua e Literatura Alemã na Universidade do Brasil, Catedrático de Literatura Alemã e Professor de História das Artes na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Dr. phil., Dr. litt. h. c. (Siena College, N. Y.), Secretário da "Commissio Marialis Franciscana" (Roma), Sócio da Pro Arte (São Paulo), do Instituto Hans Staden (São Paulo), da "Internationale Vereiningung für germanische Sprach und Litteraturwissenschaft" (Kopenhagen), do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Rio de Janeiro). Autor de *História da Literatura Germânica* (2 vols.), *Síntese histórico-literária das Letras Germânicas, Gertrud von le Fort e a idéia do "Reich", Rainer Maria Rilke, o Realismo Germânico, O Romantismo nas Letras Germânicas.*

O prêmio Nobel é ainda atual? ..... IV, 179

LEME LOPES, S. J., P. FRANCISCO, Profensor de Filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Redator de VERBUM, Ex-Professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia S. J. de Nova Friburgo. Autor de *Introdução à Filosofia* e *A pena de morte.*

A mensagem espiritual do P. José de Oliveira Dias, S. J. IV, 131

LIMA, S. J., P. HÉBER SALVADOR DE, Professor de Literatura na Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, Licenciado em Filosofia pela mesma Faculdade, "Bachelor of Arts" pela Universidade de Londres.

Uma tragédia virgiliana ..... I-II, 75

† OLIVEIRA DIAS, S. J., P. JOSÉ DE

Constelação cintilante no céu do Brasil ..... III, 81

De surpresa em surpresa. Crítica e impressões de uma leitura IV, 147

PUNTEL, S. J., L. B., Professor de Filosofia na Faculdade de São Leopoldo.

Blondel e o Cristianismo. A propósito de um livro recente I-II, 93

ROSSETTI, S. J., P. NICOLAU PRINCIPESSA, Doutor em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Professor de Moral Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas São Luís, Antigo Professor da Faculdade de Filosofia S. J. de Nova Friburgo e da Faculdade Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Do Instituto de Direito Social de São Paulo. Autor de *Capital e Trabalho na concepção católica* e *Inquérito Social sôbre o salário mínimo em São Paulo*; organizador da edição brasileira da obra de TAPARELLI D'AZEGLIO sôbre *Direito Natural.*

No centenário de Luís Taparelli d'Azeglio, S. J. ..... III, 65

VILHENA DE MORAES, EUGENIO, Diretor titular do Arquivo Nacional, Sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e efetivo do Instituto de Geografia e História Militar e Correspondente do Instituto do Ceará, Membro honorário do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia onde durante 20 anos representou o Ministério da Justiça, Antigo professor de História Universal e do Brasil no Instituto de Educação, Assessor técnico nomeado na IIª Reunião de Consulta Pan-Americana de Geografia e Estatística reunida no Rio de Janeiro em 1944, Hóspede de honra do Govêrno de Cuba por tomar parte na Iª Reunião Plenária do Comité Interamericano de Arquivos realizada em Havana em 1950, Delegado do Brasil e Segundo Vice-Presidente de Honra na 2.ª Sessão da V Assembléia Geral do Instituto Pan-Americano de Geografia e História reunido em Santiago do Chile em 1950, Membro da Sociedade Internacional dos Arquivos com sede em Paris, Antigo Redator do "Jornal do Commercio", Cavaleiro da Ordem Militar, Comendador da Instrução Pública de Portugal e da Ordem de Afonso V, o Sábio, da Espanha. Autor de numerosos tdabalhos em prosa e verso, de temas relativos à história militar e religiosa, sobretudo no que se refere à biografia de Caxias e ao culto da Virgem Santíssima, tendo sido o fautor das edições dos poemas inéditos do Venerável P. José de Anchieta "De Beata Virgine" e "De rebus gestis Mendi de Saa".

A anistia aos Bispos, na Questão Religiosa, perante o Conselho de Estado ..... I-II, 225

VIOTTI, S. J., P. HÉLIO ABRANCHES, Professor de História do Colégio São Luís de São Paulo, Ex-Diretor do mesmo, do Colégio Antônio Vieira da Bahia, da Faculdade de Ciências Econômicas S. Luís, do Instituto de Cultura Religiosa Sedes Sapientiae, Ex-Professor de Doutrina Católica na Faculdade Sedes Sapientiae, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e de Minas Gerais.

Félix Guisard ..... IV, 191

Constituição Apostólica de S. Santidade o Papa João XXIII para promover o estudo do latim ..... I-II, 3

Análise e Antologia da Encíclica "Mater et Magistra" (P. MANUEL FOYACA, S. J.) ..... I-II, 13

Estatutos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro ..... III, 1

Manifesto Universitário: em face dos grandes problemas econômico-sociais ..... III, 123

Pierre Teilhard de Chardin e seu pensamento no plano filosófico e religioso ..... IV, 231

MATÉRIAS

Biografia:

LEME LOPES, S. J., P. FRANCISCO — *A mensagem espiritual do P. José de Oliveira Dias, S. J.* ..... IV, 131
ROSSETTI, S. J., P. NICOLAU PRINCIPESSA — *No centenário de Luís Taparelli d'Azeglio, S. J.* ..... III, 65
VIOTTI, S. J., P. HÉLIO ABRANCHES — *Félix Guisard* .... IV, 191

Cultura Religiosa:

BOURGEOIS, S. J., P. CHARLES — *Criar uma mentalidade ecumênica para o Concílio Ecumênico* ..... III, 41
† OLIVEIRA DIAS, S. J., P. JOSÉ DE — *Constelação cintilante no céu do Brasil* ..... III, 81
De surpresa em supresa. Crítica e impressões de uma leitura ..... IV, 147
PUNTEL, S. J., L. B. — *Blondel e o Cristianismo. A propósito de um livro recente* ..... I-II, 93
Pierde Teilhard de Chardin e seu pensamento no plano filosófico e religioso ..... IV, 231

História;

VILHENA DE MORAES, E. — *A anistia aos Bispos, na Questão Religiosa, perante o Conselho de Estado* ..... I-II, 105

Humanismo:

Constituição Apostólica de S. Santidade o Papa João XXIII para promover o estudo do latim ..... I-II, 3

CARDOSO, S. J., P. ARMANDO — *O primeiro humanista do Brasil* . ..... I-II, 67
LIMA, S. J., P. HÉBER SALVADOS DE — *Uma tragédia virgiliana* . ..... I-II, 75

Literatura:

KOHNEN, O. F. M., MANSUETO — *O prêmio Nobel é ainda atual?* . ..... IV, 179

Sociologia:

Análise e Antologia da Encíclica "Mater et Magistra" (P. MANUEL FOYACA, S. J.) ..... I-II, 13
BRADESCO, FAUSTO — *A atualidade dos grupos de pressão* III, 95 e IV, 205
Manifesto Universitário: em face dos grandes problemas econômico-sociais . ..... III, 123

Universidade:

Estatutos da Pontifícia Univedsidade Católica do Rio de Janeiro . ..... III, 1

P. JOAQUIM ROCHA, S. J.

O PROBLEMA DA VOCAÇÃO RELIGIOSA

Um livro profundamente esclarecedor das consciências a respeito do chamado de Deus a um estado de vida mais perfeita.

Muito útil para os candidatos às Ordens e Congregações Religiosas, quer masculinas quer femininas.

Indispensável instrumento de trabalho para o Diretor Espiritual de jovens.

Pedidos para
A. E. C.
Rua Martins Ferreira, 23
Botafogo — **Rio de Janeiro**

Preço: Cr$ 65,00

P. FRANCISCO LEME LOPES, S. J.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

Guia seguro para uma primeira incursão pelos domínios da Filosofia.

Calculado para um curso de duas aulas semanais.

Adotado em várias instituições de ensino.

Preço: Cr$ 75,00

Pedimos a nossos assinantes dirijam tôda correspondência para VERBUM — Rua São Clemente, 226 — Rio

NOVOS TÍTULOS DA AGIR PARA 1963

Relacionamos a seguir alguns dos títulos que a Editôra AGIR lançará, a maioria dêles ainda no primeiro semestre dêste ano. Trata-se apenas de uma parte do programa para 1963. Outros livros importantes deverão ser editados no decorrer do ano, e serão anunciados, oportunamente.

Coleção "Família"

A CRIANÇA, ESSA INCOMPREENDIDA, por **Hans Muller-Eckhard**
OS DEFEITOS DOS PAIS, por **André Berge**
TRATADO PRÁTICO DE ANÁLISE DO CARÁTER, por **Gaston Berger**

Coleção "Forma Gregis" (uma nova coleção, destinada principalmente ao clero, que tem encontrado grande ressonância no meio sacerdotal)

PREGAÇÃO MISSIONÁRIA DO EVANGELHO, pelo P.e **Hitz**

Coleção "Juventude"

QUEREMOS VER O CRISTO, por **Guerre e Zinty**
O DIÁRIO DE ANA MARIA, por **Michel Quoist**

Coleção "Temas Atuais"

NEO-CAPITALISMO, SOCIALISMO, SOLIDARISMO, pelo P.e **Fernando Bastos de Ávila**

Coleção "Escola e Vida"

RECREAÇÃO, por **Ruth Gouvêa**
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, por **Maria Junqueira Schmidt** e **Maria de Lourdes Souza Pereira**

Coleção IEPS (Instituto de Estudos Políticos e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica)

FUNDAMENTOS DA POLÍTICA SOCIAL, pelo Prof. **Estanislau Fischlowitz**

DIVERSOS

RESTAURAR A FAMÍLIA EM CRISTO, pelo Frei **Lucas Moreira Neves**
(Trata-se de uma publicação para o Movimento Familiar Cristão)

PSICOLOGIA EDUCACIONAL, por **William A. Kelly**

QUESTÕES ABERTAS, por **Thomas Merton**

TRATADO DE FILOSOFIA — Psicologia, por **Régis Jolivet**

A FILOSOFIA MORAL — Exame Histórico e Crítico dos Grandes Sistemas, por **Jacques Maritain**

Pedidos à livraria de sua preferência ou à

Livraria AGIR *Editôra*

Rua Bráulio Gomes, 125 — Tel.: 34-8300 — Caixa Postal 6040 — São Paulo — SP
Rua México, 98-B — Tel.: 42-8327 — Caixa Postal 3291-ZC-00 — Rio de Janeiro — GB
Av. Afonso Pena, 919 — Tel.: 2-3038 — Caixa Postal 733 — Belo Horizonte — MG

Endereço telegráfico: "AGIRSA"

Atendemos pelo Serviço de Reembôlso Postal

0465TC LBC 198
08-05-04 32180 XL

Princeton Theological Seminary Library
1 1012 01457 1543
For use in Library only

For use in library only